



**UNIVERSIDADE FEDERAL DE RORAIMA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO (PPGCOM)  
MESTRADO EM COMUNICAÇÃO**

**PAULO THADEU FRANCO DAS NEVES**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL RORAIMENSE  
ATRAVÉS DOS JORNAIS DA URES**

**BOA VISTA/RR  
2023**

**PAULO THADEU FRANCO DAS NEVES**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL RORAIMENSE  
ATRAVÉS DOS JORNAIS DA URES**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Roraima como requisito obrigatório para o título de Mestre em Comunicação.

**Linha de Pesquisa:** Comunicação, Memória e Identidades

**Orientador:** Prof. Dr. Lucas Milhomens Fonseca

**BOA VISTA/RR  
2023**

Dados Internacionais de Catalogação na publicação (CIP)  
Biblioteca Central da Universidade Federal de Roraima

N518m Neves, Paulo Thadeu Franco das.  
Memória e identidade do movimento estudantil  
roraimense através dos jornais da URES / Paulo Thadeu  
Franco das Neves. – Boa Vista, 2023.  
106 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Lucas Milhomens Fonseca.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Federal de  
Roraima, Programa de Pós-Graduação em Comunicação.

1 – Movimento Estudantil. 2 – Amazônia. 3 – Roraima. 4 –  
URES. 5 – Memória. I – Título. II – Fonseca, Lucas Milhomens  
(orientador).

CDU – 301.153.2(811.4)

**PAULO THADEU FRANCO DAS NEVES**

**MEMÓRIA E IDENTIDADE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL RORAIMENSE  
ATRAVÉS DOS JORNAIS DA URES.**

---

Prof. Dr. Lucas Milhomens Fonseca  
PRESIDENTE DA BANCA  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

---

Prof. DR. Sérgio Roberto Trein.  
MEMBRO  
Universidade Federal de Roraima - UFRR

---

Prof.<sup>a</sup> Dr.<sup>a</sup> Ivânia Maria Carneiro Vieira  
MEMBRA  
Universidade Federal do Amazonas - UFAM

## **AGRADECIMENTOS**

Ao meu bom Deus pelo sopro da vida para continuar a minha caminhada.  
Aos meus pais Antonio Franco das Neves (In memoriam) e Ebenezer Batista das Neves.

Ao meu orientador, amigo e professor Lucas Milhomens.

Aos professores da banca Sérgio Roberto Trein e Ivânia Maria Carneiro Vieira.

Aos demais professores e colegas do PPGCOM-UFRR.

A minha amiga e jornalista Adriana Cruz pelo incentivo.

Ao meu companheiro de todas as horas e apoio John Silva Pereira.

Aos demais familiares, amigos, amigas e camaradas que acreditam numa sociedade mais justa e fraterna.

Nossa saudação a quem ousar lutar, ousar vencer.

Ao líder estudantil da Comissão Pró-URES de 1988, Jacó Alves (In memoriam).



## RESUMO

A presente Dissertação traz como objeto de estudo a memória e identidade do movimento estudantil roraimense através dos jornais da União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES), fundada no dia 27 de julho de 1952, com o nome de União Riobranquense de Estudantes Secundaristas, época em que o Estado de Roraima ainda era Território Federal do Rio Branco. Para isso, elegeu-se como fontes de pesquisa os Jornais impressos: “A Gazeta Estudantil (1955)”, “O Estudantil (1960-1964)” e “O Movimento (1997-2001)”. Jornais sob a responsabilidade da URES, os quais teve por ciclos: o primeiro que inicia com a fundação da URES em 1952 até o ano de 1964, quando ocorreu o golpe civil-militar. O segundo subdividido em duas etapas, que inicia em 1988 com a reconstrução da URES, até o ano de 2001 quando circulou a última edição impressa do jornal “O Movimento”. E a segunda etapa com o surgimento de outras organizações estudantis culminando, politicamente, com a eleição em 2022 do presidente da República Luís Inácio Lula da Silva. A pesquisa identifica os desafios enfrentados pelas redações dos impressos: atores, rotinas, produção, convergências, materialidades, linguagem, produtos, circulação e estratégias usadas pelas equipes nos períodos de circulação dos jornais. Desse modo, o acervo é constituído de matérias, editoriais e artigos assinados que nos permitiu (re)constituir elementos da memória e identitários dos estudantes roraimenses. O campo teórico que embasou o estudo foi balizado a partir dos eixos: teorias da comunicação, teoria dos movimentos sociais, além da memória coletiva, identidade social. Para entender o processo de construção da identidade e memória do movimento estudantil roraimense, percorremos os caminhos da mediação que o informativo fez com esse segmento do movimento social. Ademais, o contexto das relações sociais tem como aporte o materialismo histórico dialético proposto por Marx & Engels (1977), pois nos permite estudar a sociedade local em que o movimento estudantil atuou em diferentes ciclos. Já a abordagem da pesquisa é de natureza qualitativa através do uso de técnicas que permitiu examinar, problematizar os jornais da época, bem como o uso de entrevistas com pessoas que participaram das equipes de redação do informativo, além de integrantes que compuseram a diretoria da URES. Dessa forma, é possível inferir que a atuação do movimento estudantil roraimense fez (e ainda faz) parte do debate e da própria ação enquanto Movimento Social na Amazônia, tendo, neste caso, os estudantes como protagonista de suas lutas, utopias e/ou carências.

**Palavras-Chave:** Movimento Estudantil; Amazônia; Roraima; URES; Memória

## RESUMEN

Esta disertación trae como objeto de estudio la memoria y la identidad del movimiento estudiantil de Roraima a través de los periódicos de la União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES), fundada el 27 de julio de 1952, con el nombre de União Riobranquense de Estudantes Secundaristas, en la época en que el Estado de Roraima seguía siendo el Territorio Federal de Rio Branco. Para ello, se escogieron como fuentes de investigación los periódicos impresos: “A Gazeta Estudantil (1955), “O Estudantil (1960-1964)” y “O Movimento (1997-2001). Periódicos a cargo de la URES, que tuvieron ciclos: el primero desde la fundación de la URES en 1952 hasta 1964, cuando se da el golpe cívico-militar. La segunda subdividida en dos etapas, que se inicia en 1988 con la reconstrucción de la URES, hasta 2001 cuando circula la última edición impresa del periódico “O Movimento”. Y la segunda etapa con el surgimiento de otras organizaciones estudiantiles culminando, políticamente, con la elección en 2022 del Presidente de la República Luís Inácio Lula da Silva. La investigación identifica los desafíos que enfrentan las redacciones: actores, rutinas, producción, convergencias, materialidades, lenguaje, productos, circulación y estrategias utilizadas por los equipos en los períodos de circulación de los diarios. De esta forma, la colección se compone de materiales, editoriales y artículos firmados que permitieron (re)constituir elementos de memoria e identidad de los estudiantes de Roraima. El campo teórico en el que se basó el estudio se basó en los ejes: teorías de la comunicación, teoría de los movimientos sociales, además de la memoria colectiva, la identidad social. Para comprender el proceso de construcción de la identidad y la memoria del movimiento estudiantil de Roraima, recorrimos los caminos de mediación que el boletín hizo con este segmento del movimiento social. Por otra parte, el contexto de las relaciones sociales se sustenta en el materialismo histórico dialéctico propuesto por Marx & Engels (1977), ya que permite estudiar la sociedad local en la que actuó el movimiento estudiantil en diferentes ciclos. El enfoque de la investigación es de carácter cualitativo mediante el uso de técnicas que permitieron examinar y problematizar los diarios de la época, así como el uso de entrevistas a personas que participaron en los equipos editoriales del boletín, además de integrantes que integraron el directorio de la URES. De esta forma, es posible inferir que la actuación del movimiento estudiantil de Roraima fue (y sigue siendo) parte del debate y de la propia acción como Movimiento Social en la Amazonia, en este caso, trato de ver a los estudiantes como protagonistas de su luchas, utopías y/o necesidades

**Palabras clave:** Movimiento Estudiantil; Amazônia; Roraima; URES; Memoria



## ABSTRACT

This Dissertation brings as object of study the memory and identity of the Roraima student movement through the newspapers of the União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES), founded on July 27, 1952, with the name União Riobranquense de Estudantes Secundaristas, at the time that the State of Roraima was still the Federal Territory of Rio Branco. For this, the printed newspapers were chosen as research sources: “A Gazeta Estudantil (1955), “O Estudantil (1960-1964)” and “O Movimento (1997-2001). Newspapers under the responsibility of URES, which had cycles: the first starting with the founding of URES in 1952 until 1964, when the civil-military coup took place. The second subdivided into two stages, which begins in 1988 with the reconstruction of URES, until 2001 when the last printed edition of the newspaper “O Movimento” circulated. And the second stage with the emergence of other student organizations culminating, politically, with the election in 2022 of the President of the Republic Luís Inácio Lula da Silva. The research identifies the challenges faced by newsrooms: actors, routines, production, convergences, materialities, language, products, circulation and strategies used by the teams in the newspapers' circulation periods. In this way, the collection is made up of materials, editorials and signed articles that allowed us to (re)constitute elements of memory and identity of students from Roraima. The theoretical field on which the study was based was based on the axes: communication theories, theory of social movements, in addition to collective memory, social identity. In order to understand the construction process of identity and memory of the Roraima student movement, we went through the paths of mediation that the newsletter made with this segment of the social movement. Moreover, the context of social relations is supported by the dialectical historical materialism proposed by Marx & Engels (1977), as it allows us to study the local society in which the student movement acted in different cycles. The research approach is of a qualitative nature through the use of techniques that allowed examining and problematizing the newspapers of the time, as well as the use of interviews with people who participated in the editorial teams of the newsletter, in addition to members who made up the board of URES. In this way, it is possible to infer that the performance of the Roraima student movement was (and still is) part of the debate and of the action itself as a Social Movement in the Amazon, in this case, I try to see students as protagonists of their struggles, utopias and/or needs.

**Keywords:** Student Movement; Amazon; Roraima; URES; Memory

“A arte da imprensa revolucionou todo o mundo cultural, dando à memória um subsídio de valor inestimável e permitindo uma extensão inaudita da atividade educacional” (GRAMSCI, 2001, p. 67).

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Estudantes fazem campanha pelo “O Petróleo é nosso” .....	20
Figura 2 – Estatuto da URES, averbação feita no dia 12 de maio de 1954 no livro de registro de pessoa jurídica do Cartório Deusdete Coelho - Território Federal .....	29
Figura 3 – Ofício da URES enviado ao Tabelião Deusdete Coelho - Cartório da Comarca de Boa Vista, setembro de 1961 .....	30
Figura 4 – Boletim Oficial - Decreto municipal que reconhece de utilidade pública a URES, abril de 1959 .....	32
Figura 5 – Ofício da URES de 22 de janeiro de 1962, endereçado ao senhor Deusdete Coelho, Tabelião da Comarca de Boa Vista, informando a nova composição da diretoria da URES .....	34
Figura 6 – Edição/capa n.º 03, A Gazeta Estudantil - URES, 13 de Fevereiro de 1955 .....	54
Figura 7 – Edição n.º 01, Capa do O Estudantil - URES, 10 de Outubro de 1960 ....	56
Figura 8 – Edição nº 05, Capa do O Estudantil - URES, 28 de Maio de 1961 .....	57
Figura 9 – Edição n.º 06, Capa do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961 .....	59
Figura 10 – Edição n.º 06, pág. 2 do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961 ....	61
Figura 11 – Edição n.º 06, pág. 3 do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961 ....	62
Figura 12 – Edição n.º 06, pág. 4 do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961 ....	63
Figura 13 – Edição nº 10, capa do O Estudantil - URES, 13 de Setembro de 1961. ....	65
Figura 14 – Edição nº 16, capa do O Estudantil - URES, 04 de Agosto de 1962 .....	66
Figura 15 – Edição n.º 22, capa do O Estudantil - URES, 26 de fevereiro de 1964 ..	67
Figura 16 – Página 03 da edição número 18 do Jornal O Estudantil, de 13/12/1962	71
Figura 17 – Edição nº 11 do jornal O Estudantil, página 04, 25/12/1961- “Riobranquense preside a UPES” .....	72
Figura 18 – Edição nº 16 do jornal O ESTUDANTIL, com a data de 04 de agosto, página 02, com destaque para o discurso do presidente da URES, estudante José Montenegro Peixoto .....	73
Figura 19 – Lideranças da URES na campanha pela construção da sede própria da entidade .....	76
Figura 20 – Primeira edição do Jornal O Movimento, junho de 1997 .....	78
Figura 21 – Capa da edição de número 04 do jornal da URES, O Movimento, outubro de 1997 .....	79

Figura 22 – Capa do Jornal O Movimento, Ano V, edição 001, maio de 2001 .....	80
Figura 23 – Capa do Jornal O Estudantil, edição 13, 06 de junho 1962 .....	90
Figura 24 – Edição n.º 19 Capa do Jornal O Estudantil 16 de fevereiro de 1963 .....	92

## SIGLAS

PP	Partido Progressista
PTB	Partido Trabalhista Brasileiro
ANPG	Associação Nacional de Pós-Graduados
URES	União Roraimense dos Estudantes Secundaristas
UBES	União Brasileira dos Estudantes
UNE	União Nacional dos Estudantes
PT	Partido dos Trabalhadores
PCB	Partido Comunista Brasileiro
PCdoB	Partido Comunista do Brasil
ANL	Aliança Nacional Libertadora
EUA	Estados Unidos da América
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviética
UJC	União da Juventude Comunista
COMOCI	Comissão de Moral e Civismo
MEC	Ministério da Educação e Cultura
USAID	Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional
MDB	Movimento Democrático Brasileiro
SNI	Serviço Nacional de Informação
UME	União Metropolitana dos Estudantes
PRN	Partido da Reconstrução Nacional
PSDB	Partido da Social Democracia Brasileira
FHC	Fernando Henrique Cardoso
PSL	Partido Social Liberal
OMS	Organização Mundial da Saúde
PL	Partido Liberal

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	<b>12</b>
<b>1 A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO: AS LUTAS POLÍTICAS DOS ESTUDANTES NO BRASIL, NA AMAZÔNIA E EM RORAIMA</b> ..	<b>15</b>
1.1 A FUNDAÇÃO da União Nacional dos Estudantes (UNE) e DA União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES).....	15
1.2 Estudantes direitistas e conservadores assumem o comando da UNE. Na UBES a direita racha o movimento secundarista .....	20
1.3 O movimento estudantil na Amazônia .....	24
1.4 A fundação da União riobranquense dos estudantes secundaristas - ures .....	28
<b>2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DO GOLPE AOS PRIMEIROS DIAS DA DITADURA CIVIL-MILITAR ATÉ OS DIAS ATUAIS</b> .....	<b>36</b>
2.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO PRÉ-DITADURA CIVIL MILITAR.....	36
2.2 PERÍODO DA DITADURA MILITAR DE 1964-1985 E A ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTRA O REGIME MILITAR.....	38
2.3 A NOVA REPÚBLICA E A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 1985 ATÉ OS DIAS ATUAIS.....	42
<b>3 A MÍDIA HEGEMÔNICA E MÍDIA CONTRA HEGEMÔNICA E OS JORNAIS ESTUDANTIS DA URES</b> .....	<b>49</b>
3.1 A ATUAÇÃO DOS JORNAIS ESTUDANTIS .....	49
3.2 OS JORNAIS ESTUDANTIS DA URES .....	50
3.3 ANÁLISE DOS JORNAIS DA URES “A GAZETA ESTUDANTIL”, “O ESTUDANTIL” E “O MOVIMENTO”, ASPECTO, METODOLOGIA, REFLEXÕES E TEORIAS .....	52
3.4 JORNAL O ESTUDANTIL: DO MIMEÓGRAFO À TIPOGRAFIA .....	59
3.5 O <i>ESTUDANTIL</i> E A ESTÉTICA.....	64
3.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IDENTIDADE SOCIAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA NOS JORNAIS DA URES .....	68
<b>4 A RECONSTRUÇÃO DA URES, O JORNAL O MOVIMENTO E A VIRADA DECOLONIAL</b> .....	<b>77</b>
4.1 A VOLTA DA URES E O JORNAL O <i>MOVIMENTO</i> .....	77
4.2 TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E O PENSAMENTO DECOLONIAL .....	79
4.3 APRESENTAÇÃO E LEVANTAMENTO DA QUANTIDADE DE JORNAIS DA URES RECUPERADOS .....	84
4.4 PRIMEIRA FASE: A GAZETA ESTUDANTIL - 1955 .....	85
4.5 SEGUNDA FASE: O ESTUDANTIL (1960-1964).....	86
4.6 TERCEIRA FASE: JORNAL O MOVIMENTO (1997-2001).....	93
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	<b>97</b>
REFERÊNCIAS.....	104

## INTRODUÇÃO

Quando falamos de movimento estudantil brasileiro, estamos falando da história política do Brasil, de participação e atuação junto aos movimentos sociais. O movimento estudantil tem uma trajetória de lutas por meio das mobilizações sociais. Os estudantes sempre estiveram na vanguarda desses movimentos, seja no Brasil ou no mundo.

Poener (1979), em sua obra "O Poder Jovem – História da participação política dos estudantes brasileiros", afirma que as ideias estudantis são sempre inovadoras, ousadas muitas vezes, à frente de sua época. Ele cita trechos de Contos Patrióticos do escritor Olavo Bilac e Coelho Neto, os quais tratavam sobre a invasão dos franceses ao Rio de Janeiro, quando a população, em 1710, a maioria formada por estudantes. De acordo com o autor, eles expulsaram os invasores.

A visão que todos têm é que este movimento iniciou-se apenas com a criação da União Nacional dos Estudantes (UNE), em 1937". [...] Em 1710, quando da invasão que mais de mil soldados franceses sob o comando de Jean François Duclerc, empreendem no Rio de Janeiro. Depois de conseguir penetrar na cidade, aparentemente desguarnecida e deserta, expedição estrangeira sofreu sua primeira decepção (POENER, 1979, p. 48).

A União Nacional dos Estudantes (UNE), é uma das organizações que mais contribuiu para a consolidação do movimento estudantil no Brasil. O estudo da ação dos estudantes se consolida com o debate sobre o protagonismo juvenil, em especial a criação dos grêmios estudantis no movimento secundarista.

Em 1966, em pleno regime militar, os jornalistas Antonio Noronha Filho e Pedro Meira, do *Jornal do Brasil*, publicam um artigo intitulado: "A verdade do movimento estudantil", quando os articulistas, usam pela primeira vez, a palavra inconformismo para explicar a real necessidade do movimento estudantil brasileiro.

As manifestações estudantis do passado brasileiro representam sempre uma posição de inconformismo da classe média urbana. As motivações aparentes do inconformismo são as mais variadas, mas um elo comum pode ser obtido: a superação das formas sociais nas diversas épocas sejam elas colônia, regência, império, escravatura (NORONHA FILHO; MEIRA, 1966, p. 04)

Para tornar conhecida a sua insatisfação, o movimento estudantil usava os poemas, mensagens, artigos, e reportagens publicadas em diversos formatos. Em

alguns períodos e fases, o jornal servia de ferramenta para fazer um contraponto a diversos temas na sociedade.

Isso posto, emergem alguns questionamentos: os jornais da URES, “*A Gazeta Estudantil*”, “*O Estudantil*” e “*O Movimento*”, relacionam a memória e a identidade do movimento estudantil roraimense no período em que circularam? E como se deu o diálogo desses impressos com a sociedade local?

As edições impressas dos jornais da URES que circularam nesses períodos: “*A Gazeta Estudantil -1955*”, “*O Estudantil - 1960/1964*” e “*O Movimento 1997-2001*”, compõem o conjunto de fontes do presente, tendo, portanto, as matérias, editoriais, artigos e notícias diversas publicadas como estudo central, o que possibilite montar um quadro de informações sobre a articulação do movimento estudantil roraimense com o governo, sociedade e organizações, verificando e documentando sua memória e identidade.

Assim, o objetivo geral consistiu em identificar e analisar a memória e identidade do movimento estudantil roraimense através dos jornais da URES. E os objetivos específicos ver como se deu a articulação dos diretores da URES para fazer a impressão dos jornais, pesquisando ainda atores que coordenaram a sua produção e a relação com a elite local. Além disso a necessidade de compreender quais eram as reivindicações do movimento estudantil nacional, regional nos diversos períodos e qual a linguagem usada pelos jornais da URES, analisando através dos impressos como se deu a reconstrução da entidade e a circulação do seu jornal no segundo ciclo de atuação do movimento estudantil roraimense.

Do conjunto de teorias utilizadas na pesquisa temos os eixos: teorias da comunicação, teoria dos movimentos sociais, além da memória coletiva, identidade social. Para entender o processo de construção da identidade e memória do movimento estudantil roraimense, percorremos os caminhos da mediação que o informativo fez com esse segmento do movimento social.

Nesse contexto das relações sociais o materialismo histórico dialético proposto por Marx & Engels (1977) fez parte do estudo da sociedade local em que o movimento estudantil roraimense atuou em diferentes ciclos.

Para Marx & Engels (1977, p. 36-37) “tal como os indivíduos manifestam sua vida, assim são eles. O que eles são coincide, portanto, com sua produção, tanto com o que produzem, como o modo como produzem”.



O estudo detalha um movimento de materialidade histórica vivida pelos estudantes roraimenses na época. A metodologia adotada é a análise dos jornais da URES: “A Gazeta Estudantil”, capa de uma edição de 1955; “O Estudantil”, com 20 edições impressas e completas que circulou no período de 1960 a 1964 e 07 edições do “O Movimento” que circulou de 1997 a 2001, com uma edição completa de cada período, sendo as demais, apenas a capa dos periódicos.

O levantamento qualitativo da pesquisa se deu pela relevância da aplicabilidade nas Ciências Humanas com uso das técnicas da abordagem identificando e realizando entrevistas com as pessoas que participaram das equipes de redação do informativo, além de integrantes que compuseram a diretoria da URES. Para Marconi (2009, p. 81) “a entrevista consiste no desenvolvimento de precisão, focalização, fidedignidade e validade de um certo ato social como a conversação”.

A pesquisa, foi organizada em etapas que envolveram o levantamento de referencial teórico, pesquisa das edições do informativo, levantamento dos fatos históricos, social, cultura, desportivo e político abordados nos jornais da URES.

Para Fonseca Júnior (2005, p. 288), na sua concepção original, Bardin estruturou o método de análise de conteúdos em cinco etapas: “(3.1) Organização da análise; (3.2) A condição; (3.3) A categorização; (3.4) A inferência; e (3.5) O tratamento informático”.

Os impressos da URES nesses dois ciclos de atuação do movimento estudantil roraimense apontam para um grande debate no meio dos movimentos sociais, tendo os estudantes como protagonista de suas utopias ou carências.

# **1 A HISTÓRIA DO MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO: AS LUTAS POLÍTICAS DOS ESTUDANTES NO BRASIL, NA AMAZÔNIA E EM RORAIMA**

## **1.1 A FUNDAÇÃO DA UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES (UNE) E DA UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS (UBES)**

Os escritores Olavo Bilac e Coelho Netto em seu livro *Contos Pátrios* (1931), citam que a primeira manifestação estudantil registrada pela história brasileira ocorreu em 1710, quando da invasão de cerca de mil soldados franceses no Rio de Janeiro e um grupo formado por maioria de estudantes, expulsou os invasores da cidade,

Eram quase todos estudantes. Nunca se havia batido, não tinham disciplinas; mas sabiam que iam morrer, defendendo a sua cidade, e essa certeza de um fim glorioso lhes acendia na alma uma coragem suprema. Haviam sido unidos pela voz ardente de Gurgel do Amara, um moço também, que resolvera salvar o Rio de Janeiro, quando os encarregados de sua guarda o abandonavam à sanha do estrangeiro. E ali estavam, para morrer, sem arredar pé. A expedição francesa parou atônita, olhando a falange dos moços estudantes. E, antes que Du Clerc desse o sinal do ataque, já eles o atacavam, de surpresa, arrojando-se irrefletidamente. Possuíam apenas uma ou outra espingarda. Por isso mesmo, apressaram o ataque, que se fez à arma branca, com uma bravura louca a que os impelia o desespero. Os franceses mal puderam resistir ao primeiro choque. Aquela mocidade robusta e alucinada, a que o amor da Pátria dava forças sobre-humanas, combatia cega, delirante, sem cuidar de regras e leis de batalha. Os dois exércitos se misturaram; separaram-se de novo. Poucos minutos bastaram pra que, perdida a calma diante daquele assalto espantoso, vendo os seus caírem retalhados de golpes terríveis, a coluna de Du Clerc fugisse em debandada. Então, acossados pelos estudantes vitoriosos, os invasores se encurralaram num trapiche, que havia na extremidade da rua. E, logo os vencedores estabeleceram em tono deles um sítio rigoroso. (BILAC; NETTO, 1931, p. 20).

E, assim começava a organização dos estudantes em terras brasileiras passando ainda pela fundação das primeiras universidades, pelas campanhas abolicionistas e republicana, além da primeira república (1889-1930), pelo Governo provisório e constitucional de Getúlio Vargas (1930-1937), Estado Novo (1937-1945), pela Quarta República (1945-1964), Ditadura Civil-Militar (1964-1985), Nova República a partir de 1985, e o Fora Collor, movimento de impeachment do Presidente do Brasil da época, Fernando Collor de Mello (1992), e as jornadas de junho de 2013 pelo passe livre nos transportes urbanos, ambos grandes movimentos que tiveram a participação significativa dos estudantes, colocando o movimento estudantil no grande cenário do movimento social brasileiro.

Mas o que leva uma pessoa a protestar? A se organizar através de uma Associação, Sindicato, Grêmio Estudantil, ou até mesmo uma Organização Não Governamental de Proteção ao Meio Ambiente? A luta conjunta? Ou o desejo de mudança? O que define esses grupos? Suas pautas de reivindicações ou suas ideologias? Qual o verdadeiro papel de um movimento social dentro de uma sociedade?

Para Reghin (2014, p. 6), “os movimentos sociais, sua definição, seus/suas participantes, atores/atrizes, demandas, causas, objetivos, processos, enfim, todas as singularidades que compõem essa expressão da vida em comunidade podem ser”, desse modo, explicadas por seu contexto, por linhas interpretativas e intérpretes que concordam em alguns pontos e se distanciam em outros. É por isso que para a autora, por exemplo,

Comparar um movimento operário europeu do final do séc. XIX com movimentos mais recentes como as marchas de junho de 2013 no Brasil, ainda que, analiticamente, se encaixem na mesma categoria de movimentos sociais, pode vir a ser injusta se não atentarmos para questões temporais, conjunturais, conceituais e teóricas (REGHIN, 2014, p. 6).

A participação política dos estudantes em diferentes fases da história brasileira detalha esses diversos ciclos de movimentação na sociedade, mesmo que seja em diferentes épocas e momentos.

Mas, antes da fundação da maior organização estudantil brasileira, a União Nacional dos Estudantes (UNE), ocorrida em 1937, os estudantes se pautavam em problemas específicos e determinados de curta duração e os mais graves deles, de pautas regionalizadas coordenadas pela Federação Nacional dos Estudantes, conforme detalhou Poener (1979, p. 128):

O segundo grande vício das organizações estudantis anteriores à UNE era a regionalidade, favorecida pelo isolamento entre os Estados, contra o qual mostraram infrutíferos os esforços da Federação de Estudantes Brasileiros, ela mesmo dominada pelo próprio vício [...].

Para o autor, na Federação de Estudantes Brasileiros, fundada no ano de 1901, a participação dos estudantes se dava em grupos e tendências isoladas, como a Liga Nacionalista de Bilac, a Liga do Voto Secreto de Monteiro Lobato, bem como a Aliança Nacional Libertadora (ANL), dando, dessa forma, um caráter nacionalista nas pautas estudantis vindas de agrupamentos de caráter específico, “nesse último grupo se incluíam as associações de caráter quase exclusivamente literário ou artístico” (POENER, 1979, p. 128).

O caráter de predominância nacionalista do movimento estudantil no início do século XX foi quebrado com um acontecimento político ocorrido no país em 1930, o que contribuiu para a criação da UNE. O Brasil passou por uma disputa de poder político na chamada República Velha, ou Primeira República, também conhecida como a República das Oligarquias, que refletiu diretamente na organização dos estudantes. Esse período foi da proclamação da República, ocorrida em 15 de novembro de 1889, até a chamada revolução de 1930, que depôs o presidente efetivo, Washington Luís.

Para entender o ocorrido, desde a proclamação da república, a alternância de poder estava nas mãos de apenas dois partidos, o Partido Republicano de São Paulo e o Partido Republicano de Minas Gerais – que durante todo o processo se alternavam no poder.

Em 1930 essa alternância não ocorreu por parte dos ruralistas de São Paulo, o que levou os mineiros a romperem e se aliarem o maior partido de oposição, a Aliança Liberal, liderado pelo então governador do estado do Rio Grande do Sul, Getúlio Dornelles Vargas. Esse, se candidatou e perdeu a disputa para o paulista Júlio Prestes. O partido de Getúlio Vargas não aceitou o resultado e com o apoio dos mineiros e militares derrubou do poder o presidente Washington Luís em 03 de novembro de 1930. Terminava assim a hegemonia dos fazendeiros rurais e iniciava uma nova fase no país.

A partir de 1930, acelerou-se o processo de urbanização e industrialização. A população começou a participar cada vez mais na vida política, e a crescente classe operária se organizava em partidos e entidades sindicais. Várias leis trabalhistas foram aprovadas depois da criação do Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio, regulamentação do trabalho de mulheres e crianças. [...] A medida para a criação de um sistema educacional público foi controlada oficialmente pelo governo. Para centralizar a formação e torná-la acessível aos mais pobres, Vargas criou o Ministério da Educação e Saúde em novembro de 1930, logo nos primeiros dias de governo [...] (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 21 e 22).

Com a mudança do governo, a organização e politização dos movimentos sindicais e sociais no país, os estudantes iniciaram um movimento pela fundação de uma organização nacional que os unificasse numa pauta nacional. Isso somente ocorreu em 13 de agosto de 1937 com a fundação da União Nacional dos Estudantes (UNE), o que levou as pautas reivindicatórias estudantis para dentro da Casa do Estudante do Brasil.

Para Poener (1979, p. 132), “a Casa do Estudante do Brasil era simpática ao poder público”. No período de 11 a 13 de agosto de 1937, uma série de atividades foi realizada pela entidade com o intuito de oficializar a criação da UNE. Primeiro a instalação do primeiro conselho nacional dos estudantes em 11 de agosto feito com a participação do representante do ministério da Educação. No dia seguinte, depois de instalado, o conselho fez a sua primeira sessão ordinária presidida pela presidente da casa, Ana Amélia Queirós Carneiro de Mendonça. Somente no terceiro dia, com a elaboração do estatuto do novo órgão dos estudantes, é que a entidade foi fundada.

Dois detalhes nos dão ideia do clima de bem-aventurança celestial que predominou nessa reunião inicial: 1) o encontro foi encerrado com um chocolate oferecido pela União Universitária Feminina aos delegados dos Estados que se fizeram representar (São Paulo, Ceará, Bahia, Paraná, Rio de Janeiro, Pernambuco, e Minas gerais); 2) aprovou-se, logo de saída, uma proposta do representante do Diretório Central dos Estudantes de Minas Gerais, proibindo, expressamente, a discussão de temas políticos. (Correio da Manhã, 13 de agosto de 1937). (POENER, 1979, p. 132-133).

No ano de fundação da UNE, em 1937, o presidente da república ainda era Getúlio Vargas, no poder desde o golpe de 1930, ficando como governo provisório até 1934 e em seguida eleito pela assembleia nacional constituinte até 1937.

A entidade maior dos estudantes, nasce no ano que se tem início o Estado Novo do presidente da república Getúlio Vargas, com o recém-criado Ministério da Educação e com uma orientação de não debater temas políticos nas reuniões da organização.

A primeira diretoria da UNE foi eleita em 22 de dezembro de 1938, quando também foi aprovado o seu estatuto. Segundo Poener (1979) o primeiro presidente da entidade foi o gaúcho Valdir Ramos Borges, que seria futuramente um “próspero advogado, inclusive do ex-presidente João Goulart, de cujo último Ministro da Fazenda, Ney Galvão, chefiou o Gabinete” (POENER, 1979, p. 140).

Ainda segundo o autor:

Depois de encerrado o congresso em sessão presidida pelo Ministro do Governo Vargas, Gustavo Capanema, da Educação, coube a Diretoria eleita assumir sua grave responsabilidade: o comando da UNE. Capanema, que prometera levar em consideração as conclusões do Congresso no estudo de uma reforma educacional brasileira, além de garantir o respeito à autonomia dos estudantes (POENER, 1979, p. 140).

Durante todo o governo de Vargas, a UNE passou por uma série de mudanças. Ocorreu o rompimento com a Casa do Estudante do Brasil por questões

ideológicas culminando com a campanha contra a Alemanha e seus aliados na segunda guerra mundial e o combate ao Estado Novo de Getúlio Vargas. De acordo com Poener (1979), “no fundo, o caráter meramente assistencial e profundamente governamental da Casa do Estudante do Brasil entrar em choque com o tom ideológico antifascista constatado nas teses do 2º congresso da UNE” (POENER, 1979, p. 146).

O movimento estudantil brasileiro tomava novos rumos. A UNE se apresentava para a sociedade como uma organização que confrontava as propostas dos governantes que ameaçavam os direitos estudantis. Nesse cenário de muito debate político e participação, os estudantes secundaristas começam a articular uma organização estudantil que os representassem, mesmo a UNE sempre dando espaço aos secundaristas nos seus fóruns, como descreve a historiadora Maria Paulo Araújo, “o II Congresso Nacional dos Estudantes foi aberto solenemente no dia 05 de novembro de 1938. Dele participaram cerca de oitenta associações universitárias e secundárias” (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 25).

Em 25 julho de 1948, os estudantes realizam na cidade do Rio de Janeiro o I Congresso Nacional dos Estudantes Secundários e fundam a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas. Mas antes em 1945, tinha chegado ao fim a segunda guerra mundial, e o mundo já estava em guerra fria, dividido entre o bloco capitalista liderado pelos Estados Unidos da América (EUA) e o bloco socialista pela União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS). No ano seguinte, os brasileiros foram às urnas e elegeram para presidente o Marechal Eurico Gaspar Dutra que logo alinhou o Brasil no bloco capitalista. Isso levou o país a adotar posturas bastante duras contra qualquer aliado das ideias do bloco socialista.

A aliança acentuava a feição liberal-conservadora do governo e se refletia em diversas medidas autoritárias. Depois de pôr na ilegalidade o Partido Comunista (PCB) em 1947, o marechal-presidente cassou, oito meses depois, o mandato de todos os parlamentares da legenda. Greves pipocavam Brasil afora, em protesto contra o arrocho salarial – o valor do salário mínimo se mantinha congelado. As eleições sindicais estavam proibidas. Num único ano de gestão, o governo Dutra interveio em 143 sindicatos (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 32-33).

A União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) nasceu dentro desse cenário de disputa política mundial. Nesse mesmo período se acentua a disputa interna em virtude da guerra fria, de grupos estudantis que apoiavam uma linha mais capitalista e aliada aos EUA, outra mais progressista e socialista aliada ao pensamento da URSS e um terceiro grupo que se declarava independente dessas correntes, mas se aliava aos pensamentos do movimento integralista combatendo o comunismo e o liberalismo econômico.

De 1947 a 1953 o país dividiu-se entre os “nacionalistas”, que achavam que o petróleo deveria ser explorado exclusivamente por uma empresa estatal brasileira, e os chamados “integristas”, aqueles que defendiam que a prospecção, refino e distribuição deveriam ser atividades exploradas por empresas privadas, estrangeiras que dominavam tecnologias mais modernas (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 38).

Figura 1 – Estudantes fazem campanha pelo “O Petróleo é nosso”



Fonte: Arquivo UNE.

Os estudantes popularizaram a campanha “O petróleo é nosso” (figura 1). Isso contribuiu para a visibilidade do movimento estudantil e ampliou o diálogo com outros movimentos sociais. A campanha fortaleceu os secundaristas e contribuiu muito para a fundação da UBES, que no início foi batizada de União Nacional dos Estudantes Secundários (UNES). Em 1949, um ano após a sua fundação, na realização do 2º Congresso Nacional dos Estudantes Secundários, passaria a se chamar União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), “a principal razão dessa iniciativa foi que a semelhança entre as siglas UNE e UNES criava muita confusão” (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 51).

Se consolidava, no cenário dos movimentos sociais do Brasil, a formação das duas maiores organizações de representatividade dos estudantes secundaristas e universitários do país.

1.2 ESTUDANTES DIREITISTAS E CONSERVADORES ASSUMEM O COMANDO DA UNE. NA UBES A DIREITA RACHA O MOVIMENTO SECUNDARISTA

No início da década de 50 ocorreram diversos acontecimentos internos e externos no movimento estudantil universitário e secundarista. Para Gohn (1997), essas ocorrências de ângulos básicos estão conectados junto aos grupos envolvidos, pois ambos constroem repertórios nas duas faces,

internamente, eles constroem repertórios de demandas segundo certos valores, crenças, ideologias etc. e organizam as estratégias de ação que os projetam para o exterior. Assim, os elementos internos básicos de um movimento social a ser pesquisados, enquanto parte de suas categorias de análise, são: suas demandas e reivindicações e os repertórios de ações coletivas que geram, sua composição social, suas articulações. As articulações deve-se considerar os níveis internos e externo. No interno deve-se pesquisar sua ideologia, seu projeto, sua organização, suas práticas. Externamente deve-se considerar o contexto do cenário sociopolítico e cultural em que se insere, os opositores (quando existirem), as articulações e redes externas construídas pelas lideranças e militantes em geral-enquanto interlocutores do movimento - e as relações do movimento como um todo no conjunto de outros movimentos de lutas sociais; suas relações com os órgãos estatais e demais agências da sociedade política; articulações com a Igreja e outras formas de religião e com outras instituições e atores da sociedade civil, como o pequeno e médio empresários e suas organizações; suas relações com a mídia em geral (GOHN, 1997, p. 256).

O movimento estudantil brasileiro dentro desse estudo de movimento social consegue corresponder e dialogar com as duas faces de repertórios propostos por Gohn (1997), com a atuação das diversas correntes políticas estudantis que atuam dentro das organizações e de forma externa com o diálogo e as vezes a aliança com o poder e seus agentes. Essa aliança as vezes não ocorre, levando a radicalização do movimento estudantil.

É nesse campo de disputa das ideias e de aproximação com os órgãos estatais que a disputa entre as correntes de esquerda e de direita, levou esse último ao comando da UNE no período de 1950 até 1954. O grupo aliado ao Governo era visto como peleguismo universitário pela parte opositora a corrente direitista.

É bem verdade que o fenômeno do aliciamento dos pseudolíderes estudantis pelo Ministro da Educação não deixava de fornecer um atestado eloquente da importância que o Governo já conferia a UNE. E os diretores da entidade se viam compelidos, mesmo contra a sua vontade, a participar da campanha do aliciamento dos não só pela linha nacionalista do novo Governo Vargas-que voltara ao poder, nos braços do povo, em 1950-como pelos estatutos da UNE, que obrigavam suas direções a lutar pelo nacionalismo e contra o entreguismo (POENER, 1979, p. 182).

Na UBES, o problema foi ainda maior. O fato ocorreu quando da realização do 4º Congresso Nacional dos Estudantes Secundaristas, ocorrido em 25 de julho de 1951, quando setores da direita liderados pelos estudantes Paulo Barbalho e Aníbal



Teixeira, integrantes da juventude da União Democrática Nacional (UDN), partido de orientação conservadora e de oposição política à figura de Getúlio Vargas, entraram em confronto no congresso com a bancada liderada pela União da Juventude Comunista, juventude política do Partido Comunista (PCB) e opositores, esses em grande maioria. O grupo da UDN se retirou do congresso. Os estudantes congressistas então elegeram em chapa única o grupo liderado pelo estudante Tibério César Gadelho para a presidência da entidade nacional.

No dia seguinte o outro grupo que tinha se retirado do encontro conseguiu registrar no cartório uma outra ata e uma outra diretoria, tendo como presidente para o mandato de um ano o estudante Paulo Barbalho. Começa assim a divisão da UBES. Atualmente no site oficial da entidade, na galeria dos presidentes, reconhece como mandatário naquele ano o estudante Tibério César Gadelho e nas pesquisas e artigos sobre o assunto, o estudante Paulo Barbalho e seu grupo aparecem como golpistas.

Começou a briga das diretorias. Foi-se à justiça, e essa coisa de justiça leva é tempo! A disputa começou, evidentemente, forçando cada entidade estadual tomar posição sobre qual diretoria apoiar”, lembra o ex-presidente da UBES Dynéas Aguiar, em depoimento ao MME. Logo o embate chegou também aos meios de comunicação. Os golpistas, mais ágeis correram para emplacar a versão de que o congresso não tinha legitimidade nem representatividade. Segundo a versão da direita, delegações de diversos estados haviam se retirado do encontro, em protesto contra supostas manobras da diretoria cessante, que coordenava os trabalhos. A ausência dessas delegações-diziam os golpistas-punha sob suspeita o resultado das votações e os encaminhamentos dos debates (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 61-62).

Nos anos seguintes, segundo Cintra; Marques (2009), a UBES continuava com dois presidentes. As duas diretorias promoviam e disputavam a fundação de uniões municipais e estaduais em todo o país. Durante os anos de divisão pelo lado dos progressistas, socialistas e comunistas os presidentes, com os nomes inclusive publicados no site oficial e galeria atual dos presidentes da UBES foram: Edson Fontoura (1952-1953); Dynéas Aguiar (1953-1955); Nissin Castiel (1955); Helga Hofman (1956). Nesse mesmo período a outra ala do movimento estudantil secundarista formado pelos integralistas, grupos de direita e da UDN reconheciam como presidentes as seguintes lideranças: Aníbal Teixeira (1953-1954); Carlos Salzano Vieira da Cunha (1955-1956); José Luís Clerot (1956).

A retomada dos estudantes progressistas ao poder da UNE se dá em 1954, quando o estudante direitista Cunha Neto, se recusou a participar das manifestações

contra o presidente Getúlio Vargas. Com o suicídio deste, o presidente empossado Café Filho, faz uma campanha para desqualificar os dirigentes da UNE, fazendo com que Cunha Neto voltasse a ter o apoio da ala progressista do movimento estudantil. Mas no congresso da UNE em 1955, os estudantes ligados ao governo, retomaram o controle da entidade. O governo disponibilizou transporte aéreo para os estudantes apoiadores do governo. O congresso daquele ano foi realizado em Belém, capital do Estado do Pará, “enquanto isso, o Brigadeiro Eduardo Gomes, Ministro da Aeronáutica do Governo Café Filho, colocou aviões da Força Aérea Brasileira a disposição do setor contrário” (POENER, 1979, p. 183).

No dia 3 de outubro de 1955, os brasileiros elegem Juscelino Kubitschek de Oliveira para a presidência da república. O conhecido JK, como era chamado, ganhou uma eleição apertada sendo duramente criticado pelo movimento estudantil por ser uma decepção, no que se refere aos investimentos à educação, como disse Helena Bomeny:

É intrigante que um governo com esses compromissos - democracia e desenvolvimento - tenha desenhado um grandioso Plano de Metas em que a educação ocupava um lugar tão subalterno. O setor de educação foi contemplado com apenas 3,4% dos investimentos inicialmente previstos e abrangia uma única meta, \_formação de pessoal técnico\_ era a meta 30, que prescrevia a orientação da educação para o desenvolvimento e não falava em ensino básico (BOMENY, 2009, p. 73 apud CINTRA; MARQUES, 2009, p. 73).

Em 1956, a direção da UNE tentava uma conciliação com o Governo JK., pois “a liderança estudantil reacionária teve a sua atenção voltada mais para a obtenção de empregos públicos(...)” (POENER, 1979, p. 184). Mas um fato fez com que o movimento estudantil radicalizasse suas ações contra o governo. O aumento no valor da passagem dos bondes levaria os secundaristas e universitários às ruas e paralisou a capital da república, Rio de Janeiro, nos dias 30 e 31 de maio naquele mesmo ano.

A greve dos bondes repercutiu negativamente no Governo de JK. No movimento estudantil secundarista, rachado com duas entidades, os protestos levaram as lideranças dos dois grupos a convocar os estudantes para o protesto. Com as ações numa pauta única, as lideranças sentiram a importância da unificação da UBES, cujo racha ocorrera em 1951.

Em 24 de julho de 1956, as lideranças sentiram a importância da unificação— também chamado Congresso da Unificação, acabou com a divisão do movimento [...] presença de delegações de entidades de todo o

país [...] ocorreu no Instituto Parobé, em Porto Alegre (RS) [...] concordaram que o nome UBES prevaleceria [...] José Luis Clerot para presidir [...] o primeiro mandato pós-unificação (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 77).

A ação por parte dos universitários na greve dos bondes destacou o grupo de oposição à atual diretoria da UNE, e que segundo Poener (1979, p.184) “acarretou enorme prestígio aos estudantes progressistas, que, por causa disso, reconquistaram também a UNE, em julho”.

Para Gohn (1997), a ação e o papel de um movimento social é ter no seu repertório da ação coletiva, essas demandas, vindas de uma carência não atendida, “de ordem econômica, política, social e cultural ou projetos e uma utopia. As carências podem ser de bens materiais e simbólicos” (GOHN, 1997, p. 257).

Na UBES, chegava ao fim mais de cinco anos de divisão do movimento estudantil secundarista. Foi necessária uma grande demanda, no caso o aumento do valor abusivo nas passagens dos bondes, para unificar os estudantes.

### 1.3 O MOVIMENTO ESTUDANTIL NA AMAZÔNIA

Quando falamos de movimentos sociais, falamos de uma grande rede. Essa grande rede, segundo Milhomens e Gohn (2018), é composta por atores locais, regionais, nacionais e internacionais, “Organizados por diretrizes e bandeiras que são similares, mas não necessariamente iguais” (MILHOMENS; GOHN, 2018, p. 259).

Nessa perspectiva três correntes se destacam na chamada teoria dos movimentos sociais, que segundo Gohn (1997, p. 256), “essas correntes se caracterizam em: Escola de Chicago e alguns interacionistas simbólicos, sociedade de massas e variáveis políticas”.

1 - A Escola de Chicago e alguns interacionistas simbólicos do início deste século. Como um dos produtos desta corrente temos a primeira teoria sobre os movimentos sociais, no trabalho de Herbert Blumer (1949). 2 - A segunda corrente desenvolveu-se ao longo dos anos 40 e 50, com as teorias sobre a sociedade de massas de Eric Fromm (1941), Hoffer (1951) - também militante de movimento social-e K. Kornhauser (1959). Este último exerceu forte influência sobre algumas produções posteriores; ele caracterizava os movimentos como formas irracionais de comportamento e os considerava ante-modernos. 3 - A terceira corrente predominou nos anos 50 com um forte acento em variáveis políticas e está presente nos trabalhos de S. Lipset (1950) e Heberle (1951). Ela articulava as classes e relações sociais de produção na busca do entendimento tanto dos movimentos revolucionários como da mobilização partidária, do comportamento diante

do voto e do poder político dos diferentes grupos e classes sociais (GOHN, 1997, p. 256).

Dentro dessa análise, a primeira apresentada por Gohn (1997), a da Escola de Chicago e alguns interacionistas, é a que se aproxima do movimento estudantil, de ação utópica os estudantes buscavam uma sociedade mais harmoniosa com direitos garantidos.

A própria Escola de Chicago e os interacionistas, apresentam os movimentos sociais como reações psicológicas às estruturas de provações socioeconômicas, como destacou Gohn ao citar Blumer (1997, p. 27), ao afirmar que essa escola tinha uma orientação reformista ao promover a reforma social de uma sociedade convulsionada em direção a um caminho harmonioso e estável. Blumer (1939) definiu os movimentos sociais como empreendimento coletivos para estabelecer uma nova ordem de vida, como afirmou GOHN (1997, p. 31), ao considerá-lo como um grande teórico dos movimentos sociais na abordagem clássica do paradigma-americano (Gohn, 1997, p. 31).

É justamente o que aproxima principalmente o movimento estudantil da Amazônia na sua estruturação a partir da fundação das duas maiores organizações estudantis do país, a UNE em 1937 e a UBES em 1948.

Em um período que a Amazônia tinha uma carência muito grande de ligações até aéreas com os restos do país, suponho que as lideranças tinham dificuldades de participarem das grandes decisões que aconteciam na capital brasileira, primeiro no Rio de Janeiro e posterior em Brasília.

Suponho que com essas ausências de lideranças da Amazônia na participação desses eventos estudantis que reuniam em sua maioria estudantes dos estados mais próximos do eixo Rio-São Paulo, as pautas regionalizadas acabavam tomando o centro do debate e em alguns casos apresentando essas reações psicológicas às estruturas socioeconômicas, como afirmadas por Gohn (1997).

Para fazermos essa reflexão sobre o movimento estudantil na Amazônia, no que se refere ao contexto das duas faces do movimento social proposto por Gohn, destacamos aqui os estados do Amazonas e Pará, no sentido de triangular as ações quando apresentarmos a história do movimento estudantil no estado de Roraima. Destaco a articulação de algumas correntes políticas que atuaram nesse processo de “assessoria” ao movimento estudantil na Amazônia principalmente na década de 1970, descritos por Milhomens e Gohn (2018),

Em sincronidade com o movimento religioso-progressista, atuaram também na Amazônia, no início dos anos 1970, grupos políticos de esquerda: militantes do Partido Comunista Brasileiro (PCB), do Partido Comunista do Brasil (PC do B) e, a partir dos anos 1980, integrantes do Partido dos Trabalhadores (PT). Essas organizações influenciaram uma série de grupos e movimentos (MILHOMENS; GOHN, 2018, p. 253).

Numa coletânea com o nome de “O Movimento Estudantil no Amazonas (1975 a 1982)”, de Durango Duarte, publicada através de um e-book, há diversos relatos de alguns personagens da militância política e estudantil amazonense como: Raimundo Cardoso, Eron Bezerra, Ailton Soares, Arminda Mourão, Neliton Marques, Michelângelo Botto, Vicente Filizola, José Carlos Sardinha, Paulino Costa, André Frota, Selma Baçal, Guto Rodrigues e Paulo Sarmento.

No relato de Raimundo Cardoso, líder estudantil na década de 70, militante do Partido Comunista do Brasil - PCdoB e um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores - PT, ele aponta como algumas lideranças analisavam a aproximação das entidades estudantis nacionais com as regionais,

(...) porque aqui na universidade vinham as coisas lá de fora, trazidas pela UNE e eram aceitas. A Amazônia era diferente. Estava dentro do contexto brasileiro, mas a cultura, o espaço, a realidade aqui era bem diferente das aspirações dos estudantes do Rio, de São Paulo (DUARTE, 2016, p. 13).

Pinto (2015) afirma ao citar a região amazônica como um espaço que busca a construção de sua filosofia no mundo moderno. Percebemos assim que as falas das lideranças estudantis desde a fundação de suas organizações nacionais confirmam as dificuldades em centralizar uma agenda nacional de reivindicações. Mesmo em plena ditadura militar, e com o movimento estudantil atuando na clandestinidade, as lideranças estudantis da Amazônia apontavam para a necessidade de um diálogo diferenciado do resto do país. Mesmo distantes do centro do debate, os estudantes de Roraima, ocuparam espaços dentro da sociedade local, provocando reflexões, seja no seu espaço de isolamento, seja usando suas próprias ferramentas de politização. “Como a recriação do bom selvagem em ideias com a de “povos da floresta” e de “ribeirinhos”, portanto, de um novo romantismo social” (PINTO, 2015, p. 98).

Ainda, segundo o autor:

Investigar a história das ideias que dão forma ao pensamento social sobre a Amazônia implica retomarmos obrigatoriamente a leitura de autores centrais do pensamento moderno, entre os quais têm sido freqüentemente estudados à luz de novas abordagens, Montaigne, Montesquieu, Hobbes,

Rousseau e Hegel, da mesma forma que também fica implícita a idéia de que é necessário prosseguir buscando, nas diferentes manifestações do pensamento filosófico e social que acontecem após esses autores, o desenvolvimento de idéias matrizes por eles formuladas, ou o acontecimento de novos conceitos e noções sugeridos pela emergência de novos postulados e paradigmas (PINTO, 2015, p. 98).

Para Gohn (1997), essa divisão no movimento social tem o princípio de articulação entre as bases regional e a nacional e se fundamenta nas demandas, nas lideranças e nas assessorias. Com destaque para esse último identificada por Gohn como terceiro elemento externo que dependendo da sua articulação terá força ou não dentro do movimento.

O movimento estudantil brasileiro, com suas correntes políticas atuavam no sentido de trazer para as suas fileiras o maior número de estudantes. O diálogo das lideranças nacionais com as regionais era fator primordial para ter a base regional sobre o controle político de determinado grupo nacional. Mesmo que para isso deveria usar uma espécie de “assessoria”, como afirmou Gohn na maioria das vezes constituídas por lideranças políticas ligadas a igreja, partidos políticos e sindicatos. Dessa forma a chamada rede estaria interligada. Mas em alguns casos a rede não funcionaria em virtude da falta de comunicação e formação dos “demantários” pela “assessoria”.

Mesmo em plena ditadura civil-militar, o movimento estudantil universitário liderado pela UNE continuava a se organizar nas faculdades. No estado Amazonas, a Universidade Federal do Amazonas (UFAM), seguia o protocolo editado pelo governo federal de não autorizar a organização dos Centros Acadêmicos. Uma das formas que os estudantes encontraram foi incluir a palavra cultura no nome dos centros, o que ocasionou a criação de diversos centros culturais e acadêmicos naquela universidade. Segundo o líder estudantil nascido no estado do Acre e militando no Partido Comunista do Brasil (PCdoB) no estado do Amazonas, na década de 1970, Eron Bezerra, a disputa entre as correntes políticas de direita e esquerda ainda existia e as chapa que ocupavam os espaços dentro da universidade se enquadravam nesse contexto de divisão ideológica,

Nós estimulamos o Cecum, que foi o segundo centro fundado, o de Medicina, na mesma lógica (Centro Cultural de Medicina); o Cafca (Centro Acadêmico e Cultural de Filosofia); o Cucos (Centro Universitário e Cultural de Comunicação Social)... isso tudo foi criado por nós. A gente tinha gente em tudo: a Mônica, que cuidou da fundação do Cucos e era ligada ao partido; o Ricardo Parente, que foi o cara que nos ajudou a fundar o Cafca, que era de Filosofia, já falecido, e já era dessa tendência pró-PT. O

movimento, desde o começo, ele tinha, a rigor, três facções muito claras: uma pró-PCdoB, pró-marxista; uma pró-PCB e uma pró-PT. A tendência maior era nossa. A do PCB menor e a do PT um pouco intermediária. (...) O nome da chapa era “Reação”. Esse era um nome mais curioso, porque, hoje, se você botar um nome desses, todo mundo vai te esculhambar. Só que era uma reação à direita. Nós ganhamos de lavada (DUARTE, 2016, p. 20-21).

Na Amazônia, Milhomens e Gohn (2018), destacam que a tomada de poder pelos militares não só perseguiu, assassinou e deixou marcas na população, mas também destruiu o meio ambiente:

A presença civil-militar na Amazônia é “uma história contada por milhares de mortes, violência, total desrespeito às leis, destruição do meio ambiente, agressões à população nativa, desmandos administrativos, corrupção e crimes de toda a espécie”, como analisam Cardoso e Muller (1977, p. 51). Na mesma linha de argumentação, Chaves e Barros (2008, p. 1) avaliam que a presença governamental na região a partir dos anos 1960 “deixou marcas deletérias sobre o espaço e os povos amazônicos”, cujos impactos intensificaram-se nos “ecossistemas regionais e na organização sociocultural das populações”. Seguindo esse mesmo raciocínio, Castro (2012, p. 59) afirma que a Amazônia “torna-se um espaço de repercussão das dinâmicas nacionais, da intervenção de megaprojetos que acabam por desestruturar uma dada ordem social e ambiental existente, disponibilizando novas fronteiras de terras e recursos naturais”. É o que a autora chama de “programas neocoloniais”, refazendo discursos e priorizando estratégias geopolíticas de dominação em detrimento de culturas e etnias existentes na região (MILHOMENS; GOHN, 2018, p. 248).

Em cada canto do país, o movimento estudantil brasileiro fez a sua resistência contra o regime militar, da sua maneira, no seu espaço e tempo, dentro da sua realidade.

#### 1.4 A FUNDAÇÃO DA UNIÃO RIOBRANQUENSE DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS - URES

A década de 1950 os estudantes brasileiros acirraram as disputas internas entre as correntes políticas que atuavam no movimento estudantil. Na UNE os grupos de direita ligados principalmente a União Democrática Nacional (UDN), assumem o comando da entidade. Já no movimento estudantil secundarista, a UBES passaria a ter duas diretorias em atividades. Essa divisão duraria por uns cinco anos no meio dos secundaristas.

Desde da sua fundação, a UNE vinha sendo disputada por correntes políticas que se polarizava entre esquerdistas, liderados pelos comunistas da União da Juventude Comunista (UJC) do Partido Comunista (PCB) e progressistas, contra grupos de direitas liderados no início pelos integralistas e depois pela União

Democrática Nacional (UDN) e aliados, como o Movimento dos Águias Brancas. As disputas políticas internas e externas no movimento estudantil nacional levou a fundação de centenas de organizações municipais e estaduais em todo o país. A direção das Uniões Municipais e Estaduais eram disputadas voto a voto pelas correntes políticas de atuação no movimento estudantil nacional.

**Figura 2** – Estatuto da URES, averbação feita no dia 12 de maio de 1954 no livro de registro de pessoa jurídica do Cartório Deusdete Coelho – Território Federal

Ano: 1954		Registro de pessoas jurídicas		Livro A n.º
Número de ordem	MÊS	DIA	INSCRIÇÃO	AVERBAÇÃO
			Cartório Deusdete Coelho - 1954	
10	Maio	15	<p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p> <p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p>	
12	Maio	12	<p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p> <p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p>	<p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p> <p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p>
15	Maio	12	<p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p> <p>Cartório Deusdete Coelho - 1954</p>	

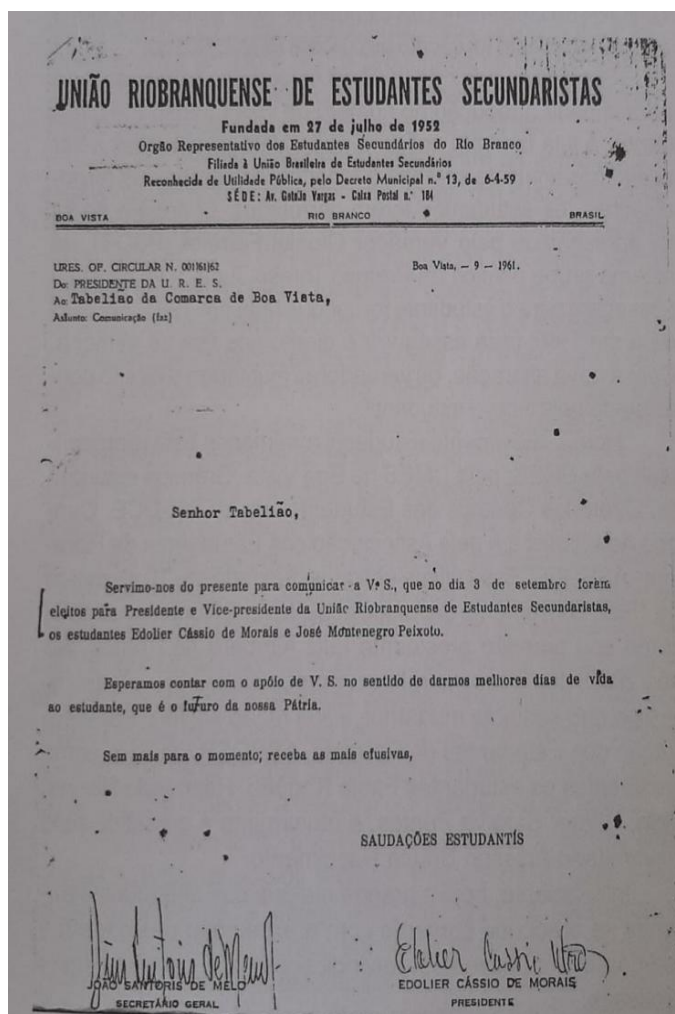
Fonte: Cartório Loureiro.



No Território Federal do Rio Branco, hoje estado de Roraima, recém-criado e desmembrado do estado do Amazonas, é fundada no dia 27 de julho de 1952, a União Riobranquense de Estudantes Secundaristas (URES). Segundo documento enviado pela URES ao Tabelião da Comarca de Boa Vista (figura 2), datado de setembro de 1961 e publicado no livro *Coração de Estudante*, Neves (2012, p. 56), aponta a data de fundação da organização estudantil roraimense em 27 de julho de 1952 com o nome de União Riobranquense de Estudantes Secundaristas (figura 3).

O documento com o papel timbrado, consta as seguintes informações: “Órgão representativo dos estudantes secundários. Filiada à União Brasileira de Estudantes Secundários. Reconhecida de utilidade pública, pelo decreto municipal n.º 13, de 6-4-59. Sede: Av. Getúlio Vargas, Caixa Postal:184. Boa Vista-Rio Branco - Brasil”.

**Figura 3** – Ofício da URES enviado ao Tabelião Deusdete Coelho – Cartório da Comarca de Boa Vista, setembro de 1961



**Fonte:** Livro URES enviado ao Tabelião Deusdete Coelho (Cartório da Comarca de Boa Vista).

Em plena segunda guerra mundial, o então presidente da república Getúlio Vargas, cria em 13 de setembro de 1943, o território federal do Rio Branco, desmembrado do estado do Amazonas. Segundo Freitas (2009, p. 162), quando Vargas deixou o governo em 1945, seu sucessor, o presidente Eurico Gaspar Dutra, não via com bons olhos a criação desses territórios. A constituinte de 1946 extinguiu os Territórios federais de Iguaçu e Ponta Porã, mantendo os de Guaporé, Amapá e o do Rio Branco.

Durante os primeiros anos de sua existência (1943 a 1964), o Território Federal do Rio Branco teve um modelo de gestão prejudicial a seu desenvolvimento. Os governadores eram nomeados pelo Presidente da República obedecendo às indicações políticas (com exceção do primeiro). No caso de Roraima, foi o senador Vitorino Freire, do Maranhão, o político que mais lhe indicou pessoas para governar. Depois, a influência passou para o único deputado federal que o território tinha (FREITAS, 2009, p. 163).

No cenário político nacional de 1952, ano de fundação da URES, os estudantes direitistas da UNE se aliam ao governo do presidente Getúlio Vargas. Esse período é chamado pelos historiadores como o período “negro” ou “policial” da UNE. Segundo POENER essa fase corresponde um decréscimo na participação política estudantil, principalmente de 1952 a meados de 1954. “(...) período em que a apatia do movimento se viu agravada pelo surgimento do peleguismo universitário”. (POENER, 1979, p. 182).

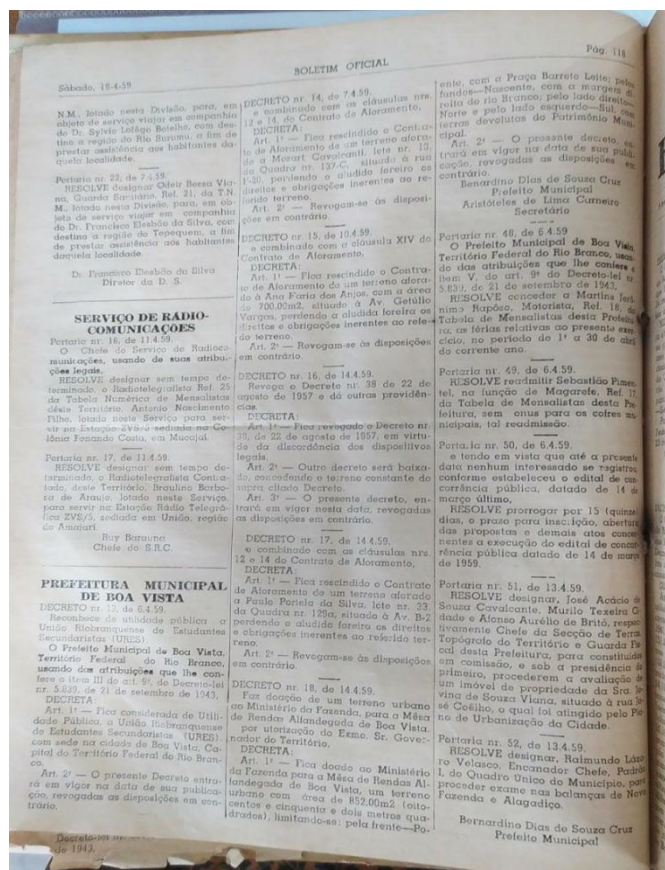
Em entrevista concedida no dia 09 de junho de 2022, Murilo Bezerra de Menezes, 87 anos, liderança estudantil e um dos fundadores da URES em 1952, disse que os estudantes daquela época eram mais organizados. Afirma que chegou no território federal do Rio Branco no ano de 1945 vindo do Amazonas. Ele cita ter participado de vários cargos e destaca a atuação dos estudantes da atual escola estadual e na época Ginásio Euclides da Cunha como principais mobilizadores no processo de criação da organização estudantil. *“Nos reunimos e fizemos uma ata de fundação da URES. Fui tesoureiro, secretário e vice-presidente”.* (Entrevista, 09 de junho de 2022).

Conforme decreto publicado no Boletim Oficial, da República dos Estados Unidos do Brasil, Território Federal do Rio Branco, número 21 de 18 de abril de 1959, na página 118, o prefeito municipal de Boa Vista, Benardino Dias de Souza Cruz, assinou o decreto número 13 de 06 de abril de 1959, reconhecendo de utilidade pública a União Riobranquense de Estudantes Secundaristas (URES).

A organização estudantil riobranquense passava a ocupar um papel de destaque no cenário político e social da capital boavistense.

Dez anos após a sua fundação, a URES passaria a se chamar de União Roraimense de Estudantes Secundaristas, em virtude da mudança no nome do território que passaria a se chamar de Roraima, através da lei ordinária n.º 4.182, de 18 de dezembro de 1962, o território federal do Rio Branco mudava de nome "(...)" por um projeto do deputado Valério Magalhães, o Território Federal do Rio Branco passou a ser denominado Território Federal de Roraima" (FREITAS, 2021, p. 159).

**Figura 4** – Boletim Oficial - Decreto municipal que reconhece de utilidade pública a URES, abril de 1959



**Fonte:** Boletim Oficial - República dos Estados Unidos do Brasil (Território Federal do Rio Branco).

A URES se torna uma das últimas organizações estudantis regionais a ser fundada (figura 4). Para entender esse contexto político do início das atividades

organizativas dos estudantes roraimenses, destacamos que naquele período das décadas de 1950 e 1960 o território não possuía faculdades e ou cursos superiores, tonando os secundaristas e a URES como protagonistas do movimento estudantil nesse tempo. Portanto o conjunto dos militantes do movimento estudantil roraimense eram formados por estudantes secundaristas. A filiação da URES se deu junto à União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) com a publicação do seu estatuto ocorrido em 12 de maio de 1954, conforme documento averbado (figura 2).

Segundo Neves (2020, p. 85 apud NEVES, 2012, p. 46-47) em artigo publicado na Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação, desde a sua fundação até o ano de 1964 o relato é que somente a URES atuava como movimento social no território federal do Rio Branco.

Esse período, de 1960 a 1964, é considerado por várias lideranças estudantis, como o tempo em que o movimento estudantil se projetou no cenário político local e em alguns momentos, se tornou a vanguarda de reivindicações não só dos estudantes, mas como de toda a população do território (NEVES, 2012, p. 46-47).

Ao falar da importância enquanto Movimento Social naquele período percebemos que o Movimento Estudantil tinha a sua representatividade no Território Federal do Rio Branco. O seu protagonismo aparece como a única organização da sociedade civil em atividade no momento. Mesmo assim a pauta era mais local, vinculada as necessidades dos estudantes, do que a apresentada pelas organizações nacionais, como a UNE e a UBES, com temáticas mais políticas e ideológicas.

Para Neves (2012), o movimento estudantil roraimense exercia seu papel de vanguarda de atuação nos movimentos sociais, com destaque para pautas locais.

(...) Em 1961, os estudantes denunciaram a crise pela qual passava a capital Boa Vista, em decorrência da falta de chuva na localidade impossibilitando a ligação fluvial com o resto do país. É nesse período que o movimento estudantil realiza uma série de manifestações contra o aumento no preço da carne bovina, no preço do cinema e a favor da unificação na seleção dos livros a serem adotados nas escolas (NEVES, 2012, p. 47).

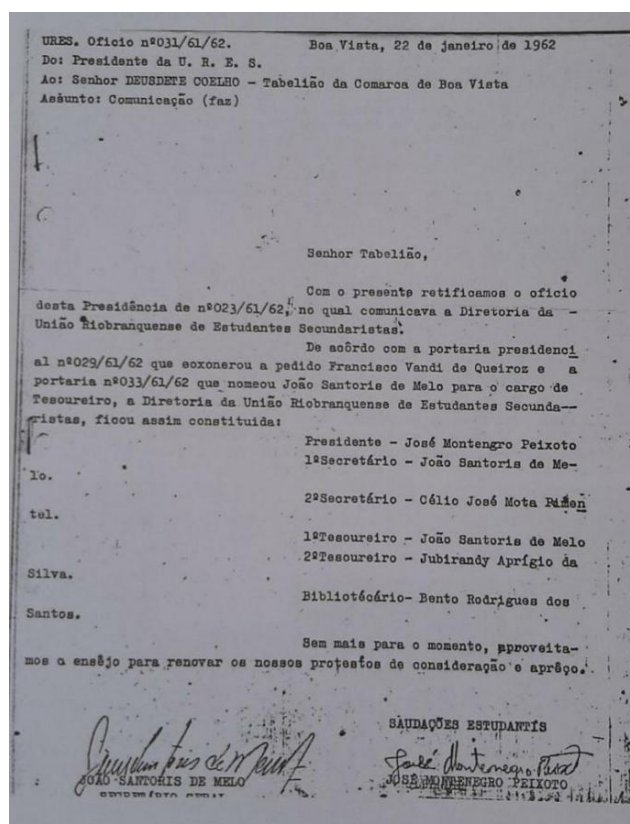
A URES tinha sua pauta local bem diferente da pauta nacional em um período em que as reivindicações estudantis estavam entrelaçadas com o movimento operário sindical e partidário. Enquanto o debate e a disputa política tomavam conta do movimento estudantil nacional na década de 1960, no Território Federal do Rio Branco, a luta era pela sobrevivência alimentar: “nas margens dos

rios presenciamos dramas dos mais chocantes, quando à busca do peixe, centenas de pessoas ali ficam lamentando a situação crítica e bastante faminta de nossa cidade” (O ESTUDANTIL, 1961).

Nesse primeiro período de atuação do movimento estudantil roraimense, a URES realizou passeatas de protestos contra o aumento no preço da carne e do valor do ingresso no cinema, participou de seminários regionais, congressos nacionais da UBES e em muitas ocasiões realizou parcerias e apoio abertamente políticos locais.

Em ofício datado de 22 de janeiro de 1962 (figura 5), endereçado ao senhor Deusdete Coelho, Tabelião da Comarca de Boa Vista, assume a direção da URES, os seguintes estudantes: José Montenegro Peixoto, presidente; João Santóris de Melo, primeiro secretário; Célio José Mota Pimentel, segundo secretário; João Santóris de Melo, primeiro tesoureiro; Jubirandy Aprígio da Silva, segundo tesoureiro; e Bento Rodrigues dos Santos, na função de Bibliotecário.

**Figura 5** – Ofício da URES de 22 de janeiro de 1962, endereçado ao senhor Deusdete Coelho, Tabelião da Comarca de Boa Vista, informando a nova composição da diretoria da URES



**Fonte:** Ofício da URES de 22 de janeiro de 1962, endereçado ao Cartório (NEVES, 2012, p. 57).

A União Roraimense dos Estudantes Secundaristas (URES) por ser o único movimento social naquela época da década de 1960 e constantemente se isolada politicamente, tinha uma forte ligação da igreja católica e com os políticos locais. A maioria dos integrantes da URES nas décadas de 1950 e 1960 eram filhos de pequenos comerciantes, fazendeiros ou agricultores.

A URES foi fundada numa época que a igreja católica exercia bastante poder na sociedade tendo os políticos como aliados em muitas ações de ajudas mútuas. Como relatou o Jaci Guilherme Vieira (2007, p. 139), na pesquisa Missionários fazendeiros e índios: a disputa pela terra, ao fazer uma citação ao escritor Aimberê Freitas (1993), do livro História Política e Administrativa de Roraima - 1943-1985.

(...) Exemplos desse bom relacionamento não faltam. No Governo do Capitão José Maria Barbosa, que esteve no comando do Território de 1955 a 1958, os maiores elogios são feitos ao bispo Dom José Nepote, que esteve à frente da Prelazia por 18 anos. "Na minha época", afirmava o governador, "havia era muita paz, não havendo qualquer tipo de conflito". "No meu governo", voltava a afirmar, "havia um excelente relacionamento com a Igreja católica, notadamente com o bispo, que era meu amigo particular" (VIEIRA, 2007, p. 139).

O primeiro ciclo do movimento estudantil liderado pela URES chega ao fim no dia 31 de março de 1964 com o início da ditadura civil-militar. O movimento estudantil em Roraima só seria retomado no ano de 1985 com a abertura política no país, criação da lei do grêmio livre e a instituição da comissão Pró-URES. Em alguns momentos a URES representou de forma única a pauta dos movimentos sociais no estado. Para isso usou como única ferramenta de formação e mobilização, os seus jornais ou boletins informativos que em três fases divulgou suas ações e pautou em alguns casos o espaço midiático de Roraima.

## **2 CONTEXTUALIZAÇÃO DO CENÁRIO POLÍTICO BRASILEIRO DO GOLPE AOS PRIMEIROS DIAS DA DITADURA CIVIL-MILITAR ATÉ OS DIAS ATUAIS**

### **2.1 MEMÓRIA E IDENTIDADE DO MOVIMENTO ESTUDANTIL BRASILEIRO PRÉ-DITADURA CIVIL MILITAR**

No mandato do presidente Juscelino Kubitschek que foi de 1956 a 1961, o plano de governo intitulado de “cinquenta anos em cinco” envolveu a classe média e os movimentos sociais. Segundo Montenegro (2001), o período de JK como era conhecido foi marcado pelo desenvolvimento com crescimento econômico acelerado pelo processo da industrialização que passava o país nesse período.

Havia portanto, na década de 1950, uma significativa tensão no tocante a luta pelo poder entre os grupos econômica e politicamente dominantes. Havia também um conflito de interesses e projetos políticos entre as camadas populares, a classe média e os grupos econômica e politicamente dominantes (MONTENEGRO, 2001, p. 59).

Após o governo de Juscelino Kubitschek, foi eleito em 1960 com o apoio da UDN e empossado em janeiro de 1961, o presidente Jânio Quadros que meses depois viria a renunciar. O movimento militar e setores da burguesia nacional tentam impedir a posse do seu vice, João Goulart, o Jango. O movimento estudantil brasileiro realizou diversas manifestações em todo o país em apoio a campanha da legalidade, pela posse imediata de Jango. “Sem pensar duas vezes, os estudantes aderiram à campanha. A pressão surtiu efeito” (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 90).

É nesse período após a posse de Jango, defendida pela UNE, que ocorre movimentações estudantis em todo o país. Em retribuição ao apoio dado pela UNE, Jango visita a sede da entidade, selando assim um pacto institucional. As reformas de base compreendiam uma série de medias para reestruturar as instituições políticas, sociais, jurídicas e econômicas do país.

No período de 1962 a 1963, o movimento estudantil brasileiro se fortalece com a fundação de diversas uniões municipais, centros acadêmicos e grêmios estudantis. Outras forças políticas começaram a atuar no movimento estudantil, inclusive a do setor progressista da igreja católica, denominada de Juventude Universitária Católica que ajudou a fortalecer o protagonismo dos estudantes. Nas palavras de Luís Raul Machado, ex-presidente da Associação Metropolitana dos Estudantes Secundaristas (AMES) do Rio de Janeiro.

Havia um movimento muito grande da igreja junto aos estudantes nessa época. Era a chamada Ação Católica. A juventude estudantil católica era forte e uma presença que se espalhava muito pelos colégios do Rio de Janeiro e no Brasil todo, acredito. Mas aqui houve esse salto de 1962 para 1963, com um número muito maior de estudantes participando (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 96).

A organização dos estudantes passa a realizar também um projeto ousado na área da cultura em todo o país como forma de politizar a classe estudantil.

O Centro Popular de Cultura (CPC) da UNE, contribuiu pra consolidar a dimensão nacional da entidade em todo o território do Brasil. Durante dois meses a UNE foi ao encontro de estudantes de várias partes do país para debater a necessidade das reformas e entender a realidade brasileira com seus contrastes e potencialidades (UNE, 2022).

No dia 13 de março de 1964, o presidente da UNE, José Serra, participa do comício realizado na Central do Brasil em apoio às reformas defendidas pelo presidente João Goulart, entre elas a reforma agrária. A proposta mexeu com os latifundiários e donos de grandes fazendas que em suas falas acusavam o governo de comunista.

O anticomunismo se tornava, cada vez mais, a tática propagandística dos senhores que sentiam ameaçados os seus feudos, e se acentuava a exploração política da fé religiosa das massas humildes. Empregadas domésticas e populares esfarrapados eram levados frente às câmeras de televisão para se pronunciarem contra as “reformas comunistas (POENER, 1979, p. 202).

Dias depois, ocorria o golpe civil-militar orquestrado pela grande elite política e pela parte mais conservadora dos militares. Com um movimento social e militar dividido, a esperança do governo era que a crise seria resolvida de forma pacífica, fato que não ocorreu como descreveu o governador do Rio Grande do Sul e cunhado do presidente João Goulart, Leonel Brizola.

(...) Ninguém tinha ideia da ferocidade do regime que se estabeleceria após toda aquela confusão. (...) Na verdade, Jango me confessou no exílio que a sua reação teria sido outra se tivesse condições de prever o que aconteceria com a sua deposição. Nós todos ficamos com essa convicção. Teríamos atuado de outra forma, pegaríamos em armas, faríamos tudo para resistir. Não entregaríamos o Brasil sem luta. Infelizmente a história foi outra (MORAES, 2011, p. 351).

Moraes (2011) afirma que o líder camponês Francisco Julião teria advertido a Leonel Brizola, anos antes, da possibilidade de um golpe promovido pela direita e com apoio dos militares. Segundo Julião a esquerda estava mais preocupada com a sucessão e as eleições de 1965. “Todo mundo pôs na cabeça que era possível



chegar a uma transformação radical da sociedade brasileira sem um tiro achava-se que o voto teria muito mais força que o fuzil” (MORAES, 2011, p. 229).

## 2.2 PERÍODO DA DITADURA MILITAR DE 1964-1985 E A ATUAÇÃO DOS MOVIMENTOS SOCIAIS CONTRA O REGIME MILITAR

No dia 1º de abril de 1964 ocorre o golpe civil-militar. Os militares golpistas com apoio da elite brasileira e consolidavam no poder com a promessa de livrar o país do “antiDeus”. Nos dias seguintes ocorreram muitas prisões de jornalistas, professores, intelectuais e lideranças sindicais e estudantis. A resistência ao golpe civil-militar tinha a União Nacional dos Estudantes (UNE), como protagonista da ação.

A politização no meio estudantil sublinha o ativismo da União Nacional dos Estudantes (UNE) da União Brasileira de Estudantes Secundaristas (UBES) e da União Metropolitana de Estudantes (UME). A UNE participou ativamente da campanha pela posse de João Goulart, deslocando, inclusive, a sua sede para Porto Alegre, onde o governador Leonel Brizola liderava a resistência a um golpe militar (MORAES, 2011, p. 49).

Diante de toda a repressão que o governo civil-militar estava impondo aos setores organizados contrários ao golpe, os estudantes propuseram um diálogo com o marechal Castelo Branco diante da proposta do ministro da Educação Flávio Suplicy de Lacerda de propor no dia 04 de junho o envio de uma mensagem ao Congresso Nacional, extinguindo a União Paulista dos Estudantes (UPE), a União Metropolitana dos Estudantes (UME), a UNE, a UBES, as Uniões Estaduais de Estudantes secundaristas, e outras entidades de representação estudantil superior e médio, propondo uma estrutura mais controlável pelas autoridades: o Diretório Acadêmico (DA) em cada faculdade, o Diretório Central dos Estudantes (DCE) em cada Universidade, e o Diretório Estadual de Estudantes (DEE), em cada capital de estado onde existisse unidades do ensino superior.

Mais tarde essa configuração trouxe aos secundaristas a criação dos Centros Cívicos Escolares (CCE) em substituições aos grêmios estudantis. Os chamados CCEs tinham estruturas ligadas a uma Comissão de Moral e Civismo (COMOCI) ligadas às secretarias de educação dos estados e territórios. O líder estudantil carioca Antônio Figueira Filho, presidente da UME enviou um telegrama ao Marechal Castelo Branco para que não aceitasse a sugestão do seu Ministro.

Universitários cariocas, através de seu órgão representativo, dirigem-se respeitosamente a V. Ex<sup>a</sup>, face sugestão ilustre Ministro da Educação extinção entidades estudantis, a fim de ponderar sobre fato inédito nossa vida política. Acreditamos patrióticos princípios e ideais democráticos grande maioria estudantes nacionais. Apelamos V. Ex<sup>a</sup>. Evitar marginalização juventude brasileira permitindo sejam reorganizadas suas entidades representativas. Lembramos ilustre Presidente continuamos disposição V. Ex<sup>a</sup>. Conforme entendimento verbal Rio, a fim de apresentar sugestões relacionadas entidades estudantis (POENER, 1979, p. 255).

O cenário político mostrava um movimento estudantil caminhando para uma divisão política ao demonstrar publicamente a tentativa de conciliação com o governo golpista. Mesmo diante de diversas manifestações contrárias a chamada Lei Suplicy, o Congresso Nacional aprovou em 27 de outubro de 1964, por 126 contra 117 votos, e cinco abstenções, o projeto que extinguiu a UNE e criava em seu lugar o Diretório Nacional dos Estudantes com sede em Brasília e sob o controle do Ministério da Educação. A partir daquele momento estava proibido qualquer atividade político-partidária nas ações do Movimento Estudantil no Brasil, incluindo qualquer proposta de greve.

(...) o Sr, Suplicy de Lacerda se viu obrigado a sugerir aos reitores, já em setembro de 1964, que suspendessem, temporariamente, as eleições acadêmicas, até a aprovação, pelo congresso nacional do seu projeto de lei, a fim de evitar, segundo ele, “o que aconteceu em alguns casos isolados: a vitória de minorias ativistas democratas”. Defendendo o projeto que elaborara, dizia o Ministro, na mesma ocasião, que, uma vez transformado em lei, os estudantes “não terão a faculdade de subverter as instituições nacionais ou submeter a pátria brasileira ao calvário do anti Deus” (Diário de Notícias, 29 de setembro de 1964) (POENER, 1979, p. 232).

A aprovação da Lei Suplicy abria caminho para o acordo na área da educação entre o Brasil e os Estados Unidos da América (EUA). O acordo entre o Ministério da Educação (MEC) com a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional (USAID), visava estabelecer convênios de assistência técnica e cooperação financeira à educação brasileira, desde que os país seguisse as diretrizes do Departamento de Estado americano. Ou seja, tiraria a autonomia das universidades e a organização livre dos estudantes, controlando assim os pontos estratégicos do sistema educacional brasileiro.

E de fato ocorreu em 1967. Cerca de 20 acordos foram firmados entre a USAID e o MEC com trabalhos integrados com a Embaixada norte-americana, que orientava - aparentemente de fora - todas as atividades. E caso ocorresse alguma contestação o chamado “dedo comunista” era acionado para justificar tal

discordância. O Brasil já se encontrava com uma nova constituição outorgada em 24 de janeiro de 1967 e que entrou em vigor no dia 15 de março daquele ano.

Poener (1979), afirma que,

“o movimento estudantil brasileiro, ante a repressão policial e os acordos com a USAID, não tinha a mínima razão para acreditar na veracidade e na força das chamadas “componentes” nacionalistas e democráticas do governo” (POENER, 1979, p. 253).

Naquele mesmo ano uma nova constituição brasileira já estava vigorando desde do dia 15 de março. Fora elaborada a dedo pelos militares com apoio de um Congresso Nacional transformado em Assembleia Nacional Constituinte dando respaldo ao governo golpista que institucionalizava de vez uma ditadura militar. No ano seguinte, em 1968, o marechal Costa e Silva assina o Ato Institucional número 05 (AI-5) fechando o Congresso Nacional e endurecendo o regime que segundo ele era para combater a subversão e as “ideologias contrárias às tradições de nosso povo”, (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2018).

O ano de 1968 foi marcado também por dois acontecimentos que demonstraram a participação de outros setores no processo de organização e mobilização do movimento estudantil. Um deles comoveu todo o país quando no dia 28 de março daquele ano, o estudante secundarista do estado do Pará, foi brutalmente assassinado pela Polícia Militar no Rio de Janeiro. O estudante estava nas dependências do Restaurante Calabouço, reduto do movimento estudantil, quando foi brutalmente atingido. Aquele fato provocou uma revolta nunca antes presenciada pós-golpe militar. Manifestações estudantis ocorreram em todo o país. A população se envolveu nos protestos estudantis e colocava em xeque o governo dos militares.

“A reação à morte de Edson Luís foi uma amplitude, de uma radicalidade que ninguém imaginava, mesmo os que achavam que o ano seria de mobilizações. Mas rapidamente a gente percebeu o potencial de mobilização para além da universidade - até porque o Edson Luís não era universitário, mas secundarista”, recorda-se o economista Jean Marc von der Weid, que foi eleito presidente da UNE em 1969 (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 121).

Mesmo diante de todas as perseguições por parte do regime militar, os movimentos sociais, em especial o estudantil, atuavam na clandestinidade. Em 12 de outubro de 1968 a UNE convoca seu 30º congresso para o interior de São Paulo. Para os estudantes a realização dos eventos a nível nacional era um processo de resistência. Segundo Cintra & Marques (2009), agentes da força pública e do DOPS

invadiram o sítio Murudu, em Ibiúna (SP, e prenderam 1.240 estudantes. “Ao ser descoberto pela ditadura, o congresso de Ibiúna determinou o ponto de refluxo do movimento estudantil dos anos 60” (CINTRA & MARQUES, 2009, p. 140).

Para Gurgel (2002, p. 294), em alguns momentos, os militares golpistas tentaram aproveitar do movimento estudantil para dificultar a democratização e até mesmo para justificar a radicalização do regime.

Os anos seguintes foram de total repressão aos movimentos sociais, sindical e estudantil. Muitos políticos foram presos. A tortura imperava e o número de desaparecidos políticos aumentava.

Para Pinto ao citar Gaspari (2002), somente no último trimestre de 1973 foram mortas treze pessoas fora da Guerrilha do Araguaia, sendo certo que seis desapareceram e que: “Pela primeira vez na história da ditadura, o número de desaparecidos aproximava-se ao de mortos oficialmente admitidos. Estava-se diante de um novo comportamento” (GASPARI, 2002, p. 464 *Apud* 2018, p. 48).

Outros casos de lideranças estudantis presas, torturadas e assassinadas pelo regime militar comoveram a sociedade. É o caso do estudante Alexandre Vannucchi Leme. Preso dentro da Universidade de São Paulo (USP) e morto sob tortura nas dependências de uma delegacia em 17 de março de 1973, aos 22 anos. O regime militar teria anunciado à imprensa como “atropelamento” o motivo do sinistro ocorrido com o universitário.

As circunstâncias mal explicadas da morte estarreceram os estudantes de Geologia da USP, que, em 23 de março, resolveram desafiar os militares e promoveram uma missa de 7º dia, além de decretar luto e paralisação simbólica na universidade. A celebração da missa, no dia 30, levou cerca de 5 mil pessoas à catedral da Sé. Foi a maior e mais comovente manifestação de repúdio à ditadura desde a implantação do AI-5. No ano seguinte, foi criado na USP o comitê de Defesa dos Presos Políticos. Quando ocorreram as eleições de 15 de novembro de 1974, o regime se sentia vitorioso de antemão. Não havia “más notícias” na mídia - os meios de comunicação estavam sob censura, e a propaganda oficial se aliava à boa fase esportiva do Brasil. Vivia-se o milagre econômico, em meio ao qual o país cresceu, durante cinco anos, a uma média superior a 11% anual. Grandes obras se alastravam Brasil afora, Nas urnas, porém, o MDB elegeu 16 senadores, e a Arena, apenas seis. De quebra, um terço da Câmara Federal ficou com a oposição. A Arena perdeu ainda a maioria nas assembleias legislativas de São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Ceará.”O governo acata, em sua plenitude, o resultado da votação de sexta-feira, porém não admitirá que a livre manifestação da vontade popular seja desvirtuada para fins de contestação ao regime”, registrava a Folha de São Paulo. Faltou combinar com o povo. Novas mortes e outros descabimentos da ditadura levariam os brasileiros de volta às ruas durante todos os anos do governo Ernesto Geisel (1974-1979), o sucessor de Médici na Presidência. O Governo iniciava sua rota de declínio, e o movimento estudantil

lentamente voltaria à grande cena política (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 184).

Poener (1979), afirma que a volta dos estudantes brasileiros às ruas se daria somente em março de 1977, vindo reforçar e intensificar a luta contra a ditadura militar. “O que se viu, no entanto, sobretudo a partir de março de 77, foi o ostensivo fracasso da ditadura em mais esse setor” (POENER, 1979, p. 308). Começava a pipocar manifestações por todo o país com o chamamento de “Dias nacionais de Lutas” e da “semana da Anistia”, reunindo não somente os estudantes, mais intelectuais, professores, jornalistas, advogados e demais trabalhadores. A doutrinação proposta pelo regime militar desde o acordo MEC-USAID não tinha surtido efeito.

Em 1979, assumiu a Presidência da República o General João Baptista Figueiredo, natural do Rio de Janeiro e oriundo da presidência do Serviço Nacional de Informações (SNI), órgão de espionagem da ditadura militar. Nos anos seguintes o regime militar enfrentaria greves de metalúrgicos e de estudantes, além da realização de congressos estudantis da UNE e da UBES, essa última conseguindo realizar o encontro depois de anos.

A necessidade de reconstrução da UBES já estava clara em toda a rede do movimento estudantil brasileiro. A data e o local do histórico 21º Congresso já estavam definidos - de 31 de outubro a 2 de novembro de 1981, em Curitiba (PR) (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 205).

Os militares percebiam que estavam perdendo espaço político. O movimento propondo eleições diretas para presidente da república, chamado de “Diretas Já”, tomava as ruas do país. O regime militar fez de tudo para boicotar a votação da emenda Dante de Oliveira. E no dia 25 de março de 1984 a proposta não foi aprovada. “Faltaram 22 votos- uma pequena margem que deixava claro o racha na base do governo” (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 223).

Naquele mesmo ano novos protestos de trabalhadores na luta por condições dignas de trabalho pipocaram em vários estados do país. O caminho da luta estava as claras com a participação de estudantes e trabalhadores, mostrando um somatório de unidade em prol da democracia e da abertura política.

### 2.3 A NOVA REPÚBLICA E A ATUAÇÃO DO MOVIMENTO ESTUDANTIL DE 1985 ATÉ OS DIAS ATUAIS

É justamente nessa busca do impossível e por acreditar na luta da coletividade que a utopia real no movimento estudantil se tornou uma das maiores resistências contra a ditadura civil-militar iniciada em 1964 no país, finalizada somente com o início em 1985 da Nova República.

O ano de 1985 representou a consolidação do movimento estudantil secundarista que conseguiu realizar seu congresso logo após a posse do presidente José Sarney. Começava a abertura política inclusive com a assinatura do decreto federal 7.398 que instituía a livre organização dos estudantes brasileiros através de suas entidades estudantis, “ou Lei do Grêmio Livre, proposta na Câmara pelo deputado federal e ex-presidente da UNE, Aldo Arantes” (CINTRA & MARQUES, 2009, p. 229).

O regime militar (1964-1985) tinha ficado para trás, mas era preciso limpar o “entulho autoritário” acumulado ao longo de 21 anos de ditadura. Por isso, o Brasil viveu, sobretudo na segunda metade da década de 1980, um período de fortalecimento das instituições e dos valores democráticos - consolidação da Nova República. A Assembleia Constituinte, instalada em 1987, foi responsável por elaborar e, no ano seguinte, aprovar a constituição cidadã (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 236).

Com a constituição de 1988 e a organização dos movimentos sociais o movimento estudantil comemorou a conquista do voto facultativo para os menores de 16 e 17 anos. O país se preparava para ir às urnas depois de mais de 20 anos, para eleger pelo voto direto e secreto o novo presidente da república. A disputa se consolida no segundo turno entre o candidato do Partido dos Trabalhadores, o líder sindical Luiz Inácio Lula da Silva (PT) e o ex-governador do estado de Alagoas, Fernando Collor de Melo (PRN). O “fantasma do comunismo” propagado pela grande mídia e elite brasileira contra a candidatura de Lula, consagrou a vitória de Collor. Estava eleito no dia 17 de dezembro de 1989 o novo presidente do país que três anos depois enfrentava várias manifestações e pedido de impeachment. Collor renunciou e em seu lugar assumiu o seu Vice, Itamar Franco. Tanto a mídia como os movimentos sociais citaram os estudantes secundaristas liderados pela UBES, chamados de “Cara Pintadas”, como os maiores participantes das mobilizações pelo “Fora Collor”.

(...) Fernando Gusmão, primeiro presidente da UNE depois do impeachment, elogia o empenho dos estudantes secundaristas. “A UBES teve papel decisivo na questão do impeachment. Não se fala muito disso, mas é bom que se fale. A UBES é a que mobilizava muita gente. A base da mobilização do Fora Collor era estudantes secundaristas. Você tinha milhares de

estudantes e 70% deles eram secundaristas”, diz Gusmão ao MME (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 268).

Chegava ao fim da era Collor e o movimento estudantil se fortalecia com as fundações de novas uniões municipais, grêmios estudantis e centros acadêmicos por todo o país. Nas lutas seguintes os estudantes travaram batalhas pela consolidação da meia entrada em eventos culturais, cinema, passe livre nos ônibus e a defesa do ensino público e gratuito e de qualidade. O enfrentamento contra as privatizações é a tônica contra os dois mandatos do governo do presidente Fernando Henrique Cardoso (PSDB). Em 2001 os estudantes sofrem um duro golpe quando FHC institui a medida provisória 2208, que tira a exclusividade na emissão das carteirinhas da meia entrada.

O movimento estudantil iria ocupar um espaço de destaque nas chamadas manifestações de junho de 2013 na luta pela tarifa zero nos transportes públicos. Mas desta vez não somente eram estudantes ou jovens da periferia dos grandes centros, mas a grande maioria da população que depende do transporte público.

Nessa etapa de mobilização, não mais apareciam as bandeiras das entidades estudantis, sindicatos ou partidos políticos. A pauta da mobilização não tinha um líder, mas uma palavra: participação.

Segundo a folha de São Paulo, 84% dos manifestantes paulistas no dia 17 de junho não tinham preferência partidária, 71% participavam pela primeira vez de um protesto e 53% tinham menos de 25 anos. Pessoas com ensino superior eram 77%. Alguns números revelam o óbvio: desde 1992 não havia protestos amplos e generalizados no país, logo, só poderia ser a primeira vez dos jovens manifestantes. Além disso, a preferência partidária sempre foi baixa no Brasil, embora tenha se revelado ainda menor na pesquisa citada (SECCO, 2013, p. 71).

Nos dois mandatos do presidente Lula, tanto a UBES quanto a UNE ocuparam papel de destaque no protagonismo estudantil e de participação conjunto com os movimentos sociais. A devolução do terreno e construção de uma nova sede para as entidades estudantis se consolida e o movimento estudantil com pautas contra o governo federal se transforma num pacto de conciliação e de parceria com os mandatos do presidente Lula e, em seguida, com o de Dilma Roussef (apoiada pelo seu antecessor e empossada no dia 1º de janeiro de 2015), no seu segundo mandato como Presidenta do país.

O movimento estudantil através da UNE da UBES só iria promover grandes manifestações em abril de 2016 em defesa da presidente Dilma Roussef e contra a

tentativa de impeachment. Em agosto do mesmo ano, em votação ocorrida no Senado, ela perde o mandato, assumindo o seu vice Michel Temer do PMDB, a presidência da república.

Em defesa da democracia, os protestos espontâneos tendem a crescer, sobretudo pelo impacto do circo que foi a aprovação do impeachment pela Câmara de Deputados, presidida por Eduardo Cunha, réu em processo de corrupção no Supremo Tribunal Federal (STF). O STF parece não ter urgência, assim como a Câmara dos Deputados, em explicar a lei contra Cunha, enquanto editoriais da grande imprensa defendem que a prioridade é o impeachment de Dilma e não o combate sem trégua à corrupção. No próximo dia 28 de abril, quinta-feira, o movimento estudantil liderado por grêmios, secundaristas, DC's e CA's comandarão junto a UBES, UNE e ANPG uma paralisação nacional com trancaços nas escolas, aulas públicas, assembleias e manifestações (UBES, 2016).

Durante o Governo de Michel Temer, entidades estudantis, sindicatos e movimentos populares promoveram diversas manifestações pelo “Fora Temer” através de uma frente de organizações a nível nacional. Os embates reivindicatórios acabam tomando coró numa corrente de unidades junto aos partidos de esquerda que em 2018 lançam o professor Fernando Haddad (PT) para disputar a presidência da República, em substituição a Luís Inácio Lula da Silva, preso e que teve a candidatura vetada pela Lei da Ficha Limpa, “por ser condenado em segunda instância a doze anos e um mês pelos crimes de corrupção passiva e lavagem no caso do apartamento triplex no Guarujá” (VEJA ABRIL, 2018).

Um encontro das entidades que compõem a Frente Brasil Popular, entre elas a UBES, acontece neste sábado (09) e domingo (10) na Escola Nacional Florestan Fernandes, em Guararema (SP). É a segunda vez que os membros do país todo participam de uma conferência para dividir ideias e traçar estratégias. Criada em 2015, durante uma crise na sociedade brasileira que acabaria levando ao impeachment da presidenta Dilma Rousseff, a frente tem sido um pilar da resistência por direitos e democracia no Brasil. Para Pedro Gorki, presidente da UBES, a articulação foi e continua sendo essencial para enfrentar o golpe. Ele e outros secundaristas estiveram na abertura da II Conferência Nacional nesta sexta (08), no Sindicato dos Jornalistas de São Paulo. “A Frente Brasil Popular é a união de toda a rebeldia e indignação de um povo golpeado. A realização dessa conferência dialoga com a necessidade do nosso povo de ter alternativas ao projeto de Temer” (UBES, 2017).

A eleição de 2018 para a presidência da República tem um personagem político já antigo do congresso nacional na disputa. Trata-se do deputado federal Jair Bolsonaro (PSL) que juntamente com Fernando Haddad (PT) vai para a disputa do segundo das eleições presidenciais.



Com o refluxo do movimento estudantil e a divisão da esquerda presenciada nesse período, o deputado federal e capitão reformado do exército Jair Messias Bolsonaro (PSL) se torna o primeiro militar eleito pelo voto popular desde 1945, quando o general Dutra foi eleito. Em seu primeiro discurso após a vitória, Bolsonaro disse que irá respeitar a constituição:

Liberdade é um princípio fundamental, liberdade de ir e vir, liberdade de empreender e liberdade política e religiosa, liberdade de informar e ter opinião, liberdade de fazer escolha e ser respeitado, este é o país de todos nós, brasileiros natos ou de coração. Brasil de diversas cores e opiniões. Como defensor da liberdade, vou guiar um governo que proteja os direitos do cidadão que cumpre o seu dever e respeita as leis, elas são para todos, porque assim será nosso governo: constitucional e democrático (CÂMARA DOS DEPUTADOS, 2022).

Para Vasconcelos, a vitória de Bolsonaro mostrava à sociedade a organização de uma grande rede denominada de bolsonarismo que usava as redes sociais para a consolidação de seus atos e ideais com perseguições à oposição. “Com a força que a indústria da desinformação assumiu em todo o mundo e com o chamado gabinete do ódio no Brasil comandado pelo filho do presidente, Carlos Bolsonaro”, (VASCONCELOS, 2021, p. 23)

Com os Movimentos Sociais levantando a bandeira do “Fora Bolsonaro”, em 2020 tem início a pandemia do novo coronavírus em todo o mundo. Novamente ocorre um refluxo das manifestações em detrimento do isolamento e das orientações da Organização Mundial de Saúde (OMS), de não aglomeração. Mesmo ainda na pandemia, mas agora com um pouco de flexibilização em eventos, em 11 de setembro de 2021 o movimento estudantil através de suas entidades UBES, UNE e Associação Nacional de Pós-Graduado (ANPG), lançaram uma carta denominada de “Carta ao Brasil - Estudantes pelo fora Bolsonaro”, conclamando todos os estudantes do país a continuarem participando das manifestações e pedindo unidade na luta contra o presidente da república. Em um dos trechos da carta as organizações pedem ampliação na oposição ao governo Bolsonaro:

(...) E mais uma vez, a história convoca os estudantes brasileiros a continuarem seu papel de protagonismo nesse processo. É hora de mobilizarmos a rede do movimento estudantil em grandes passeatas. Defender as liberdades democráticas e a União Nacional dos Estudantes contra qualquer ataque autoritário. É preciso dar continuidade a esse processo de mobilização com responsabilidade, coesão, unidade e amplitude. A ampliação da oposição ao governo Bolsonaro nas ruas inaugura uma nova fase da nossa luta, e cria mais condições de vitórias do que nunca. Por fim, reafirmamos nossa posição pelo impeachment de Bolsonaro e convocamos os estudantes, CAs, DCEs, DAs, grêmios, APGs,

coletivos, federações e executivas de cursos, a se somarem à essa luta (UBES, 2021, p. 2).

O impeachment defendido pelo movimento “Fora Bolsonaro”, composto por partidos de esquerda, centrais sindicais, movimentos sociais, populares, indígenas e o estudantil não ocorreu. Mas a disputa eleitoral para Presidência da República ocorrida em 2022 foi bastante polarizada. No cenário da disputa Jair Bolsonaro (PL) e Luiz Inácio Lula da Silva (PT), que foi considerado inocente nos dois processos da lava jato considerando-o candidato ficha limpa e, portanto, apto a concorrer o pleito. Após 580 dias de prisão, Lula foi solto em novembro de 2019, assim que o Supremo Tribunal Federal (STF) passou a considerar a prisão em segunda instância inconstitucional. O Supremo agora entende que os réus só podem ser presos quando não couber mais recursos.

Em 2021, o STF anulou as condenações por motivos técnicos e os processos prescreveram. “A anulação se baseou em dois entendimentos da corte: de que o juiz Sérgio Moro foi parcial, o que comprometeu o direito da defesa a um julgamento justo, e de que os casos tramitaram fora da jurisdição correta” (UOL, 2022).

As duas candidaturas polarizadas foram para o segundo turno e o movimento estudantil através das suas entidades estudantis UNE, UBES e ANPG lançam no dia 06 de outubro de 2022, uma nota conjunta de apoio ao candidato Luís Inácio Lula da Silva para a presidência do Brasil. Na carta as entidades estudantis apontam a escalada autoritária em que vive o país e acusam o presidente Bolsonaro de ação criminosa durante a pandemia do novo coronavírus,

(...) Nosso posicionamento neste momento crucial para o país não poderia ser diferente. Estamos radicalmente ao lado da soberania nacional, da ciência, do pensamento crítico, da diversidade, de uma política que esteja a serviço dos brasileiros mais vulneráveis, dos mais pobres, das mulheres, dos negros e negras, dos LGBTs (...) (UNE, 2022).

E no dia 30 de outubro de 2022, com cerca de 60 milhões de votos, o candidato apoiado pelo movimento estudantil brasileiro, Luiz Inácio Lula da Silva é eleito presidente do país para o mandato de quatro anos a partir do ano de 2023. O cenário político apresentava um país dividido entre um discurso levado pelos movimentos sociais como ribeirinhos, indígena, sindical e estudantil, com destaque para os embates dentro das Universidades e a fala do nacionalismo com simbolismo focado no tripé de “Deus, Pátria e Família” ecoado por movimentos políticos sociais

conservadores e cristão. Esse mesmo discurso era utilizado amplamente como slogan por Benito Mussolini líder fascista que governou a Itália de 1922 a 1943, aliado da Alemanha nazista, de Adolf Hitler na segunda guerra mundial.

O negacionismo foi a palavra em destaque nesse contexto político. O descrédito aos poderes legislativo, judiciário e o executivo e de não reconhecimento dos resultados da eleição, levou o bolsonarismo, grupo derrotado a empreender diversas ações de apoio a uma intervenção militar no país. O ápice dessa ação dita como “terrorista” pelos meios de comunicação ocorreu em Brasília-DF, capital da república no dia 08 de janeiro de 2023 com a invasão e muita destruição no interior das sedes dos poderes Executivo (Palácio do Alvorada), Legislativo (Congresso Nacional) e Judiciário (Sede do Supremo Tribunal Federal).

A tentativa golpista fracassa. A reação da maioria da sociedade brasileira é de condenação ao golpe. O presidente Luiz Inácio Lula da Silva em rede nacional conclama a unidade da nação e a Procuradoria Geral da União inclui um documento denominado “minuta do golpe” numa ação contra o ex presidente Jair Bolsonaro que dois dias antes de terminar o mandato, saiu do país rumo aos Estados Unidos da América - EUA. A conjuntura atual do país é de muita tensão e de total violação ao estado de direito.

Uma semana após aos atos golpistas em Brasília, em diversas cidades do país, movimentos sociais, sindical, estudantil, indígena, saíram às ruas em defesa da democracia.

### **3 A MÍDIA HEGEMÔNICA E MÍDIA CONTRA HEGEMÔNICA E OS JORNAIS ESTUDANTIS DA URES**

#### **3.1 A ATUAÇÃO DOS JORNAIS ESTUDANTIS**

A mídia dentro deste contexto de jornais estudantis impressos pode ser considerada como uma ação contra hegemônica diante de um mundo midiático hegemônico. É neste conceito de hegemonia proposto por Antônio Gramsci o consenso e o dissenso disputam essa formação imaginária de poder.

Para Moraes (2010, p. 54), ao citar Gramsci, a hegemonia pressupõe a conquista do consenso e da liderança cultural e político-ideológica de uma classe ou bloco de classes sobre as outras. Além de congregar as bases econômicas, a hegemonia tem a ver com entre choques de percepções, juízos de valor e princípios entre sujeitos da ação política. Os jornais representantes do capital trazem esse conteúdo da mídia hegemônica, apresentada pela teoria da comunicação de Gramsci,

(...), a partir da condição privilegiada de distribuidores de conteúdos, como proposto por Karl Marx (MARX e ENGELS, 1977, p. 67): “transportam signos; garantem a circulação veloz das informações; movem as ideias; viajam pelos cenários onde as práticas sociais se fazem; recolhem, produzem e distribuem conhecimento e ideologia”. Os veículos ocupam posição distintiva no âmbito das relações sociais, visto que fixam os contornos ideológicos da ordem hegemônica, elevando o mercado e o consumo a instâncias máximas de representação de interesses. Gramsci refletiu sobre o principal meio de comunicação de sua época - a imprensa (MORAES, 2010, p. 61 apud MARX; ENGELS, 1977, p. 67).

Os jornais impressos estudantis ocupam em diferentes épocas esse olhar do cotidiano, debatendo e distribuindo conhecimento e ideologia, contribuindo para a construção da memória e identidade do movimento estudantil.

Segundo Moraes (2010, p. 68) ao citar Virgínia Fontes (2008, p. 145), refletir sobre hegemonia e contra hegemonia, pressupõe analisar os modos de convencimento, de formação e de pedagogia, de comunicação e de difusão de

visões de mundo, as sociabilidades peculiares, as maneiras de ser coletivas, as clivagens e as contradições presentes em cada período histórico.

Segundo Amorim & Silva (2016, p. 12), ao citar Cecilia Peruzzo, a mídia alternativa tem o desejo de transformar o mundo através de denúncias abusivas e sempre com uma pauta voltada aos direitos humanos.

No conjunto, a comunicação alternativa representa uma contra comunicação, ou uma outra comunicação, elaborada no âmbito dos movimentos populares e “comunidades”, e que visa exercitar a liberdade de expressão, oferecer conteúdos diferenciados, servir de instrumento de conscientização e, assim democratizar a informação de modo a contribuir para transformação social (AMORIM; SILVA, 2016, p. 12 apud PERUZZO, 2008, p. 2).

Nesse contexto para Gonzalez (2022, p. 33), a comunicação comunitária é conhecida também por: comunicação popular, alternativa, educomunicação, mídia alternativa, jornalismo cidadão, entre outros. Assim, “em comum, todas essas nomenclaturas se caracterizam como expressões de uma comunicação diferente da mídia tradicional”. No período da ditadura civil-militar brasileira, os periódicos estudantis e alternativos circularam nas diversas capitais dos estados, como forma de denunciar a perseguição política e repressão sofrida pelo movimento sindical, popular e estudantil.

### 3.2 OS JORNAIS ESTUDANTIS DA URES

Os jornais impressos da URES não representam somente o levantamento histórico dos seus periódicos, mas a construção da memória e identidade do movimento estudantil roraimense desde a sua fundação até os dias atuais.

Para Candau (2012, p. 98), identidade e memória, estão interligadas e se nutrem para constituir um mito, uma história ou uma narrativa, mas “o ponto de origem não é suficiente para que a memória possa organizar as representações identitárias”.

É preciso ainda um eixo temporal, uma trajetória marcada por essas referências, que são os acontecimentos. Um tempo vazio de acontecimentos, cuja maior ou menor densidade permite distinguir os “períodos” e as “épocas”, é um tempo vazio de lembranças (CANDAU, 2012, p. 98).

Os jornais impressos da URES, em suas fases de circulação, contribuíram para a visibilidade do movimento estudantil roraimense, representando assim, esse eixo temporal. Segundo NEVES (2012, p. 66) nas palavras de BAHIA (1990) em seu livro “Jornal, História e Técnica - história da imprensa brasileira”, a própria igreja chegou a se incomodar com os impressos no início da colonização brasileira. O Santo Ofício fez registro de queixas chamando os impressos de “Pasquineiros”, “Grasnadores”, “Ruins de Boca” (BAHIA, 1990, p. 31).

O jornalismo brasileiro anterior à letra de forma se expressa pelos novidadeiros de rua e de café, pela carta, pela sátira, pelo panfleto, pelo verbo oral, e escrito. Bem ou mal, seus autores atingem os objetivos: ora contra uma justiça bastarda e vencida, ora contra uma igreja conivente, ora contra o colonialista tirânico (BAHIA, 1990, p. 31).

Na monografia apresentada, por mim em 18 de dezembro de 2004, junto ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima - UFRR, com o título Os Impressos da União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES) - Levantamento Histórico, foram recuperados vinte e cinco impressos desta organização estudantil que vai de 1955 a 2001. Esse registro histórico foi dividido em três fases: a primeira com a edição n.º 03, datada de 03 de fevereiro de 1955, única recuperada, denominado de *A Gazeta Estudantil*; a segunda fase com a catalogação de vinte e duas edições do impresso *O Estudantil*, que circulou de 10 de outubro de 1960 a 26 de fevereiro de 1964; terceira e última fase, aparece o impresso *O Movimento*, com a primeira edição lançada em junho de 1997 e a última em maio de 2001, totalizando sete impressos catalogados.

Na pesquisa *Imprensa: Fonte de Estudo para a construção e reconstrução da história*, de Maria do Carmo Pinto Arana de Aguiar (2010), afirma a importância dos estudos nos jornais para construção e reconstrução da história.

(...) especificamente a escrita, nesse caso, os jornais, para construção e reconstrução da história, que através dos periódicos, podemos desvendar aspectos do social, do político e do econômico dentro de um período pré-determinando para estudo, assim como seus agentes no processo de transformação social e sua participação para a construção da história (AGUIAR, 2010, p. 22).

Para Aguiar (2010), a imprensa é o lugar ideal para buscar e entender o cotidiano sociocultural, pois através da preocupação com a informação, a

possibilidade de socialização do indivíduo e o que norteia uma comunidade, tanto informando como manipulando o consciente coletivo de uma população.

A produção dos jornais da URES, em todos os ciclos e fases contou com a participação das lideranças estudantis denunciando de forma direta e indireta elogiando ou até mesmo denunciando o sistema, como afirmou Nóvoa (2002), ao dizer que a análise da imprensa permite apreender discursos que articulam práticas e teorias, que se situam no nível macro do sistema, mas, também no plano micro da experiência concreta, que exprimem desejos de futuro ao mesmo tempo que denunciam situações do presente.

Por meio dos jornais catalogados, faço agora uma leitura nos seus artigos, expedientes, equipes, manchetes e a identificação dos atores dos jornais com o intuito de pesquisar a memória e a identidade coletiva dos estudantes secundaristas da URES.

Fases dos impressos da URES: **Primeira Fase:** *A Gazeta Estudantil* - 1955 (1 edição analisada); **Segunda Fase:** *O Estudantil* - De 1960 a 1964 (20 edições analisadas); **Terceira Fase:** *O Movimento* - De 1997 a 2001 (7 edições analisadas).

Através dos jornais da URES, é possível analisar um movimento estudantil em dois ciclos. O primeiro inicia com a sua fundação ocorrida em 1952, até o fechamento de sua sede, e a proibição de realizar suas atividades em virtude do golpe civil-militar de 1964. E o segundo ciclo, que compreende a partir de sua reconstrução ocorrida em 1988, três anos após o início da Nova República e abertura política de 1985, até os dias atuais

### 3.3 ANÁLISE DOS JORNAIS DA URES “A GAZETA ESTUDANTIL”, “O ESTUDANTIL” E “O MOVIMENTO”, ASPECTO, METODOLOGIA, REFLEXÕES E TEORIAS

No, então, Território Federal do Rio Branco, no ano de 1945, era fundado o Grupo Escolar Lobo D’Almada. Nesse mesmo ano chegou em Boa Vista com apenas 9 anos de idade, o amazonense Murilo Bezerra de Menezes. Em entrevista, Menezes (2022) afirma que o grupo escolar no primeiro ano de funcionamento, atendeu os alunos numa casa localizada de esquina entre as avenidas Jaime Brasil e Getúlio Vargas, no centro da capital roraimense.

Naquele tempo não tinha grêmio estudantil e a ideia de movimentar a escola foi a criação de um jornalzinho que chamamos de “O Lobinho. Esse com certeza foi o primeiro jornal mimeografado feito pelos estudantes que

circulou no território com notícias dos estudantes, da cidade, com o apoio da professora Maria Augusta (MENEZES, 2022).

Já em 1950, Menezes (2022) afirma que cursando o Ginásio Euclides da Cunha ele juntamente com o amigo Idalmir Cavalcante fundam o jornalzinho “O Grito”. Foi nesse período que, segundo ele iniciaram as formações dos grêmios estudantis, nas escolas de Boa Vista. Somente em 1952 a URES foi fundada e com ela começa a circular o jornal *A Gazeta Estudantil*. “Além de ser um dos fundadores da URES, ocupamos diversos cargos na diretoria. Já vem mesmo no sangue o nosso gosto pelo jornal” (MENEZES, 2022).

Na primeira fase dos jornais da URES ainda percebemos uma entidade em organização. Mesmo assim o uso da impressão tipográfica se destaca pelo menos na única edição recuperada. A aquisição desse exemplar ocorreu quando o estudante Jacó Alves, no ano de 1986, na organização da Comissão Pró-URES conseguiu recuperar alguns documentos da URES. Dez anos depois já reconstruída, esse exemplar da “A Gazeta Estudantil” chegava as minhas mãos. As informações da edição foram usadas para o levantamento histórico dos jornais da entidade feito em 2004 quando cursei a graduação em Comunicação com habilitação em jornalismo pela Universidade Federal de Roraima (UFRR).

Por ser de papel jornal e por estar guardado em local inapropriado na atual sede da URES, o impresso acabou quase deteriorado. Mesmo assim, tiramos uma fotocópia da primeira página, cópia essa digitalizada e que ilustrou a página número 72 do livro “Coração de estudante - memórias de um militante” (2012).

O primeiro jornal a circular da URES, *A Gazeta Estudantil* era do tipo tabloide com 04 páginas. Diagramação em cinco colunas. [O jornal era voltado basicamente para divulgar as ações da URES e do movimento estudantil nacional. Conseguimos recupera apenas uma edição do impresso] (NEVES, 2012, p. 76).

A edição da *A Gazeta Estudantil* trazia como manchete: “Incentiva a nossa classe, o pres. da União Brasileira dos estudantes secundários” - Comentário referente a mensagem do presidente da UBES Carlos Salzano Vieira da Cunha. Edição número 03 - Ano I, Boa Vista, sábado, 13 de fevereiro de 1955. (Neves, Paulo Thadeu Franco das; Coração de estudante - memória de um militante, Boa Vista 2012, p. 72). Expediente do jornal: Presidente da URES: Zildo Batista Torreias. Diretor do Jornal: Cloter S. Mota. Secretário de Redação: Areolino Pires. Redatores: n Luiz Hitler Lucena, Francisco Queiroz Correa e Alípio A. de Lima.



Para Neves (2012, p. 76) a manchete dessa edição cita um artigo (figura 6), assinado pelo líder estudantil, o gaúcho Carlos Salzano Vieira da Cunha. Esse mesmo líder estudantil integrava o grupo dissidente da UBES coordenado pelos integralistas.

Portanto, um mês antes do suicídio de Vargas, Dyneas foi reeleito presidente da UNES, durante o 7º Congresso realizado em Salvador. “No Rio de Janeiro, enquanto isso, discípulos dos golpistas da direita elegem o gaúcho Carlos Salzano Vieira Cunha como seu líder maior. O Brasil pós-Vargas era outro” (CINTRA; MARQUES, 2009, p. 68-69).

Ao publicar um artigo em seu jornal assinado por Carlos Salzano Vieira Cunha, a direção da URES de 1955 deixa bem nítido a que grupo participava e mantinha intercâmbio: o grupo ligado à direita formado por integralistas e a juventude da União Democrática Nacional (UDN), que rachou a UBES em 1948.

Conforme Cintra e Marques (2009), esse grupo que dividiu o movimento secundarista nacional atuou até o ano de 1958 frente a UBES, pois no congresso de unificação de 1956, o estudante José Luís Clerot foi reeleito por mais dois anos. No site oficial da UBES, nessa mesma data de 1955, aparece como presidente da organização estudantil, o estudante Nissin Castiel, ligado aos grupos de esquerda como a União da Juventude Comunista - UJC e progressistas da Juventude Unida Católica (JUC).

**Figura 6** – Edição/capa n.º 03, A Gazeta Estudantil - URES, 13 de Fevereiro de 1955



Fonte: Livro "Coração de Estudante - memórias de um militante" - (NEVES, 2012, p. 72).

No período de 1960 a 1964, já na segunda fase dos impressos da URES, circulou o jornal O Estudantil, denominado na sua apresentação, como o "Órgão Noticioso da União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas - URES", organização estudantil fundada em 27 de julho de 1952. Esse "jornalzinho", teve a sua primeira edição veiculada no dia 10 de outubro de 1960 trazendo como manchete "A imprudência causa vítimas" Como fundadores, o jornal traz o Padre da igreja católica, Eugênio Possamai, e o estudante Francisco Galvão Soares.

As primeiras edições do "O Estudantil", foram datilografadas e impressas em um mimeógrafo, com seis páginas de papel em formato A4. Analisando a edição n.º 01, do informativo que circulou, temos na primeira página em formato tamanho A4, mimeografado em estêncil, o nome do jornal, O Estudantil - órgão independente e noticioso da URES, com o endereço da sede, sito a av. Bento Brasil, nº 134 - caixa postal 184, ano I, datado do dia 10 de outubro de 1960 (figura 7), com o nome da capital Boa Vista, e as iniciais T.F.R.B., que significa Território Federal do Rio Branco.

O expediente do jornal traz ainda o nome da equipe editorial formada pelo estudante Francisco Galvão Soares, como diretor e do padre da igreja católica

Eugênio Possamai, como redator. Essa edição de lançamento do “O Estudantil”, apresenta um impresso com pequenos artigos escrito pelos estudantes, com temática sobre a violência no trânsito e o dia das mães. Na segunda página traz uma coluna denominado “Notas e avisos da URES”, com um chamado aos cento e trinta e oito estudantes matriculados na entidade que solicitaram a sua caderneta de sócio.

Na página de número três, um artigo aparece numa espécie de editorial do jornal, com o título “A juventude católica, a religião e a juventude”, demonstrando claramente o que Poener (1979) apresentou sobre a ascensão nesse período do movimento católico dentro do movimento estudantil brasileiro. Na mesma página, um texto secundário com o título “Pátria Querida, brasileiro, onde está tua pátria?”, faz um questionamento com teor nacionalista.

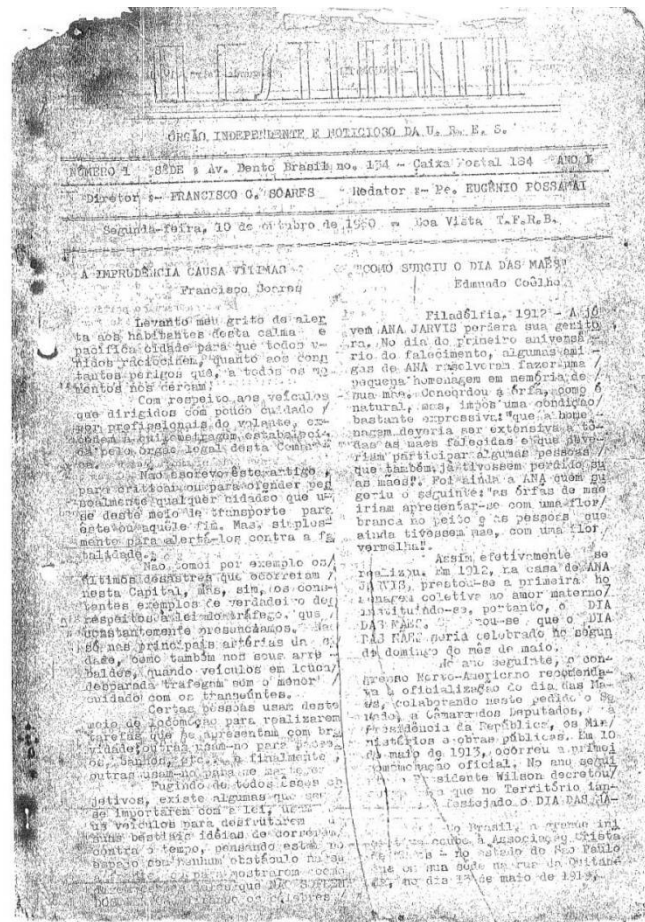
Percebemos as duas correntes políticas presentes no movimento estudantil roraimense, essa última bem nacionalista fruto da década de 1950 e a anterior já com um propósito mais progressista ligado as várias tendências que integravam a Juventude Universitária Católica (JUC), como bem pontuou Poener (1979).

E os diretores da entidade se viam compelidos, mesmo contra a sua vontade, a participar da campanha do “Petróleo é Nosso”, não só pela linha nacionalista do novo governo Vargas - que voltara ao poder, nos braços do povo, em 1950 - como pelos estatutos da UNE, que obrigavam suas direções a lutar pelo nacionalismo e contra o entreguismo (POENER, 1979, p. 182).

A busca por essa identidade para “*O Estudantil*”, se depara com uma elite local formada por fazendeiros e com a ligação bastante forte da igreja católica. Essa aproximação da igreja com a elite local, irá ser vista durante toda a circulação do jornal. Segundo Jaci Guilherme Vieira, o rompimento com as elites locais se deu só na metade da década de 70.

A Igreja, que se implantou definitivamente na região do Rio Branco no início do século XX, apesar de num primeiro momento ter tido problemas com a elite local, procurou contemporarizar com esta, pregando a obediência às autoridades, como já foi dito. Essa utilíssima associação entre Estado e fé revelava-se permanente, em inabalável continuidade por quase sessenta anos, quando, na segunda metade da década de 1970, deu-se o início do rompimento com as elites locais (VIEIRA, 2003, p. 138).

Figura 7 – Edição n.º 01, Capa do O Estudantil - URES, 10 de Outubro de 1960



Fonte: Arquivo pessoal.

A edição número cinco, de 28 de maio de 1961 (figura 8), do “O Estudantil” traz a manchete: “Crise - Boa Vista vive no momento uma das maiores crises já ocasionadas em toda a sua vida, pelo intenso verão. “É de praxe em Boa Vista, quando o verão é muito extenso, nós presenciarmos a crise total de gêneros alimentícios de primeira necessidade. Os poderes públicos embora façam os maiores esforços dentro de suas possibilidades, não conseguem suprir imediatamente carência dos principais produtos que a cidade consome. (...)”, “O Estudantil”, 1961.

A classe média teve algumas vitórias históricas na sociedade política, à custa de muita luta; mas o dilema desta luta é que ao tentar tornar sua Lei perceptível num discurso, arrisca-se a desfigurá-la. Uma vez que a lei de autoridade se objetiva através do conflito político, ela se torna um objeto também passível de contestação (EAGLETON, 1990 p. 37).

Figura 8 – Edição nº 05, Capa do O Estudantil - URES, 28 de Maio de 1961

OBRAS INDEPENDENTES E NOTICIOSO DA U. R. E. S.			
NUMERO 5	DIRETOR	REDATOR	INC. 1
SERIE: U. R. E. S.	Francisco G. Soares		Caixa Postal 884
Domingo, 28 de Maio de 1961. Boa Vista - T. F. R. B.			

<b>CRISE</b>	<b>ROUBO</b>
--------------	--------------

BOA VISTA VIVE NO MOMENTO UMA DAS MAIORES CRISES JA OCASIONADAS NA SUA VIDA, PELO IMENSO VURDO.

A de praxe em Boa Vista, quem do o verão é muito extenso, nós presenciamos a crise total de gêneros alimentícios de primeira necessidade.

Os poderes públicos embora façam os maiores esforços dentro de suas possibilidades, não conseguem suprir imediatamente a ocorrência dos principais produtos que a cidade consome. A principal causa desta crise é que todos os meios para sobre nós é que a nossa única e principal via de transportes marítimos, fica periculada, dando o estado em que se encontra atualmente o Rio Branco, ficando assim a Capital sem qualquer socorro marítimo.

Não há nessas imediatas providências dos homens que dirigem nosso Território, estrangeiros e meros do morrer de fome porque não temos a grade, um dos principais produtos do Território se encontra escasso.

O Mercado público é palco das mais tristes e imperiosas cenas, quando os pais do familiar, procuram em vão, sem encontrar no único elemento capaz de satisfazer a exigência do organismo humano.

Nas margens dos rios, presenciamos, através os olhos chocantes, quando há busca da peixe contendo de pessoas, ali ficam lamentando a situação crítica e bestante fome de

INDIVIDUOS NÃO IDENTIFICADOS, NA MADRUGADA DE QUARTA-FEIRA PASSADA, FUJAM MATERIAIS DE PROPRIEDADE DA U. R. E. S. - TABUAS E ALUMINIOS.

Na madrugada de quarta-feira, indivíduos não identificados, nas calçadas da noite aproveitaram-se da ausência de policiamento e transeuntes que trafegam nas imediações da Sede da U. R. E. S. situada na Av. Getúlio Vargas, no Lado do Prédio do T. B. U. R. para roubar materiais ali existentes que consistiam em tabu-

as e alumínio de propriedade da União de Estudiantes de Engenharia de Boa Vista.

AVO' presença do mesmo ainda não foram descobertos os autores do furto, mas logo que sejam conhecidos as providências que se fazem necessárias, para que os malintencionados sejam punidos na forma de lei.

nessa cidade.

Providências já foram tomadas e esperamos que dentro de breves dias a cidade boavistense, volte a ter sua vida normal, sobrevivendo assim sua população de mais um verão forte e impiedoso, fumido e absurdo, único responsável pela mal fadada e r i s e que atualmente podem-se de nossa gente.

Os primeiros socorros já estão sendo chegado, através da aeronave já começaram a trazer combustivel, leite e cereais, faltando apenas ser solucionado o problema da água.

Fonte: Arquivo pessoal

Percebemos que o jornal faz uma crítica ao governo local e federal. Nesse período em que o jornal traz essa matéria, o Brasil deixava o plano de metas de JK e entrava na era Jânio Quadros, empossado no dia 25 de janeiro daquele ano.

Na edição do mês seguinte, a equipe do O Estudantil, anuncia a primeira edição de forma impressa tipograficamente. As edições mimeografadas em estêncil a álcool, se apresentava naquele momento como coisa do passado. Das primeiras edições iniciadas em 1960 de cunho religioso, entrando no ano seguinte com pautas mais reivindicatórias, o jornal já em outro formato, se aproxima do Poder Executivo local trazendo a seguinte manchete: "Aniversaria hoje, o Governador Djacir Cavalcanti Arruda". Em um trecho a matéria diz: "(...) A URES através das colunas do O Estudantil, agradece ao Dr. Djacir Arruda pelo auxílio que dispensou a juventude, fazendo circular o seu jornalzinho impresso e que constitui um novo marco para a nossa querida terra, haja vista a necessidade de um jornal em nossa cidade".

Ao entrevistar algumas lideranças da URES das décadas de 1950 e 1960, como Murilo Menezes, Galvão Soares e Luiz Aimberê, todos são unânimes em afirmar que para o conjunto dos estudantes, a conjuntura política nacional em nada interferia nas articulações dos estudantes em montar parcerias para a impressão do seu único canal de comunicação com o resto do país: o jornalzinho da URES. Para eles era um prazer único de felicidade produzir o jornal, mesmo que para aquele momento as condições sociais enfrentada no dia a dia pela população local fossem de total isolamento do resto do país. Para Eagleton (1990) momentos assim na comunicação ganham explicações,

A comunicação mesma, que para Nietzsche, como para Marx, é sinônimo de consciência, desenvolve-se sob coerção, como parte da luta material pela sobrevivência, não importa o quanto, mais tarde, venha a ser experimentada como um prazer em si mesma (EAGLETON, 1990, p. 173).

São evidentes as articulações de aproximação com o poder local na década de 60, no intuito de fazer a impressão do jornal *O Estudantil*, na gráfica governamental. Sem falar do imenso espaço político ocupado pela URES dentro do território, servindo em vários momentos como a única voz da sociedade local.

### 3.4 JORNAL O ESTUDANTIL: DO MIMEÓGRAFO À TIPOGRAFIA

A materialidade do estudo aqui proposto é o jornal de edição número 06, ano II, do *O Estudantil*, órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas, datado de 26 de junho de 1961 (figuras 9,10,11 e 12). Integram a equipe de redação, os estudantes Francisco Galvão Soares, como diretor, Geraldo Vidal, como secretário e Elair Moraes, como redator. Esse Jornal, com 04 páginas, no tamanho A4, tipograficamente impresso pelo padrão foi apresentado em 04 colunas. Não traz nem o endereço e nem o nome completo da equipe, dos três integrantes, pois dois estão abreviados. Quando realizamos a entrevista com Francisco Galvão Soares, ele informou ser esta a edição, de número 06, visto que no cabeçalho não foi posto o número, citando o nome completo dos demais integrantes da equipe de redação. A impressão dessa edição foi feita na tipografia, assim chamada, a arte de compor letra por letra.

**Figura 9** – Edição n.º 06, Capa do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961

# O ESTUDANTIL

Orgão Noticioso da UNIAO RIOBRANQUENSE DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS

Diretor: FRANCISCO SOARES — Secretário: G. VIDAL — Redator: E. MORAES

ANO. II | Segunda-feira, 26 de junho de 1961 | Boa Vista — T. F. Rio Branco

## Aniversaria hoje o Governador Djacir Cavalcanti de Arruda

O dia de hoje assinala o transcurso da data natalícia do Dr. Djacir Cavalcanti de Arruda, digníssimo Governador do Território Federal do Rio Branco.

A passagem de tão auspicioso acontecimento, motivo de satisfação e alegria dos seus amigos, admiradores e do povo, enseja a oportunidade de testemunharmos ao ilustre aniversariante, através de espontâneas manifestações e homenagens de apreço, carinho e solidariedade, o respeito, a veneração e a amizade sincera e leal que dedicamos ao digno e honrado condutor dos destinos da nossa terra.

Filho de um pequeno Estado do Nordeste brasileiro, a Paraíba, o Dr. Djacir Cavalcanti de Arruda, foi convocado pela clareza e confiança do Preclaro Presidente Jânio Quadros para dirigir os destinos administrativos do Rio Branco, numa das horas mais difíceis da sua história política.

Homem experimentado, apesar da sua pouca idade, pois é o Governador mais moço do Brasil, começou cedo a sua brilhante carreira política, conquistando uma cadeira de Deputado à Assembleia Legislativa paraibana, aos vinte e um anos de idade, depois de uma campanha memorável em que batalhou no lado do grande Ministro José Américo de Almeida, em 1950, quando este ilustre varão da República se elegeu Governador do Estado da Paraíba, numa heróica luta cívico-democrática, que alcançou a mais profunda repercussão nos meios políticos nacionais.

A passagem do Deputado Dr. Djacir Cavalcanti de Arruda pela Câmara Estadual da sua província firmou o seu conceito na opinião pública do seu Estado, pois serviu para revelar a sua inteligência, capacidade de trabalho, cultura, patriotismo, espírito de justiça, vigilância patriótica. É um estudioso dos problemas regionais, salientando-se, ainda, por sua decidida atuação em prol dos menos afortunados, dos operários, dos trabalhadores da cidade e do campo, das humildes e desassistidas que encontraram sempre no leal e zeloso representante Djacir Arruda, um defensor intratigável, insimulado, bravo e indomável das suas mais justas e prementes reivindicações.

Homem pobre, filho de honroso agricultor nordestino, sentiu na sua meninice as dificuldades e precariedade do ensino em sua terra natal, o município sertanejo, de Balsemãozinho, frequentando escolas desaparelhadas e desafortunadas, onde os alunos em busca da educação e do saber, levavam consigo os próprios tamboretos em que se sentavam nas aulas. Daí a razão de, como deputado, ter lutado pela construção de um grupo escolar condigno e amplo que hoje existe, na sua querida comuna paraibana simbólica, e orgulho de seu estado e da sua dedicação, obra que honra o aluno pobre de então e dá origem a uma escola moderna destinada à sua atualidade e educação primária, sem os sofrimentos, padecimentos e angústias do passado.

Ocupando, logo após, o importante cargo de Procurador do Instituto de Alimentação e Pensões dos Comerciantes, no Recife, pôs-se ali a mercê dos seus respeitáveis e acatados pareceres jurí-

dicos, as suas qualidades de Advogado, de jurista e de estudioso dos intrincados problemas sociais, formando em torno de seu nome, na capital paraibana, um círculo selecionado de amizade e acentuamento entre os profissionais de Direito, a par da admiração e do respeito dos seus colegas de repartição, sem prejuízo da estima e confiança que sempre gozou e inspirou nas classes trabalhadoras, operárias e populares, pela sensibilidade e justiça com que sempre visitou o direito e a opinião de todos.

Distinguido, após, pela confiança do Presidente Jânio Quadros, que integrou e criou a nossa Pátria no caminho certo da salvação e recuperação moral, administrativa, política e financeira, como escolhido para dirigir os destinos governamentais, conseguiu impulsionar a nossa terra — tão esquecida, espoliada, maltratada e abandonada, para um completo desenvolvimento e revitalização no seio da comunidade brasileira, realizando — uma gestão conciente, escrupulosa e toda voltada para os supremos interesses coletivos, beneficiando todos, sem distinção odiosa e prejudiciais de grupos ou de protegidos.

Por todos esses motivos, a feliz data de hoje enseja a oportunidade do grande povo rio-branquense demonstrar a sua justa alegria, seu júbilo e satisfação, pelo transcurso do aniversário do seu humano e sensível Governador, pedindo a Deus que o ilumine e o inspire para que realize um governo fecundo, deôtro da paz, da harmonia e da grandeza que todos almejamos.

Também da Paraíba, do Recife e de outros pontos do País, onde residem seus inúmeros amigos, correligionários e admiradores, o Governador Djacir Arruda, terá oportunidade de receber os telegramas de felicitações e votos de felicidade pessoal a que faz jus, pela maneira correta e digna porque tem pautado a sua vida pública e particular.

### O ESTUDANTIL em sua nova fase

Novas esperanças surgem no Rio Branco, a juventude sente, renovação com o jovem Governador Djacir Arruda, uma nova vida surge nestas páginas, uma consigna da luz a penetrar na ignorância, iluminando os caminhos e dando um verdadeiro sentido ao Governo tanto de ideias e práticas, tendo como único diviso o bem do povo e o progresso do Rio Branco.

A juventude rio-branquense, desbravada e sempre humilde, é uma das forças que vem lutando para sobreviver o ideal da democracia e o ideal da liberdade em sua vida neste lar.

Cada esperança para nós tem sido um desengano, uma decepção e cada vez sempre desastrosos e desceitadas as perspectivas em todos os seus aspectos, marchamos em direção ao futuro de uma terra sem futuro.

A juventude, forte e sã, sente necessidade de horizontes mais amplos de um lar, do qual não pode prescindir para atingir o fim de sua existência e bem, com esse sentimento de entusiasmo e patriotismo tão precioso da juventude, como um

grito de amor à Pátria, como da luta pelo retorno da ideia, como um ato de liberdade, como uma expressão de solidariedade, como um compromisso com a justiça, como um compromisso com a verdade, como um compromisso com a liberdade e a justiça.

A juventude rio-branquense, desbravada e sempre humilde, é uma das forças que vem lutando para sobreviver o ideal da democracia e o ideal da liberdade em sua vida neste lar.

Cada esperança para nós tem sido um desengano, uma decepção e cada vez sempre desastrosos e desceitadas as perspectivas em todos os seus aspectos, marchamos em direção ao futuro de uma terra sem futuro.

Fonte: Arquivo pessoal

Ao fazermos a análise de estudo de materialidade na primeira página da edição do jornal, encontramos uma página, com a utilização de uma manchete em duas linhas e o corpo da matéria em duas colunas. Pela pesquisa, essa edição é a primeira impressa de forma tipográfica, visto que na mesma página, após a cabeça de página, vem um chapéu, (subtítulos dentro da matéria principal, mostrando que são matérias afins), onde afirma que as edições anteriores a esta, eram feitas de forma mimeografadas.

Figura 10 – Edição n.º 06, pág. 2 do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961



Fonte: Arquivo pessoal

A edição traz a manchete: “Aniversaria hoje o Governador Djacir Cavalcanti de Arruda”. Em seguida vem o corpo da matéria em duas colunas. No seu teor, a matéria tem conotação de ser o artigo opinativo do jornal, detalhando toda a carreira política do governador, que de deputado estadual da Assembleia Legislativa do Estado da Paraíba, passava agora, por indicação do presidente da República Jânio Quadros, a função de governador do Território Federal do Rio Branco. Em seguida no chapéu da matéria, o texto traz o título “O Estudantil em sua nova fase”, com palavras de agradecimento ao Governador Djacir Cavalcanti de Arruda pela ajuda ao *O Estudantil* de passar a ser impresso de forma tipográfica.



Figura 11 – Edição n.º 06, pág. 3 do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961

Boa Vista, 26.6.61 O ESTUDANTIL Pág. 3

## AS MUSAS E OS POÉTAS

**TALVEZ**  
(Poesia Bossa-Nova)  
Roberto José Avelino Bonavides

Talvez,  
Eu sentisse nos meus olhos  
o calor vespertino de teu amor  
querendo abrasar-me.

E,  
na sinfonia das vozes,  
a tua voz marcasse  
o compasso do tempo sinuoso  
que tinge tudo de branco.

Talvez,  
eu visse teu corpo  
a forma de outras formas  
que não determinei  
E na morte do dia eu percebesse  
o frio de teus lábios  
que se iam com a tarde,  
Talvez eu te amasse no impetuoso Tempo

Talvez...

**VIVER DE UM ALEIJADO**  
Vanildo de Queiroz

Hoje já velho, bem velho e cansado...  
Das lutas da vida e de seus tormentos,  
Tristemente vagando desvairado  
Assim, qual um astro no firmamento.

Eis que quando lhe vem ao pensamento  
Tão meigas lembranças do seu passado,  
Ameniza um pouco seus sofrimentos,  
Deixando-lhe alegre e bem consolado!

Está curvando-se devido aos anos...  
Pobre aleijado busca um lenitivo;  
Todos lhe passam alegres e ufanos,

Percebendo-lhe assim, tão triste!  
Não sabem a causa e qual o motivo...  
Não calculam a dor que ele resiste.

---

**PADARIA AMAZONAS**  
DE  
João Liberato  
O mais delicioso pão da cidade

**FARMACIA E DROGARIA**  
«FREIRE»  
DE  
Alípio Freire de Lima  
Preços médicos.  
Boa Vista T. F. do Rio Branco.

**A QUIXARAENSE**  
DE  
J. Silva & Filho  
Liquificador «WALITA»: perfeição e qualidade.  
Av. Jaime Brasil, 42.  
Boa Vista T. F. do Rio Branco.

**CASA VOVÓ**  
DE  
Domingos Abdala & Filho  
Tecidos — Calçados — Ferragens e Armazéns em geral.  
Av. Jaime Brasil — BOA VISTA T. F. do RIO BRANCO.

**CASA JUPITER**  
DE  
Abraham M. Xaud  
Livraria — Armazém — Confeições — Violões  
e Artigos Plásticos.  
Av. Jaime Brasil — End. Tel. XAUD  
Boa Vista Território do Rio Branco.

**CASA SOCORRO**  
DE  
Nº 10 Duarte Brandão  
Grande sortimento de Tecidos, Ferragens, Estivas Bebidas  
e miudezas em geral.  
Preços e preços médicos.  
End. Tel. NILBRAN — Caixa Postal 141  
Rua Castelo Branco, 40.  
Boa Vista T. F. R. B.

Fonte: Arquivo pessoal

Até hoje nada conseguimos, pois vivíamos entregues ao abandono, sem meios e recursos suficientes para a nossa subsistência. Um jornal é o nosso maior sonho. Vimos tirando alguns números mimeografados, a fim de não deixar calar a voz da mocidade (O ESTUDANTIL, Boa Vista, junho de 1961).

O texto da matéria termina afirmando que,

A URES, através das colunas do O ESTUDANTIL, agradece ao Dr. Djacir Arruda, pelo auxílio que dispensou a juventude, fazendo circular o seu jornalzinho impresso, e que constitui um novo marco para a nossa querida terra, haja vista a necessidade de um jornal em nossa cidade (O ESTUDANTIL junho de 1961).

A matéria dentro do estudo de princípios tipográficos, Silveira (2013), em sua obra Oficina tipográfica: o passado no futuro, 2013, apresenta um estudo de modelo de análise em três dimensões: Sintática, semântica e pragmática. Na matéria em questão, analisamos voltada a dimensão sintática. Concordando com Silveira (2013)

que afirma: "Uma análise que leve em conta somente a dimensão sintática, por exemplo, pode ser suficiente para chegar a resultados relevantes se os dados levantados forem adequadamente interpretados" (SILVEIRA, 2013).

Figura 12 – Edição n.º 06, pág. 4 do O Estudantil - URES, 26 de Junho de 1961

**HOJE, em Sensacional revanche**  
**URES x CLUBE DOS 7**

A União de Estudantes Secundaristas do Rio Branco corrobora o pensamento e o desejo que se eleva do coração do próprio povo, no sentido de que DELIS em sua incomensurável subleitoria, humilte e inspire o governador, Djalma Arruda, que "meta" data a universidade, para que no caminho dos destinos do Rio Branco, possa solucionar os intrínsecos problemas que nos afligem.

E de par com as homenagens que neste dia se voltam para a figura imposita do aniversariante, a classe estudantil ribrobrancense promoverá uma grande noite desportiva que terá como palco a quadra da Praça de Esportes «Capitão Clóvis», e onde defrontar-se-ão com rigor e classe, os quintos de futebol de salão da URES e CLUBE DOS 7.

**R. Branco 2x1 Flamengo**

Em disputa do campeonato ribrobrancense de futebol de 61, Rio Branco e Flamengo, chocaram-se a tarde de ontem, num duelo bastante movimentado, com nível técnico e com índices de bom futebol, que satisfaz plenamente o número público que compareceu em massa no Estádio João Mineiro.

O Rio Branco, saiu-se muito bem no cotéjo surpreendendo de

maneira espetacular o onze representativo rubro-negro. Pará (RB) e Alfredo (Flamengo), foram as grandes figuras do duelo. Os quadros formaram assim: RIO BRANCO: Nello, Tostão, Edgley e Vasconcelos Ivan; Flamengo: Pedro Rafael, Idalmo, Derval, Augusto e Sals Mota. FLAMENGO: Zé Meira, Barrigola, Moisés Reno e Pires Alfredo e Zé Wandery, Wally, Nelsinho, Cláudio, Pompeu e Lino.

**A Juventude Precisa de Orientação**

A irresponsabilidade e a indiferença caracterizadas no passado que passou a ser o tempo, a juventude precisa de orientação. Ela não tem tempo para se perder, ela precisa de um norte, de um guia, de um exemplo. Ela precisa de alguém que lhe mostre o caminho, que lhe ensine a lidar com a vida, que lhe ensine a lidar com a morte, que lhe ensine a lidar com a dor, que lhe ensine a lidar com a alegria, que lhe ensine a lidar com a tristeza, que lhe ensine a lidar com a esperança, que lhe ensine a lidar com a desilusão, que lhe ensine a lidar com a vitória, que lhe ensine a lidar com a derrota, que lhe ensine a lidar com a vida, que lhe ensine a lidar com a morte.

**Assalto a Economia Popular**

Vimos trazer ao conhecimento do Senhor Prefeito da Capital, o verdadeiro assalto à economia popular que vem se verificando em nossa cidade por elementos incriminados que não pensam em sacrifícios da população ribrobrancense, no setor alimentício, para explorar vendendo carne salgada com o único objetivo de enriquecer à custa da miséria alheia.

**LAGRIMAS**

**RIMEDE**

Lágrimas são o sinal de um estado de espírito. Lágrimas são o sinal de uma dor. Lágrimas são o sinal de uma tristeza. Lágrimas são o sinal de uma saudade. Lágrimas são o sinal de uma esperança. Lágrimas são o sinal de uma fé. Lágrimas são o sinal de uma caridade. Lágrimas são o sinal de uma bondade. Lágrimas são o sinal de uma beleza. Lágrimas são o sinal de uma vida. Lágrimas são o sinal de uma morte.

**A Marcha do Campeonato**

1º. Lugar - Baré com 1 ponto perdido.  
 2º. Lugar - Roraima e Rio Branco com 2 pontos perdidos.  
 3º. Lugar - Flujungo com 3 pontos perdidos.

**ARTILHEIROS**

Eles (Baré) 4, Wandri (Flamengo), 2, Cabuti e Wedner (Roraima), Chico (Baré), Augusto e Sals Mota (RB), 1 gol cada.

**Panorama da Cidade**

**GALVAO SOARES**

Duvidas quanto poderiam ser levadas o bulho no segundo ortográfico superior. Mas, o que nos interessa, é saber a população de nossa cidade, em termos de crescimento, em termos de desenvolvimento, em termos de progresso, em termos de bem-estar, em termos de felicidade, em termos de paz, em termos de harmonia, em termos de unidade, em termos de fraternidade, em termos de amor, em termos de vida, em termos de morte.

Fonte: Arquivo pessoal

Pela chamada da matéria, no estudo proposto por Silveira, temos: Letras, numa escala proporcional de tamanho de 01 a 07, na proporção 06, em negrito e em duas linhas. A letra usada no corpo da matéria na escala 02 em cor preta. Palavra: Na chamada, afirmação contínua, com oito palavras. Palavras com espaços delimitados de forma proporcional. Na sequência uma subtítulo com letras na escala 04 de chamada, e palavras na escala 01. Texto: Largura da chamada em quatro colunas de uma ponta a outra da página.

A matéria em duas colunas de 10 cm cada com 10 parágrafos. No subtítulo a chamada ocupando duas colunas, de 9 cm cada e texto subdividido em duas colunas de 4,5 cm. Página: Largura de 21 cm com 30 cm de altura. Cabeçalho

medindo 5 cm de altura. A matéria ocupa 23 cm de altura e 30 cm de largura. Volume: Impresso formado por 04 páginas de 21 cm de largura com 30 cm de altura. Com duas folhas tamanho A3 em impressão tipográfica.

### 3.5 O ESTUDANTIL E A ESTÉTICA

Mesmo com essa aproximação do poder executivo do Território do Rio Branco, *O Estudantil*, voltou a circular meses depois de forma mimeografada na sua 10ª edição com uma manchete com pauta mais estudantil: "Edolier, pres. Da URES" (Figura 13). A matéria relata a posse da nova diretoria da organização ocorrida no Teatro Carlos Gomes, no dia 13 de setembro de 1961, mesmo dia de circulação do impresso.

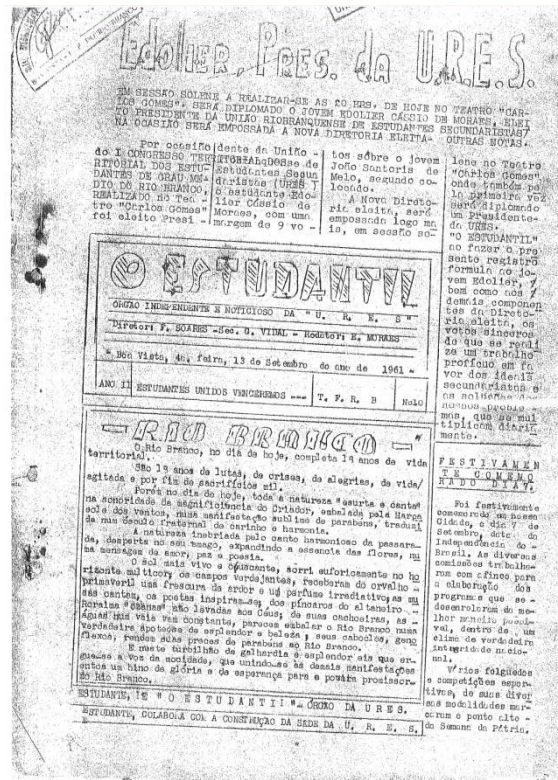
Para Eagleton (1990), a estética é assim, desde o início, um conceito contraditório, de dupla entrada,

(...) por um lado ela se apresenta como uma força emancipatória genuína — como uma comunidade de sujeitos agora ligada pelo impulso dos sentidos e o companheirismo, em lugar da lei heterônoma; cada um preservado na sua particularidade singular embora, ao mesmo tempo, integrado pela harmonia social. A estética oferece à classe média um modelo extremamente versátil para suas aspirações políticas, exemplificando novas formas de autonomia e autodeterminação, modificando as relações entre lei e desejo, moralidade e conhecimento; reformulando os vínculos entre o individual e a totalidade, e revendo as relações sociais com base nos costumes, nos afetos e na simpatia (EAGLETON, 1990, p. 27-28).

Para Munaro e Correa (2019), durante quase dez anos, de 1962 até 1973 não existiu nenhuma produção de jornais em Boa Vista. Mas a pesquisa dos jornais da URES aponta ao contrário, com a circulação do "O Estudantil" até fevereiro de 1964, sendo o único a circular nesse período. "Há um silêncio na produção jornalístico no Território Federal de Roraima no período de 1962 a 1973", (MUNARO; CORREA, 2019, p. 11)

Como traz a edição de agosto de 1962, quando o jornal noticia o afastamento do presidente da URES, José Montenegro Peixoto por motivos de saúde, além de uma matéria sobre o Governador Costa Nova (Figura 14).

Figura 13 – Edição nº 10, capa do O Estudantil - URES, 13 de Setembro de 1961



Fonte: Arquivo pessoal

Na edição n.º 16 do jornal *O Estudantil*, com a data de 04 de agosto de 1962, publica a manchete “Reassumiu: Nova da Costa”. Na matéria, a URES faz elogios ao militar Clóvis Nova da Costa que assumiu pela segunda vez o comando do Território Federal do Rio Branco. No lead da matéria se ler (Figura 14):

(...) Ao fazer o presente registro nos congratulamos com o nobre soldado do exército nacional ao mesmo tempo cerramos fileiras ao seu lado, propugnando pelos mesmos ideais que norteiam o brioso militar à frente do Governo do Rio Branco (*O ESTUDANTIL*, 1962, p. 1).

Fica claro neste jornal, que publica na primeira página, a foto do governador empossado, o discurso nacionalista das lideranças estudantis da URES.

Exemplos não faltam para mostrar que, de maneira constantemente renovada, os indivíduos percebem-se imaginam-se, como diria Benedict Anderson - membros de um grupo e produzem diversas representações quanto à origem, história e natureza desse grupo. No domínio da ação política pensamos evidentemente nas teses racistas, nos projetos regionalistas ou étnicos e, de maneira mais geral, em todo discurso de legitimação de desejos nacionalistas (CANDAU, 2012, p. 26).

O jornal noticia na íntegra do discurso do então presidente da URES José Montenegro Peixoto, transmitido também pela Rádio Difusora, que conforme o jornal - No ato da abertura da Semana do estudante. No discurso, a liderança estudantil convoca os estudantes,

lutemos enfim pela libertação da nossa pátria, salvando-a das mãos imperialistas que nos oprimem. Libertando-nos sobretudo do mal que se aproxima de nós, o comunismo. Sejam nacionalistas, caros estudantes do Rio Branco (O ESTUDANTIL, 1962, p. 2).

Figura 14 – Edição nº 16, capa do O Estudantil - URES, 04 de Agosto de 1962

**O ESTUDANTIL**  
 CRIAÇÃO NOTÍCIOSA DA UNIÃO RIOBRANQUENSE DE ESTUDANTES SECUNDARISTAS  
 Diretor: HUMBERTO FARIAS—Secretário: RUBEN BENTO—Redator: PEDRO CORRÊA  
 ANO III — Boa Vista, sábado, 4 de agosto de 1962 | T. F. Rio Branco | N.º 16

## Reassumiu: Nova da Costa

Reassumiu a chefia sua gente. Certos es- do Executivo Rio- fiamos de que, sua branquense sua Exa. Exa. conseguiu sair vi- o Governador Clovis torioso em suas rei-

mo tempo cerramos fi- teiam o briso militar leiras ao seu lado, pro- à frente do Governo pugando pelos mes- do Rio Branco, mos ideais que nor-

### Pres. da URES afastou-se

Por motivo de tratamento à sua crata. Ao assumir a Presidência, pediu afastamento a Presidência da URES José Montenegro Peixoto, sendo assumido o cargo o jovem Neudo Ribeiro Campos Secretário Geral, em virtude da inexistência do Presidente do Conselho Superior. A transferência de cargo verificou-se no sábado do dia 1.º do corrente, em sessão da Diretoria desta entidade. O Presidente deverá viajar a Manaus em busca de tratamento para sua saúde devendo o seu regresso ser em breve, não se sabendo a data exata. Ao assumir a Presidência, Neudo, disse que, apesar de inicialmente, tentará corresponder ao cargo que passa a ocupar, pedindo a colaboração dos estudantes e principalmente da Diretoria da URES para melhor andamento dos trabalhos que irá empreender. O ESTUDANTIL, compatibilizado com o Colégio, desejando que ele desempenhe brilhantemente o cargo que passa a ocupar, bem como manifestou-se também solidário ao Presidente, apoiando-o em suas atividades.

### Ao Governo e seus auxiliares

A U. R. B. N. apresenta a seguinte lista de membros da Comissão para formular votos de agradecimento ao Ten. Waldemar Novaes da Costa, quando Governador do Território, por seu integral apoio à classe Estudantil durante a SEMANA DO ESTUDANTE e extensivo a todos os seus auxiliares directos: nas pessoas dos Senhores: Jairo Xand, Roberto de

Nová da Costa, que vindicou em favor do nobre povo riobranquense. Ao fazer o presente registro nos gratulamos com o nobre soldado do exército nacional e ao men-

reclamou do Sul do País, onde foi tratar junto aos altos poderes da Nação, de vários problemas que afligem o Rio Branco e

## APÊLO À COAP

Nada mais justo seria, que a nós coubesse a missão de chamarmos a atenção da COAP local, para que olhasse com mais carinho e consideração a tabela de preço dos chamados gêneros de primeira necessidade, que diariamente sofre majorações, cremos, sem que este órgão tome conhecimento. Certos estamos de que o sr. Germino Nascimento Filho, homem íntegro e que sempre esteve ao lado do bem e da justiça, tudo fará, para achar uma solução que venha a satisfazer ao povo, que se vê explorado com estes aumentos diários e aos srs. comerciantes.

### REABERTA A BIBLIOTECA "ANTONIO MARTINS"

Notícia soberba e agradável, para todos os estudantes: foi de reabertura para o uso dos estudantes da Rio Branco, da Biblioteca "Antonio Martins" da URES. Foi iniciativa do presidente Montenegro, foram adquiridas duas novas coleções de livros de nome, sendo uma de "Manuel de Campos e outra de "Shakespeare". Ao fazer o presente registro o O ESTUDANTIL parabéns a URES e os seus associados.

Fonte: Arquivo pessoal

Ainda nessa mesma edição do O Estudantil, o presidente da URES José Montenegro Peixoto anuncia seu afastamento da organização estudantil, segundo o jornal para tratamento de saúde, assumindo o seu lugar em virtude da ausência do presidente do conselho superior, o estudante Neudo Ribeiro Campos, na época secretário geral da entidade estudantil riobranquense.

(...) tendo assumido o cargo o jovem Neudo Ribeiro Campos, Secretário Geral, em virtude da ausência do Presidente do Conselho Superior. (...) Ao assumir a presidência, Neudo disse que apesar de inexperiente, tentará corresponder ao cargo que passa a ocupar, pedindo a colaboração dos estudantes e principalmente da diretoria da URES para melhor andamento dos trabalhos que irá empreender(...). (O ESTUDANTIL, 1962, p. 1).

Um registro histórico é que Neudo Ribeiro Campos, então presidente da URES, era eleito décadas depois, precisamente em 1994 pelo Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), o primeiro governador nascido em Roraima, sendo reeleito em 1998 pelo Partido Progressista (PP).

Em 1963 no território, nesse período ocorre a mudança do nome Rio Branco, para Território Federal de Roraima, contando inclusive a participação do jornal “O Estudantil” nas campanhas do plebiscito realizado.

Figura 15 – Edição n.º 22, capa do O Estudantil - URES, 26 de fevereiro de 1964

**Padronização regional do livro para o G.E.C. - Expressiva vitória do BELMD da URES**

**CADERNETA PADRONIZADA EM MARÇO**

**UNION BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS**

**UNIAO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES DE GRAU MEDIO III UBES**

**URES aponta candidato a bolsa do Rotary Club**

**O ESTUDANTIL**  
ANO IV Boa Vista T. F. R. em, 26 de fevereiro de 1964 N.º 22

Nome \_\_\_\_\_  
Data nascimento \_\_\_\_\_  
Educandário \_\_\_\_\_  
Curso/Série \_\_\_\_\_

VÁLIDO EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

Fonte: Arquivo pessoal

A participação e o apoio integral das organizações nacionais dos estudantes, como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e a União Brasileira dos Estudantes Secundaristas - UBES, a Jango, fez com que todas as redações dos diversos jornais

estudantis do país, concedesse espaço para a publicação de cartas de apoio ao Governo Federal.

A última edição de número 22 do *O Estudantil*, ocorreu no 26 de fevereiro de 1964, um mês antes do Golpe Civil-Militar ocorrido no país. A manchete de circulação, trazia: “Padronização Regional do livro”, pauta reivindicatória dos estudantes do então território federal de Roraima. (Figura 15).

### 3.6 REPRESENTAÇÕES SOCIAIS, IDENTIDADE SOCIAL, MEMÓRIA E IDENTIDADE COLETIVA NOS JORNAIS DA URES

A identidade, para Ademar Bogo, foi algo dito pela primeira vez no ocidente por Parmênides no século 5 a.C., ao afirmar que “tudo o que é, é”. Para esse filósofo, o ser como identidade e fundamento, é quem dá origem a cada ente, diferentes uns dos outros”. Um não é o outro, mais precisamente, só o ser é, ou, se quisermos simplificar, só o ser é; o não ser não é. Como para Parmênides, a única realidade era o ser, imutável, infinito e imóvel, definiu a identidade como algo presente e estático. Era o início da reflexão e dos preparativos para tudo o que ainda viria ser (BOGO, 2019, p. 31).

Quanto a memória, segundo Joel Candau, com exceção de alguns casos patológicos, todo indivíduo é dotado dessa faculdade que decorre de uma organização neurobiológica muito complexa (CANDAU, 2012, p. 22).

Percebemos que identidade e memória, estão interligadas. Se nutrem para constituí um mito, uma história ou uma narrativa. Mesmo Candau afirmando que tanto a identidade quanto memória, têm seus conceitos ambíguos, a primeira se apresenta num entendimento de estado e a outra em relação a faculdade.

É justamente fazendo essa triangulação entre mito, história ou narrativa e dialogando com a ambiguidade de identidade e memória proposto por Candau que identifico o jornal impresso para tal registro.

Em especial, o jornal *O Estudantil* nas palavras de Candau se enquadra no registro dessa memória coletiva, servindo de espaço, debate e de construção de uma identidade coletiva, mesmo que a primeira seja uma descrição hipotética de lembranças e a segunda uma representação.

Ainda na primeira edição do *O Estudantil*, temos um artigo que chama os estudantes a participarem da construção do impresso. [... portando, nada mais

poderíamos dizer, se não que vocês podem transcrever suas ideias, seus planos de ação para o futuro de nosso território e do Brasil. Estudante, lendo este jornal, você estará aumentando seus conhecimentos, estará preparando seu espírito para lutas futuras em prol de nossa classe] (O Estudantil, edição de nº 01, 1960, p. 05).

Como aponta Olga Von Simson sobre a memória coletiva: é formada por fatos e ações julgadas importantes e que são guardados como a memória oficial da sociedade mais ampla.

Os vários acontecimentos ocorridos no território federal do Rio Branco foram noticiados pelos jornais da URES. Tais acontecimentos nos fizeram analisar os períodos e seu espaço territorial, comparando os fatos a nível nacional e local.

Na edição nº 15 do O Estudantil, que circulou no dia 21 de julho de 1962, o impresso noticia na primeira página a visita de um padre da igreja católica, por nome de Padre Francisco, à sede da URES. A matéria afirma que o padre chegou a participar da palestra do estudante do estado do Pará José Carlos. Na página seguinte, um box descreve o perfil traçado pelas lideranças da URES em relação ao visitante - dirigiu-se aos estudantes riobranquenses em um inteligente discurso no qual manifestou tendências socialistas, criticou a política internacional de San Tiago Dantas, a personalidade de Jânio Quadros e combateu o capital estrangeiro.

Percebemos com clareza que o Jornal *O Estudantil* promoveu o diálogo das lideranças estudantis a nível local com outras correntes políticas que atuavam no movimento estudantil nacional. Mesmo assim, o movimento estudantil riobranquense, talvez pelo constante isolamento do país, na época provocado pela seca do Rio Branco, e tendo a URES desde a sua fundação muito próximo da oligarquia regional, tenha constituído uma identidade coletiva própria, diferente da assumida pelas organizações a nível nacional. Para Candau (2012, p. 50), ao fazer a citação do livro *Lá mémoire longue*, da escritora Françoise Zonabend (1980, p. 310), a semelhança, estabilidade, diferença e alteridade são palavras chaves que reforçam essa construção.

Nem encarregado de explicar o presente ou prever o futuro, nem estagnado sob o peso do passado, esse tempo da coletividade tem a função de criar uma duração própria na qual o grupo se reencontre semelhante a si próprio. Estabilidade necessária, singularidade exemplar na qual cada grupo inventa sua própria história, possui uma memória que lhe pertence e difere fundamentalmente daquela do grupo vizinho. De fato, nas sociedades nas quais as formas de sociabilidade exaltam a diferença, esse tempo serve para pensar o outro. A memória coletiva aparece como um discurso de



alteridade no qual a processão de uma história que não se compartilha confere ao grupo sua identidade (ZONABEND, 1980, p. 310).

Essa impressão se aproxima quando acionamos diversos elementos de posicionamento e movimento por parte das lideranças estudantis que atuaram de 1960 a 1964 e que teve no jornal *O Estudantil* da URES, a parte documental de comunicação no então Território Federal do Rio Branco.

A identidade coletiva é uma definição interativa e compartilhada produzida por um certo número de indivíduos (ou grupos, em um nível mais complexo) que concerne as orientações de suas ações e o campo de oportunidades e constrangimentos no qual esta ação tem lugar. Para Candau (2012), “a identidade cultural ou coletiva é certamente uma representação”.

Já a Identidade social é o sentimento de um indivíduo para enquadrar-se a um determinado grupo social. Possuindo características e desejos semelhantes a outros indivíduos. Teoria formulada pelos psicólogos sociais Henri Tajfel e John Turner. A sua principal área de aplicação é a das relações intergrupais. Pesquisar, construir e tentar compreender os jornais impressos da URES, com a formação ou não dessa identidade social.

A pesquisa por identidades vai além das culturas. Em sua obra "Identidade e luta de classes", BOGO (2010), nos subsidiará na busca por essas respostas inquietantes, no que se refere a definição dessa identidade do movimento estudantil principalmente no período da década de 60. O uso dos jornais impressos pela URES ocupava um espaço que precisa ser estudado visto o constante acirramento da luta de classes no cenário político nacional.

Figura 16 – Página 03 da edição número 18 do Jornal O Estudantil, de 13/12/1962



Fonte: jornal O Estudantil.

Na edição do jornal O Estudantil de número 18, datado de 13 de dezembro de 1962, página 03, (Figura 16), um artigo transcrito de um impresso denominado de “O Domingo”, de 28/02/62”, traz como título: “O que podemos fazer para que o Brasil não se torne comunista”, uma espécie de receita com onze dicas. Esse artigo no penúltimo item cita “não ter medo do que falou Carlos Lacerda: o medo de ser ridicularizado” (O ESTUDANTIL, 1962, p. 3), fazendo alusão ao político Carlos Lacerda, um dos líderes da União Democrática Nacional (UDN), partido conservador e de direita, demonstrando mais uma vez a linha política adotada pelas lideranças estudantis que editavam o jornal “O Estudantil”. Conforme Neves (2012, p. 47), no período de sua fundação, até o ano de 1964 quando todo o Movimento Estudantil entrou na clandestinidade e foi proibido de atuar em virtude do golpe civil-militar, o relato é que somente a URES atuava como movimento social no então Território Federal do Rio Branco.

Esse período, de 1960 a 1964, é considerado por várias lideranças estudantis, como o tempo em que o movimento estudantil se projetou no cenário político local e em alguns momentos, se tornou a vanguarda de

reivindicações não só dos estudantes, mas como de toda a população do território (NEVES, 2012, p. 47).

**Figura 17** – Edição nº 11 do jornal O Estudantil, página 04, 25/12/1961- “Riobranquense preside a UPES”



Fonte: Jornal *O Estudantil*, 1961.

Ainda em 1961, o jornal *O Estudantil* na sua edição de número 11, do dia 25 de dezembro publica uma matéria com o título: Riobranquense preside à UPES. Naquele tempo algumas famílias locais enviavam seus filhos para estudar em outros estados. É o caso do estudante rorimense Parimé Brasil que conforme a matéria estava estudando no estado do Paraná, militava no movimento estudantil paranaense e tinha sido eleito o novo presidente da União Paranaense dos Estudantes Secundaristas (UPES) naquele ano (Figura 17).

O movimento estudantil riobranquense promoveu no ano de 1962 uma de suas maiores manifestações estudantis contra o aumento no preço do ingresso do cinema. Segundo matéria publicada na edição número 12 do jornal *O Estudantil* do dia 18 de maio de 1962, com o título: *URES protestou contra o aumento do cinema*; o movimento estudantil secundarista tomou as ruas de Boa Vista protestando contra o aumento abusivo no preço do ingresso do “Cine Boa Vista”.

A URES segundo o informativo estudantil ainda protestou na frente do cinema promovendo a chamada fila boba na bilheteria: que consistia aglomerar diversas pessoas na fila, se dirigi a bilheteria e não comprar o ingresso, voltando novamente para o início da mesma fila.

A partir do das 19h do dia 28 passado, começaram a se aglomerar em frente as bilheterias daquele cinema e fizeram uma fila boba que impediria por completo a compra por populares dos ingressos majorados, não fosse entretanto novo estilo de vendagem de ingressos usados pela gerência tentando assim não só fazer a sua atitude, como também com o apoio de meia dúzia de gente e ainda a ação policial tentar anular o protesto da URES. O movimento tomou, entretanto, aspecto alarmante, quando os estudantes empunhando o pavilhão da classe e o nacional e com alto falantes tomaram a decisão final o preço dos ingressos, só seria majorado, se passassem por cima dos cadáveres dos mesmos. O chefe de polícia da capital, resolveu pôr fim aquele levante, justo e oportuno quando exigiu que fosse mostrado pela gerência o edital de aumento concedido pelo COAP local. Como o mesmo não fosse apresentado tomou aquela autoridade a decisão de que não seria aumentado o preço dos ingressos (O ESTUDANTIL, 1962, p. 2).

A manifestação segundo o jornal O Estudantil teve a participação expressiva de estudantes. Na ação promovida pela URES, o dono do cinema voltou atrás e não aumento o preço dos ingressos.

Figura 18 – Edição nº 16 do jornal O ESTUDANTIL, com a data de 04 de agosto, página 02, com destaque para o discurso do presidente da URES, estudante José Montenegro Peixoto



Fonte: Jornal O Estudantil, 1962.

A edição nº 16 do “O Estudantil” transcreve o discurso feito pelo presidente da URES José Montenegro Peixoto, feito na Rádio Difusora quando da abertura da semana do estudante ocorrido em 04 de agosto de 1962 (Figura 18).

O Jornal *O Estudantil*, nas palavras de Candau (2012), se enquadra no registro dessa memória coletiva, servindo de espaço, debate e de construção de uma identidade coletiva, mesmo que a primeira seja uma descrição hipotética de lembranças e a segunda uma representação.

O movimento estudantil roraimense nesse período ainda participou de dois eventos a nível nacional, como do congresso da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES), realizado em julho em Pelotas, Rio Grande do Sul. Em sua edição de número 15, de 21 de julho de 1962, *O Estudantil* noticiou a relação da delegação da URES no congresso: João Santoris de Melo, Jubirandy Aprígio da Silva, Ubirajara Riz Rodrigues e Natanael Gonçalves Vieira. Nesse congresso, o presidente da UBES eleito foi o catarinense Políbio Braga.

O jornal *O Estudantil* circulou por um período de quatro anos, de 1960 a 1964. Publicou notícias não somente do movimento estudantil, mas também religiosas, políticas, esportivas, culturais, sejam elas locais, nacionais e internacionais. Na edição de número 13, de quarta-feira, dia 06 de junho de 1962, o informativo divulga em sua primeira página matéria com o título: Acre passou a Estado. É justamente a partir desse ano que somente o impresso *O Estudantil* circulava na cidade, sendo o porta voz das notícias para o restante da Amazônia e o país.

Após várias de tentativas, foi recentemente aprovado o projeto de lei que transforma o Território do Acre em Estado. Este projeto fora apresentado há vários anos, mas somente agora pode ser aprovado, tornando-o mais um estado para a República do Brasil. Agora o Acre não mais dependerá do Governo Federal, passando a ser sustentado unicamente por sua receita. Esta receita deverá ser adquirida através dos impostos cobrados. O Acre quando ainda era território já apresentava uma receita bastante elevada, dispondo assim, de recursos para a sua manutenção. Possivelmente, terá a sua renda superior à de Sergipe, o menor Estado Brasileiro (O ESTUDANTIL, 1962, p. 1).

As notícias do *O Estudantil*, naquele período circulavam entre os estados da Amazônia, e fazendo registro de eventos, como o I Seminário de Estudantes Secundários do Norte, realizado em Manaus, capital do Estado do Amazonas, no período de 05 a 10 de julho de 1962. O evento foi matéria do impresso que inclusive

listou um *raio x*, denominado de perfil, que detalhou os estudantes e seus estados, que mais se destacaram no evento. Lista essa que traz nomes de pessoas que futuramente participaram ou participam ainda da vida política da Região Norte.

(...) O mais sério: José Fontinelli, Acre. Divertido: Euro Tourinho Filho, Amapá. Negligente: Haroldo Franco, Amapá. Calmo: Eliérson Pontes, Acre. Namorador: Diomedes de Oliveira, Rio Branco. Pontual: Irajá Malta de Alencar, Rondônia. Afobado: Edemir de Moraes, Rio Branco. Trabalhador: Amazonino Mendes, Amazonas. A bonita: Tarcila Negreiros, Amazonas. O escritor: Francisco Soares, Rio Branco. A simpática: Alda Péres, Amazonas. O iposolunado: Raimundo Freire do Roaryo, Acre. O maog: Altemir Figliolo, Amazonas. Modesto: Alfredo Santana, Amazonas. Vaidoso: José Severo, Pará. Chapa: Roberto Cortez, Pará. Justiceiro: Abelardo Alfaia, Amapá e o gabola: Clínio Brandão] (O ESTUDANTIL, 1961, p. 5).

Mesmo sendo o primeiro encontro dos secundaristas da região amazônica a pauta apresentada pela delegação estudantil riobranquense, publicada no *O Estudantil* em 1961, apresentava problemas sociais enfrentados pela sociedade local.

A União Riobranquense de Estudantes Secundaristas (URES), fez-se representar nas pessoas de Diomedes Oliveira, Edemir de Moraes e Francisco Soares, redator do jornal *O Estudantil*, ao I Seminário de Estudantes Secundaristas da região norte, realizado em Manaus, de 05 a 10 do mês corrente. Os estudantes riobranquenses tiveram boa apresentação nos problemas regionais, três teses: 1. Problemas educacionais do território do Rio Branco. a) Equiparação do curso normal Monteiro Lobato para Escola Normal; b) criação de mais escolas primárias na capital e no interior. C) criação de curso científico em Boa Vista. 2. Recuperação dos rebanhos do gado bovino do território. 3. Término da rodovia BR-17 Manaus - Boa Vista (O ESTUDANTIL, 1961, p. 4).

A URES participou ainda de uma reunião no Rio de Janeiro, conforme a edição do *O Estudantil*, de número 19, de 16 de fevereiro de 1962, quando foi publicada a propositura da entidade assinada pelo então presidente da URES, João Pujucan Pinto Souto Maior, junto ao Conselho Nacional da UBES, pedindo o imediato apoio ao projeto de lei que elevava o território federal de Roraima, a condição de estado da federação.

Recomenda a UBES, reunida em conselho, na cidade de Niterói, capital do estado do Rio de Janeiro o seguinte: que se dirija em forma de apelo as presidências do Senado Federal e da Câmara dos Deputados, bem assim aos senhores líderes de todas as bancadas com assento naquelas casas do congresso nacional, no sentido de que dêem integral apoio ao projeto nº 4.821, de 1962, pugnando em favor de sua imediata aprovação. Sala das Sessões em Niterói. João Pujucan, pres. da URES (O ESTUDANTIL, 1962, p. 4).

Em Roraima, o estudante Francisco Galvão Soares, um dos fundadores do jornal “*O Estudantil*”, assumia em 24 de setembro de 1963 a presidência da URES. Ele ficaria no comando da entidade até abril de 1964. Naquele ano ocorreria o golpe civil-militar que destituiu o presidente eleito da república João Goulart. O movimento estudantil brasileiro por determinação do novo governo militar ficaria impedido de exercer as suas atividades. As últimas ações da URES, foram publicadas no jornal *O Estudantil*, número 22, de 26 de fevereiro de 1964. Na matéria, a campanha de incentivo aos secundaristas a tirarem a sua carteirinha de estudante. Os estudantes já naquela época tinham o direito a meia entrada em eventos culturais. Notícia ainda uma matéria da URES convocando todos os seus filiados a ajudarem na construção de sua sede própria (Figura 19).

**Figura 19** – Lideranças da URES na campanha pela construção da sede própria da entidade<sup>1</sup>



Fonte: NEVES, 2012, p. 71.

A programação elaborada pela URES não se concretiza. No dia 1º de abril de 1964, os militares tomam o poder. Em Roraima, seguindo o que ocorreu no resto do país, a organização dos estudantes roraimense tem a sua sede fechada. Terminava assim o primeiro ciclo de atividades da primeira organização estudantil fundada em Roraima.

<sup>1</sup> “Início da construção da sede da URES na rua Araújo Filho. Na esquerda o estudante Diomedes Oliveira cumprimenta Francisco Galvão Soares. Ao fundo o prédio da escola Normal Monteiro Lobato”.

## **4 A RECONSTRUÇÃO DA URES, O JORNAL O MOVIMENTO E A VIRADA DECOLONIAL**

### **4.1 A VOLTA DA URES E O JORNAL O MOVIMENTO**

A volta oficial do movimento estudantil brasileiro só iria ocorrer em 1985 com o início da Nova República, iniciando assim uma abertura política gradual. Em 05 de outubro de 1988, o Território Federal de Roraima passa a condição de Estado da federação. Nesse mesmo ano, no dia 11 de novembro a URES é reconstruída.

O movimento de reestruturação da URES, segundo Neves (2012), ocorreu por articulação do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que desde 1985 já atuava em Roraima e vinha incentivando a formação dos Grêmios Livres nas escolas secundaristas, tendo inclusive organizado a Comissão Pró URES coordenada pelo líder estudantil Jacó Alves da escola estadual Ana Libória.

Novamente os estudantes da educação básica são protagonistas nesse segundo ciclo do movimento estudantil roraimense. Eu cursava o ensino médio e fui eleito presidente da URES no congresso de reconstrução da entidade em 1988. Nesse mesmo período eu estava presidindo o Grêmio Estudantil “Selma de Oliveira” da escola estadual Gonçalves Dias,

Em 11 de novembro de 1988, estando à frente na organização, os grêmios estudantis das escolas Gonçalves Dias e Agrotécnica, a União Roraimense de Estudantes Secundaristas, a URES, enfim é reconstruída. Cerca de oitenta estudantes participaram dos debates e nos elegeram como primeiro presidente da entidade pós-ditadura militar. Para vice-presidente foi eleito o estudante Claudionor Chaves. A presidente do Grêmio estudantil da escola Agrotécnica, Paulinha, esteve durante todo o congresso à frente dos trabalhos. O sonho de um movimento estudantil forte, unido e atuante estava se concretizando (NEVES, 2012, p. 50).



Figura 20 – Primeira edição do Jornal O Movimento, junho de 1997



Fonte: Jornal *O Movimento*, 1997.

No ano de 1997, a URES lança o seu novo jornal impresso, denominado de *O Movimento*. Através das matérias publicadas pelo jornal, deixa claro que ocorre uma radicalização na pauta política da entidade (Figura 20). A URES, com suas lideranças estudantis assumindo também esse papel de único Movimento Social Organizado no período do Território Federal do Rio Branco (na década de 1950) e depois Território Federal de Roraima (na década de 1960), passa a ter essa “libertação” de pautas reivindicatórias somente a partir da década de 1980 no seu segundo ciclo de atuação.

Segundo Neves (2012, p. 54), no ano de 1997 a URES, elege seu novo presidente, o estudante Hélio Nascimento Ferreira. A entidade também lança o slogan: “movimento estudantil, forte, unido e atuante”. Ainda em 1997, segundo o jornal “*O Movimento*”, as lideranças estudantis em audiência com o então governador do estado, Neudo Ribeiro Campos, chamam este de “despreparado

politicamente e emocionalmente”. Essa é a visão que o movimento estudantil de Roraima tem do governador Neudo Campo” (O MOVIMENTO, 1997).

Figura 21 – Capa da edição de número 04 do jornal da URES, O Movimento, outubro de 1997



Fonte: Jornal O Movimento.

Segundo Neves (2012), nos anos seguintes o jornal da URES “O Movimento” não circulou. O impresso voltou a ser impresso somente no ano de 2001, na gestão da primeira mulher presidente da URES, a estudante Maria dos Santos Mesquita. Nesse período, “O Movimento, volta a ser impresso em duas edições” (NEVES, 2012, p. 85).

#### 4.2 TEORIA DOS MOVIMENTOS SOCIAIS E O PENSAMENTO DECOLONIAL

Em 2001, a URES reafirmou o seu protagonismo na luta em defesa da meia passagem nos ônibus e a defesa do uso de sua carteirinha estudantil, posição

contrária o que defendia a prefeita de Boa Vista Teresa Jucá, conforme matéria: “Prefeita trama contra os estudantes: Projeto de lei do grupo político da prefeita Teresa Jucá também prejudica carteiros, militares, deficientes e até crianças” (O MOVIMENTO, 2001, p. 85) (Figura 22)

Figura 22 – Capa do Jornal O Movimento, Ano V, edição 001, maio de 2001



Fonte: Jornal O Movimento, 2001.

Segundo Reghin (2014) os Movimentos Sociais, sua definição, seus participantes, atores, demandas, causas, objetivos, processos, enfim, todas as singularidades que compõem essa expressão da vida em comunidade/sociedade podem ser, desse modo, explicadas por seu contexto, por linhas interpretativas e intérpretes que concordam em alguns pontos e se distanciam em outros.

O Movimento estudantil na região norte, por causa da distância dos grandes centros políticos, na década de 1960 mantinha a comunicação através de impressos estudantis enviados as várias entidades do país através de correspondências. Me parece que a região norte concentrava a semiperiferia da parte central do movimento estudantil. Já o território do Rio Branco, de forma isolado, era a periferia.

Base para a noção de sistema mundo, de Immanuel Walerstein, que percebe hierarquias globais entre centros, semiperiferias e periferias, concebida desde a América Latina e reescrevendo a história das relações desse continente na estrutura do poder mundial, a colonialidade do poder se refere de fato a todo o conjunto do poder global hegemônico. Daí a expressão englobante sistema-mundo/moderno-colonial, que associa as relações de colonialidade como um lado inseparável e obscuro da modernidade. Essa perspectiva é importante ao ponto de imprimir um novo paradigma na leitura da história mundial (PEIXOTO; FIGUEIREDO, 2018, p. 129).

Sem ligação terrestre, e sofrendo com as secas constantes do Rio Branco, o movimento estudantil, única representatividade do movimento social naquele espaço, acabou construindo sua própria pauta local e não promoveu o debate político mais acentuando em comparação as outras partes do país.

A colonialidade do movimento estudantil no território federal do Rio Branco era um fato. Desde a sua fundação, a URES continuava exercendo suas funções com pautas locais, focadas principalmente com os preços dos alimentos e condições de vida. As pautas nacionais anti-imperialistas e políticas contra o fascismo quase não apareciam. A aproximação da entidade ao poder em alguns momentos fazia da URES parceiras de governantes seja com os prefeitos ou governadores que ocupavam o poder como registrado no jornal da organização, "*O Estudantil*", de 26 de junho de 1961:

(...) A URES, através das colunas do O Estudantil, agradece ao Dr. Djacir Arruda pelo auxílio que dispensou a juventude, fazendo circular o seu jornalzinho impresso e que constituiu um novo marco para nossa querida terra, haja visto a necessidade de um jornal em nossa cidade (NEVES, 2012, p. 79).

Para Reghin (2012), ao fazer o recorte espaço-territorial a princípio, e o temporal a posterior proposto por Gohn (1997, p. 13), tem o primeiro paradigma apresentado acerca dos Movimentos Sociais desenvolvido na América do Norte. Os principais expoentes eram adeptos das correntes psicossociais, de sociedade de massas, sociopolítica, funcionalismo e organizacionais - comportamentalistas, o que já fornece o gancho da forte influência do campo da psicologia para compreensão dos movimentos sociais.

Aponta para o paradigma clássico norte americano, desenvolvido aproximadamente entre 1930 até a década de 1960 com o seu eixo central girando em torno da "teoria da ação social e a busca de compreensão dos comportamentos coletivos (...) analisados segundo um enfoque sociopsicológico. A ênfase na ação

institucional, contraposta a não-institucional, também era uma preocupação prioritária” (GOHN, 1997, p. 23).

É bem claro, esse primeiro paradigma fazer parte das ações vividas pela URES e seus autores enquanto único movimento social atuante desde a sua fundação até 1964: uma sociedade elitizada mais inquieta, sofrendo coletivamente em virtude do isolamento social.

Segundo Gohn (1997, p. 25) aponta cinco correntes dessa primeira fase. Apontamos aqui a primeira, por fazer parte dessa ligação com a pesquisa. Ela é definida como interacionismo simbólico e atribui um papel central à interação entre o indivíduo, a partir de suas subjetividades psicológicas, e a sociedade, nas suas transformações e aponta a Escola de Chicago e alguns interacionistas simbólicos do início deste século XX. Como um dos produtos desta corrente temos a primeira teoria sobre os movimentos sociais, no trabalho de Herbert Blumer (1949).

A Escola de Chicago se destacou nos estudos concernentes as transformações decorrentes do acelerado processo de urbanização e as suas consequências que assolavam a cidade, assim como aquelas provenientes da sociedade industrial na Inglaterra. Da mesma maneira, impulsionou sociólogos a buscar explicações para novos fenômenos, como, nesse caso, os conflitos gerados pelas mudanças sociais. O método concebido por essa escola ficou conhecido como Interacionismo simbólico e atribui um papel central à interação entre o indivíduo, a partir de suas subjetividades psicológicas, e a sociedade, nas suas transformações (REGHIN, 2014, p. 19).

Em seu período de funcionamento que vai de 1952 a 1964, a URES, teve como instrumento de comunicação os jornais na década de 1950, a Gazeta Estudantil, e na década de 1960, O Estudantil (NEVES, 2012, p. 70-71). Durante esses doze anos de atividades, o isolamento com o resto do país, provocou o que Gohn, define como carência social. Isso motivou a entidade a seguir uma linha de ações mais pautadas e direcionadas no primeiro momento alinhadas com a igreja católica, depois com as alianças governamentais para a impressão do seu informativo na gráfica da imprensa oficial, e por fim a preferência de se opor a fazer um debate mais politizado como faziam as duas entidades nacionais, UNE e UBES.

Se encaixam, assim, em tipologia criada posteriormente, junto com as teorias das carências sociais, ou seja, os movimentos sociais surgem como respostas a carências decorrentes das mudanças sociais. O autor, afim de sistematizar sua obra, elabora diferentes categorizações de acordo com os objetivos dos movimentos sociais que podem ser genéricos (que seguiriam tendências culturais sem se ater a um objetivo específico e palpável), específicos ('cristalizações' e aprofundamentos dos anteriores – podem ser reformistas ou revolucionários) e expressivos (movimentos da 'moda', como

religiosos, artísticos, filosóficos). Há em sua obra, um forte apelo à ordenação social, o papel dos indivíduos, com um destaque para a liderança, e uma ideia processual dos movimentos que podem surgir desprezioso mas assumem, após a euforia inicial e aprendizado organizacional, um importante papel de organização e cooperação entre os indivíduos (GOHN, 1997, p. 26-35) (REGHIN, 2014, p. 19-20).

No 05 de outubro de 1988, o Território Federal de Roraima passa a condição de Estado da federação. É nesse mesmo ano, no dia 11 de novembro que a URES volta a ser reconstruída. Na realização do seu congresso de reconstrução, os estudantes adotam o slogan: “Movimento estudantil, forte, unido e atuante”. Segundo Neves (2012), a primeira grande manifestação feita pelos estudantes secundaristas pós golpe empresarial-militar de 1964, ocorreu ainda naquele ano contra o Governador biônico Romero Jucá Filho. Os estudantes protestaram contra o Governo que determinou que o prédio do Palácio da Cultura passasse a abrigar a nova Assembleia Legislativa do Estado.

Um abraço no quarteirão do prédio foi organizado pelo movimento estudantil como ato simbólico. Outras manifestações ocorreram, com uma pauta aliada com o recém-criado Sindicato dos Trabalhadores em Educação do Estado (SINTER), em defesa da escola pública.

Outra obra oficial de grande destaque para a composição do Centro Cívico foi o Palácio da Cultura. Concluída no ano de 1974, a obra abrigaria a biblioteca pública, um museu e um grande auditório, até que, no ano de 1988, o prédio foi fechado para reforma e, dali em diante tornou-se a sede do Legislativo Estadual (MARTINS, 2011, p. 9).

Segundo Neves (2012, p. 50), nos anos de 1991 a 1993, os estudantes saíram às ruas de Boa Vista e pressionaram a Câmara Municipal a votar as leis que assegurassem a meia passagem no transporte público e a meia entrada em eventos culturais aos secundaristas e universitários.

Percebemos nessa nova URES que surgia, uma virada decolonial, com mudança no espaço-tempo de onde/quem fala, com mudança de linguagens e as referências, sem esquecer do passado como referência.

Ao citar GALEANO e BALLESTRIN que ao demandar uma fala sobre nós, estou de acordo com as/os teóricas/os que se identificam pela corrente “neocolonial” “pós-colonial” ou “decolonial” que, assim como as demais, não possui apenas uma linha de interpretação, mas convergem no reconhecimento, no nosso caso, da América Latina enquanto uma região geográfica-política particular. Pode-se apontar um processo análogo de colonização, exploração, imposição cultural, abuso de sua terra, suas riquezas, suas águas, suas vidas e seus saberes, ou seja, uma região que viu expropriados seus 'recursos' ambientais e humanos e apropriados por

outras regiões. Há inclusive a compreensão do surgimento da modernidade associado ao processo de colonização da América, de modo que se torna insuficiente historicizar essa região sem levar em conta os processos colonizadores e suas consequências (PEIXOTO & FIGUEIREDO, 2018,p.394).

A URES, com suas lideranças do movimento estudantil assumindo também esse papel de único movimento social organizado no período do território federal do Rio Branco (década de 1950) e depois território federal de Roraima (década de 1960), passa a ter essa “libertação” de pautas reivindicatórias somente a partir das décadas de 1980 e 1990.

Nesse mesmo período, a união entre os estudantes é motivo de destaque na imprensa local, em decorrência do trabalho conjunto envolvendo as diversas entidades estudantis levando milhares de estudantes às ruas da cidade. Vários grêmios estudantis foram fundados. Tivemos até dois grêmios atuando na mesma escola, como é o caso da Escola de Formação de Professores de Boa Vista - EFPBV, com o Grêmio Estudantil “Geraldo Vandré”, ligado a corrente política do Partido Socialista dos Trabalhadores Unificados - PSTU e do Partido Comunista do Brasil - PCdoB e o Grêmio Estudantil “Paulo Freire”, fundado por correntes políticas ligadas a atual gestão da URES e a setores do MR-8”] (NEVES, 2012, p. 54).

A era das reivindicações colonialistas e de alianças com a elite chegava ao fim ou estaria o movimento estudantil liderado pela URES apontando para essa mudança decolonial?

#### 4.3 APRESENTAÇÃO E LEVANTAMENTO DA QUANTIDADE DE JORNAIS DA URES RECUPERADOS

Por estar localizado distante dos centros de acontecimentos político do país, o Estado de Roraima, na época território federal, tinha ligação somente por transporte aéreo. Os jornais impressos da entidade eram uma espécie de comunicação única e viável para consolidar a representatividade do protagonismo no movimento social no território.

Através dos seus jornais a URES transitava entre o processo organizacional e institucional em diferentes fases como apontado por Gohn ao afirmar que,

Organização e institucionalização são dois elementos conectados. Usualmente o segundo advém de organizações consolidadas. A organização também possui níveis interno e externo, sendo este último elemento da rede de articulações. A organização - vista como estrutura de suporte - e os significados culturais-simbólicos construídos pelo movimento são elementos-chave para se captar as mudanças socioculturais e política que os movimentos geram ou de que participam como atores fundamentais (GOHN, 1997, p. 260).

Com a ação metodológica foram recuperados alguns exemplares dos Jornais “A Gazeta Estudantil” a capa da edição de 1955; Do “O Estudantil” foram recuperadas 20 edições impressas e completas do período de 1960 a 1964 e 07 edições do “O Movimento” que circulou em 1997 e em 2001, com uma edição completa de cada período, sendo as demais, apenas a capa dos periódicos, foi feito o levantamento e identificação nominal dos integrantes das equipes que atuaram no informativo ocupando os cargos de diretor, secretário e redator no período compreendido e cada jornal.

Nessa cartografia estão os números publicados, manchetes, equipe e linha editorial, num período que por diversas vezes teve somente a URES como protagonista das reivindicações da sociedade boavistense. As fases assim divididas:

Primeira Fase: A Gazeta Estudantil - 1955 (1 edição analisada)

Segunda Fase: O Estudantil - De 1960 a 1964 (20 edições analisadas)

Terceira Fase: O Movimento - De 1997 a 2001 (7 edições analisadas)

#### 4.4 PRIMEIRA FASE: A GAZETA ESTUDANTIL - 1955

Na primeira fase do jornal ainda percebemos uma URES em organização. Mesmo assim o uso da impressão tipográfica se destaca pelo menos na única edição recuperada. A recuperação dessa edição ocorreu quando o estudante Jacó Alves, no ano de 1986, quando da organização da Comissão Pró-URES. Dez anos depois esse exemplar chegou a ser repassado a mim. O ano era 1996 e a URES já tinha sido reconstruída. Minha intenção era através desse exemplar, apresentar ao conjunto da organização a importância de termos um jornal dos estudantes para os estudantes. Essa ideia, porém, só foi consolidada no ano seguinte.

A edição desse exemplar serviu também para a minha pesquisa junto ao curso de jornalismo da Universidade Federal de Roraima - UFRR, no ano de 2004. Por ser de papel jornal e por estar guardado em local inapropriado da atual sede da URES, ele acabou sendo prejudicado. Mas ainda deu de tirar uma fotocópia da primeira página, cópia essa digitalizada e que ilustrou a página número 72 do livro “Coração de Estudante - memórias de um militante”, publicado em 2012 e o resultado da monografia apresentada por mim junto ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraima - UFRR, como parte dos



requisitos necessários para obtenção do título de bacharelado em comunicação social, habilitação em jornalismo, sob a orientação da professora mestra Maria Shirley Luft, em 18 de dezembro de 2004, com o título: “O Impressos da União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES) - Levantamento histórico”.

Portanto o primeiro jornal a circular em nome da União Riobranquense dos Estudantes Secundaristas, hoje roraimense, foi o “A Gazeta Estudantil. O jornal tipo tabloide com 04 páginas. Diagramação em cinco colunas.

Segundo Neves (2012, p. 76.), o jornal era voltado basicamente para divulgar as ações da URES e do movimento estudantil nacional. Conseguimos recuperar apenas uma edição do impresso. A manchete do jornal e suas informações de expediente: “Incentiva a nossa classe, o pres. da União Brasileira dos estudantes secundários”; comentário referente a mensagem do presidente da UBES Carlos Salzano Vieira da Cunha. Edição número 03 - Ano I, Boa Vista, sábado, 13 de fevereiro de 1955. (Neves, Paulo Thadeu Franco das, Coração de estudante - memória de um militante, Boa Vista 2012, p. 72). Presidente da URES: Zildo Batista Torreias. Diretor do Jornal: Cloter S. Mota. Secretário de Redação: Areolino Pires. Redatores: Luiz Hitler Lucena, Francisco Queiroz Correa e Alípio A. de Lima.

#### 4.5 SEGUNDA FASE: O ESTUDANTIL (1960-1964)

Na segunda fase dos impressos da URES, temos uma vasta documentação impressa. Todas elas foram digitalizadas para preservar o material coletado quando estivemos na presidência da organização no ano de 1988, data da sua reconstrução. Analisando os jornais recuperados nesse período de 1960 a 1964, consegui destacar dois personagens protagonistas do processo não somente de organização e consolidação do movimento estudantil roraimense nesse período, mas do empenho nas sequências de publicações do jornal “O Estudantil “. Trata-se dos estudantes Francisco Galvão Soares e de Aimberê Soares de Freitas. Hoje ambos fazem parte dessa pesquisa e foram entrevistados por mim através de uma solicitação ao Comitê de Ética em Pesquisa (CEP), através do projeto de pesquisa junto ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação (PPGCOM), da Universidade Federal de Roraima sob o título: “Memória e identidade do movimento estudantil roraimense através do jornal ‘O Estudantil’ de 1960 a 1964”.

O Jornal da URES, nessa segunda fase, teve o apoio do padre diocesano Eugênio Possamai e a articulação e coordenação do então estudante secundarista Francisco Galvão Soares, hoje jornalista e aposentado. Ambos fundam em 10 de outubro de 1960 o periódico “O Estudantil”. Para Neves (2012, p. 77), apesar de se tratar de um jornal estudantil, nas primeiras edições, a tendência editorial do impresso era voltada para o religioso e somente no ano seguinte, o jornal adotou uma linha para debater os assuntos educacionais e da própria sociedade local.

Os informativos trabalhavam com artigos assinados por estudantes com temas variados, como datas comemorativas, meio ambiente, religião, comportamento social, convites para missas, piadas, poemas e notas convidando os estudantes filiados à URES a procurarem a tesouraria da entidade para pagar a mensalidade de sócio.

A segunda fase do jornal “o Estudantil” ocorre durante um período bastante conturbado do cenário político brasileiro. Como exemplo temos o ano de 1964, precisamente no mês de abril quando ocorreu o golpe empresarial militar que exilou o presidente João Goulart, no poder desde 1961. Para entendermos bem esse cenário nacional, a posse de Jango, como era conhecido o líder do Partido Trabalhista Brasileiro (PTB), só ocorreu depois da renúncia do então presidente Jânio Quadros, da União Democrática Nacional (UDN). Naquele tempo os eleitores votavam em separados os cargos de presidente e vice-presidente da República.

As disputas políticas em nível nacional refletiam diretamente nas alternâncias da equipe do jornalzinho. A direção do jornal destacava a responsabilidade total de quem assinasse os artigos publicados. Seguiam o que o expediente do impresso apresentava: “A direção não endossa, nem se responsabiliza por ideias lançadas em artigos assinados”.

Na edição de número 18 do O Estudantil datado de 1962, um artigo com o título “O Brasil Coeso”, assinado pelo estudante, a época, Aimerê Soares de Freitas, então diretor do periódico, deixa bem claro naquele momento a posição política do grupo ao convocar os estudantes a aceitarem a doutrina Monroe na versão brasileira. (...) [A América para os americanos e a doutrina brasileira, o Brasil para os brasileiros]:

A extrema direita que luta contra o centro e a esquerda; que pugna pelos ideais cristãos e conseqüentemente pela democracia e pela felicidade do povo brasileiro. A extrema esquerda que combate a direita e o centro, e

finalmente o centro que luta contra os dois leões, servindo ao mesmo de intermediário (O ESTUDANTIL, 1962, p. 2).

Nesse trecho do artigo, é bem clara a citação do diretor do jornal nessa época, o seu pensamento político alinhado com a extrema direita. No mesmo número do impresso, um outro artigo transcrito de um possível outro jornal denominado de “O Domingo”, datado de 28 de fevereiro de 1962, traz como título: “O que podemos fazer para que o Brasil não se torne comunista”.

Um título bastante fora do alinhamento defendido pelas entidades estudantis nacionais dos estudantes como a União Nacional dos Estudantes (UNE) e da União Brasileira dos Estudantes Secundaristas (UBES).

Na primeira edição o informativo traz dois artigos na primeira página. Assim apresentado: “A imprudência causa vítimas” e “Como surgiu o dia das mães”. Edição número 01 - Ano I, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco, segunda-feira, 10 de outubro de 1960. Órgão independente e noticioso da URES. Diretor: Francisco G. Soares. Redator: Padre Eugênio Possamai. Av. Bento Brasil nº 134 - Caixa Postal 184. Preço do exemplar: Cr\$ 5,00 - 06 páginas. Tamanho A4, duas colunas. Mimeografado no estêncil.

Na sequência teremos as demais edições dessa fase, com as manchetes de destaques, expediente, valor dos exemplares, quantidade de páginas e como foram as impressões, no formato mimeografado e tipograficamente. Algumas edições não foram recuperadas e outras parcialmente digitalizadas:

“A juventude em seus primeiros passos” e “O respeito aos mestres”. Edição número 02 - Ano I, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco, segunda-feira, 17 de outubro de 1960. Órgão independente e noticioso da URES. Sede: A. Bento Brasil, n.º 134. Diretor: Redator Francisco G. Soares. Caixa Postal 184. Preço do exemplar: Cr\$ 10,00 - 6 páginas. Tamanho A4, duas colunas. Mimeografado no estêncil.

“URES, a diretoria da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas, cumprimenta seus associados e digníssimas famílias, boas festas e feliz ano novo”. Edição número 03 - Ano I, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Domingo, 25 de dezembro de 1960. Órgão independente e noticioso da URES. Diretor-Redator Francisco G. Soares. Caixa Postal 184. Preço do exemplar: Cr\$ 10,00 - 06 páginas. Tamanho A4, duas colunas. Mimeografado no estêncil.

“A juventude e o futuro” e “Ruy Barbosa”. Edição número 04 - Ano I, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Domingo, 1º de janeiro de 1960. Órgão

independente e noticioso da URES. Diretor-Redator Francisco G. Soares. Caixa Postal 184. Preço do exemplar: Cr\$ 10,00 - 06 páginas, duas colunas. Mimeografado no estêncil.

“Crise. Boa Vista vive no momento uma das maiores crises já ocasionadas em toda sua vida, pelo intenso verão” e “Roubo. Indivíduos não identificados, na madrugada de quarta-feira passada, furtaram materiais de propriedade da URES - tábuas e alumínio”. Edição número 05 - Ano I, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Domingo, 28 de maio de 1961. Sede: URES. Órgão independente e noticioso da URES. Diretor: Redator Francisco G. Soares. Tamanho a4, duas colunas. Impresso tipograficamente.

“Aniversaria hoje o Governador Djacir Cavalcanti de Arruda”. Edição número 06 - Ano II, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Segunda-feira, 26 de junho 1961. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Francisco Soares. Secretário: G. Vidal. Redator: E. Moraes. Tamanho A4, 04 páginas, páginas 01 e 03 com duas colunas e páginas 02 e 04 com quatro colunas. Impresso tipograficamente.

“A URES cria o Dia do Estudante”. Edição número 07 - Ano II, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Domingo, 23 de julho de 1961. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Francisco Soares. Secretário: G. Vidal. Redator: Edemir Moraes. Redação: Av. Getúlio Vargas s/n. Tamanho A4, 04 páginas. As páginas 01 e 02 em quatro colunas e as páginas 03 e 04 em três colunas. Impresso tipograficamente.

\*Edição número 08, domingo, de 26 de agosto de 1961. Recuperadas cópias das páginas 03, 04, 05 e 06. Tamanho A4.

\*Edição número 09 - não recuperada.

“Edolier, Pres. Da URES” e “Rio Branco”. Edição número 10 - Ano II, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Quarta-feira, 13 de setembro de 1961. Órgão independente e noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Francisco Soares. Secretário: G. Vidal. Redator: E. Moraes. Redação: Av. Getúlio Vargas, S/N. Tiragem: 60 exemplares distribuídos gratuitamente. Mimeografado no estêncil.

“Curso Científico” e “Natal”. Edição número 11 - Ano II, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. 25 de dezembro de 1961. Órgão independente e noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Edemir de Moraes.

Secretário: Bento dos Santos. Redator: Pedro Corrêa. Conselho redacional: João Santoris de Melo, Wedner Moreira Cavalcante, Galvão Soares. Redação: Getúlio Vargas. Valor do exemplar R\$ 10,00. Tamanho A4, mimeografado estêncil, com 04 páginas.

“Encontraram menor raptada”. Edição número 12 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Sexta-feira, 18 de maio de 1962. Órgão independente e noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Rubem Bento. Redator: Pedro Corrêa. Tamanho A4, 03 páginas, ambas com quatro colunas. Valor do exemplar: Cr\$ 10,00. Impresso tipograficamente.

“Passeata da Fome”. Edição número 13 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Quarta-feira, 06 de junho de 1962. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Rubem Bento. Redator: Pedro Corrêa. Redação: Av. Getúlio Vargas s/n. Valor da edição: Cr\$ 10,00. Tamanho A4, com seis páginas, ambas em quatro colunas. Impresso tipograficamente.

Figura 23 – Capa do Jornal O Estudantil, edição 13, 06 de junho 1962



Fonte: Jornal O Estudantil, 1962.

“Rádio Roraima no Ginásio”. Edição número 14 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Sábado, 30 de junho de 1962. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Rubem Bento. Redator: Pedro Corrêa. (\*recuperada somente a primeira página do impresso).

“Semana do Estudante”. Edição número 15 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Sábado, 21 de julho de 1962. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Rubem Bento. Redator: Pedro Corrêa. Redação: Av. Getúlio Vargas s/n. Tamanho A4, com quatro páginas. Impresso tipograficamente.

“Reassumiui: Nova da Costa”. Edição número 16 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Sábado, 04 de agosto de 1962. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Rubem Bento. Redator: Pedro Corrêa. Redação: Av. Getúlio Vargas s/n. Tamanho A4, com três páginas impressas tipograficamente.

Foto na capa do impresso do Governador da época Clóvis Nova da Costa. Foi suplente de deputado federal pelo território federal do Rio Branco, legenda de coligação formada pelo Partido Democrático (PSD), a União Democrática Nacional (UDN), o Partido Social Progressista (PSP) e o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Ocupou a Câmara de março a novembro de 1960 e maio a agosto de 1961.

“Eleita Maria Luiza Rainha dos Estudantes”. Edição número 17 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Sábado, 25 de agosto de 1962. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Rubem Bento. Redator: Pedro Corrêa. Redação: Av. Getúlio Vargas s/n. Tamanho A4, com quatro páginas, impresso tipograficamente.

“Formandos de 1962”. Edição número 18 - Ano III, Boa Vista, Território Federal do Rio Branco. Quinta-feira, 13 de dezembro de 1962. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Luiz Aimberê Soares de Freitas. Secretário: Paulo Coêlho Pereira. Redator: Damásio Douglas Nogueira. Redação: Av. Getúlio Vargas, s/n. Caixa Postal: 184. Preço da edição: Cr\$ 10,00. Tamanho A4, com quatro páginas impressas tipograficamente.

“Prefeito colabora com a URES”. Edição número 19 - Ano IV, Boa Vista, Território Federal de Roraima. Sábado, 16 de fevereiro de 1963. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Humberto Farias. Secretário: Paulo Coêlho Pereira. Redator: Damásio Douglas Nogueira. Redação: Av. Getúlio Vargas, s/n. Presidente da URES: Pujucam S. Maior. Colaborador: Danilo S. Maior Nogueira. Tamanho A4, com quatro páginas impressas tipograficamente. Foto na capa do jornal do prefeito municipal de Boa Vista, Mozart Cavalcante.

Figura 24 – Edição n.º 19 Capa do Jornal O Estudantil 16 de fevereiro de 1963



Fonte: Jornal O Estudantil, 1963.

\*Edição número 20 - não recuperada.

“URES no plano educacional”. Edição número 21 - Ano IV, Boa Vista, Território Federal de Roraima. Outubro, 01 de outubro de 1963. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Ruberval Vasconcelos. Diretor Redator: Antonio Vandenildo de Queiroz. Secretário: Francisco Cavalcante. Redação: Av. Getúlio Vargas, caixa postal: 184. Tamanho A4, com quatro páginas impressas tipograficamente.

“Padronização regional do livro para o G.E.C. - Expressiva vitória do BELMD da URES”. Edição número 22 - Ano IV, Boa Vista, Território Federal de Roraima. 26 de fevereiro de 1963. Órgão noticioso da União Riobranquense de Estudantes Secundaristas. Diretor: Ruberval Vasconcelos. Diretor Redator: Antonio Vandenildo de Queiroz. Secretário: Pedro de Souza Fernandes. Redação: A. Getúlio Vargas, caixa postal: 184. Tamanho A4, com 04 páginas impressas tipograficamente. Somente a página número 03 com a diagramação diferenciada.

#### 4.6 TERCEIRA FASE: JORNAL O MOVIMENTO (1997-2001)

A terceira fase dos impressos da URES, tem início somente em junho de 1997, quando a organização lançou o impresso O Movimento, como convocação aos estudantes do seu XII Congresso e o V da União Municipal dos Estudantes Secundaristas - UMES de Boa Vista. Vale ressaltar que a URES foi reconstruída somente em 11 de novembro de 1988. “Nas outras edições, os estudantes apresentaram matérias contra a administração do Governador Neudo Campos - já em seu segundo mandato” (NEVES, 2012, p. 84).

De dezembro de 1997 a abril de 2001, o impresso não circulou. Voltando somente a circular em maio de 2001 com duas edições seguidas.

Uma importante manchete para a comunidade estudantil, intitulada “Prefeita trama contra os estudantes” - matéria sobre o projeto de lei do vereador Otoniel de Souza, que seria votado na Câmara com o apoio da Prefeita Teresa Jucá (NEVES, 2012, p. 85).

Destacamos nessa fase um jornal mais trabalhado. Com matérias e fotos dentro de uma diagramação e impressão em off set do periódico.

“Todos ao XII Congresso da URES”. Jornal tamanho tabloide impresso com quatro páginas. Impresso off-set. Tiragem de 500 exemplares distribuídos gratuitamente. Sede: Rua Araújo Filho, 820 - Centro. Presidente da URES: Hélio Nascimento Ferreira. Vice-Presidente: Elizabete Demétrio Lira. Presidente da UMES: Nelcivânia das Neves Camelo. Vice-Presidente da UMES: Damosiel Alencar. Presidente da Casa do Estudante Secundarista e Universitário de Roraima - CESUR: Paulo Thadeu Franco das Neves. Secretário Adjunto da CESUR: Ênio Moura. O Movimento. Ano I. Edição 01. Boa Vista, 01 de junho de 1997. Fonte: NEVES, 2012,



p. 84. Na capa do jornal, a foto da coordenação do Congresso (análise em cópia recuperada em formato A4).

“Congresso diz sim ao movimento estudantil”. Jornal do movimento estudantil organizado de Roraima. URES/UMES-BV/CESUR.O Movimento. Ano I. Edição 02. Boa Vista, julho de 1997. Tamanho tabloide com 04 páginas impressas em off-set. Analisada edição original. Expediente: Jornal de circulação regional editado pela direção do movimento estudantil organizado de Roraima. Presidente da URES: Hélio Nascimento. Vice-Presidente: Domingos Costa. Presidente da UMES/BV: Wharley Brito. Vice-Presidente da UMES/BV: Kelly de Oliveira. Presidente da CESUR: Nelcivânia das Neves. Secretária Adjunta da CESUR: Elizabete Lira. Tiragem 1.000 exemplares distribuídos gratuitamente. Sede própria: Rua Araújo Filho, 820 - Centro. Cep: 60302-090 - Boa Vista - Roraima. Fone: (095) 224-0474.

Na capa do impresso, foto com a mesa de abertura do XII Congresso da URES e V Congresso da UMES, Boa Vista, junho de 1997. Na foto consta cinco pessoas assim identificadas da esquerda para a direita: Hélio Nascimento, presidente da URES, Salomão Cruz, vereador de Boa Vista, Josemar Coelho, Delegado do MEC/RR, Rafael Bastos, Secretário Geral da UBES e Antonieta Aguiar, representante da Ordem dos Advogados do Brasil-OAB, Seccional Roraima.

“Caos na educação - evasão escolar atinge 40%”. Jornal do Movimento Estudantil Secundarista de Roraima. URES/UMES-BV/CESUR. Edição especial unificada. Edição tamanho Tabloide impressa em off-set. Analisada edição recuperada em cópia, tamanho A4, as quatro páginas. O Movimento. Ano I. Edição 03. Boa Vista, agosto/setembro de 1997.Expediente: Jornal de circulação regional editado pela direção do movimento estudantil organizado de Roraima. Presidente da URES: Hélio Nascimento. Vice-Presidente: Domingos Costa. Presidente da UMES/BV: Wharley Brito. Vice-Presidente da UMES/BV: Kelly de Oliveira. Presidente da CESUR: Nelcivânia das Neves. Secretária Adjunta da CESUR: Elizabete Lira. Tiragem 1.000 exemplares distribuídos gratuitamente. Sede própria: Rua Araújo Filho, 820 - Centro. Cep: 60302-090 - Boa Vista - Roraima. Fone: (095) 224-0474.Jornalista responsável: Paulo Thadeu Franco das Neves. Registro nº 050/DRT-RR. Fotos: Nonato Souza, Platão Arantes/ Arquivo URES-UMES.

“Governador Agride Movimento Estudantil”. Jornal do Movimento Estudantil de Roraima. URES/UMES/CESUR. Edição impressa em off-set. Com quatro páginas

no formato tabloide. Recuperação da primeira página em formato A4 em fotocopia. O Movimento. Ano I. Edição 04. Boa Vista, outubro de 1997.

Na capa, foto de destaque com a legenda: “URES/UMES/CESUR em audiência com o Governador”. Identificados na foto da esquerda para direita: Neudo Ribeiro Campos, Governador de Roraima e Hélio Nascimento Ferreira, presidente da URES.

“Estudante é espancado por policia militares”. Jornal do movimento estudantil de Roraima. URES/UMES-BV/CESUR.O Movimento. Ano I. Edição 05. Boa Vista, novembro de 1997.Edição impressa em off-set. Com quatro páginas no formato tabloíde. Recuperação da primeira página em formato A4 em fotocopia.

Na capa, foto impressa em destaque com a legenda: “Valberto Jesus Ribeiro, estudante agredido”.

“Prefeita trama contra os estudantes”. Jornal do Movimento estudantil organizado de Roraima. Edição impressa em off set, edição original em tamanho A4, com duas páginas, frente e verso. O Movimento. Ano V. Edição 01. Boa Vista, maio de 2001.

Na capa fotos com a seguinte legenda: “Teresa usa o vereador Otoniel para defender os empresários”. Na contracapa mais duas fotos, do lado esquerda do vereador Otoniel Ferreira e do lado direito em destaque da estudante Maria Mesquita, presidente da URES.

“Vereadores aplicam golpe contra estudantes” - Grupo político da prefeita Teresa Jucá mutilou direito conquistado pela classe estudantil. Jornal do movimento estudantil organizado de Roraima. O Movimento. Ano V. Edição 02. Boa Vista, maio de 2001. Capa recuperada, primeira página através de publicação em livro de NEVES, 2012, p. 88.

Na foto, destaque na capa, a voto dos vereadores que na legenda diz: “Veja quem votou contra o povo de Roraima”. Identificados na foto da esquerda para direita, primeira coluna horizontal: Vereadores Otoniel Ferreira, Odete Domingues, Braz Benck, Tio Brito. Na segunda coluna horizontal: Ivo Cantanhede, George Melo, Aldo Dantas e Lourdinha Pinheiro.



## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A disputa ideológica dentro do movimento estudantil nacional se refletia também na face interna do movimento social, chegando nos agrupamentos estudantis mais distantes do centro dos debates políticos. Para Gohn (1997), a composição de um movimento social pode ser vista sob dois ângulos: origem social de seus participantes ou do princípio articulatório que os aglutina:

A origem social é dada pelas classes e camadas que delas participam. Usualmente sempre temos a presença de alianças, entre setores das camadas médias e classes populares ou em outras formas. Entretanto, reiteramos, decididamente, a partir de exemplos históricos, que podemos ter movimentos sociais a partir de setores das elites, das classes dominantes, isto é, seja qual for o paradigma teórico-metodológico que se adote, há sempre movimentos sociais dos dominantes e dos dominados. Esta forma de abordagem permite enxergar vários movimentos sociais na história de um país que resultaram em várias revoltas militares, por exemplo (GOHN, 1997, p. 257).

Essa disputa ideológica tinha reflexo direto em toda e qualquer articulação feita numa face interna regional de atuação do movimento estudantil roraimense. Em alguns casos, as lideranças usavam meios de manter a formação política seguida da propaganda de agitação necessária para fazer a resistência frente a ditadura civil-militar instalada no país.

É o caso do movimento estudantil universitário do estado do Pará que durante a Ditadura civil-militar usava os impressos alternativos dentro da universidade levando informações estratégicas e de mobilização dos estudantes. Segundo Amorim & Silva (2016), os jornais produzidos pelos estudantes da Universidade Federal do Pará (UFPA), em dois momentos, foram estratégicos nas ações da categoria contrárias à nova ordem instituída: O Papagaio (1967) e Nanico (1979), de acordo com os autores, “os universitários encontraram, nesta imprensa, uma forma de tornar públicas as perseguições sofridas dentro do campus do Guamá, envolvendo professores e estudantes considerados subversivos” (AMORIM; SILVA, 2016, p. 178).

Segundo Amorim e Silva (2016), no estado do Pará os estudantes protagonizaram lutas contra a ditadura militar organizando várias manifestações sendo uma delas o protesto pela morte do estudante paraense Edson Luís, assassinado por policiais militares no dia 28 de março de 1968 no Rio de Janeiro, durante um confronto no restaurante Calabouço.

O professor da Universidade Federal do Pará, Roberto Corrêa, que em 1968 cursava Economia pela UFPA, e escrevia no jornal alternativo O Papagaio, juntamente com outros estudantes, foram os responsáveis pela convocação da manifestação pela morte do estudante paraense. Nas palavras de Machado, registra-se a organização da passeata paraense contra a ditadura militar; “Quando soube da passeata dos 100 mil no Rio de Janeiro, motivada entre outras coisas, pela morte do estudante paraense Edson Luiz, no restaurante Calabouço, Corrêa e os companheiros do Papagaio convocaram, a partir de diversos editoriais, uma passeata nos moldes da carioca. A passeata saiu da Faculdade de Medicina - UFPA, na avenida Generalíssimo e seguiu até a Avenida Presidente Vargas (MACHADO, 2014, p. 25, grifo nosso) (AMORIM; SILVA, 2016, p. 7).

Os jornais impressos, elaborados pelos próprios estudantes, foram uma alternativa de tornar público as agressões sofridas pelos estudantes e professores durante o governo dos militares. Os grandes jornais da mídia hegemônica estavam aliados com os militares. O movimento estudantil tinha na imprensa alternativa a única saída para que as informações de prisões, torturas e mortes chegasse à população.

A imprensa alternativa sempre foi motivo de estudos por parte de diversas correntes políticas. O jornal impresso bastante usado pelos movimentos sociais, teve o movimento operário, esse protagonismo na imprensa social, conforme apontou Rodrigues (1997, p. 37) ao destacar a importância da leitura dos impressos alternativos para poder conhecer com os próprios olhos a história desses movimentos, “esses jornais, que foram o maior esforço até hoje feito no Brasil para produzir informação e cultura fora das mesas do poder” (RODRIGUES, 1997, p. 37).

Para Amorim & Silva (2016), durante o período em que os militares estiveram no poder, as pessoas contrárias ao regime sofreram perseguições, assassinatos, torturas e tiveram seus direitos violados e a resistência dos estudantes na Amazônia usando como estratégias de comunicação a imprensa alternativa, contribuiu para dar informação à sociedade sobre as torturas e assassinados acometidos pelo regime, “Por meio desses periódicos, muitos perdidos pelo tempo, (re)conhece-se nomes de pessoas que lutaram pela democracia do país e da Amazônia. Uma história ainda desconhecida da sociedade” (AMORIM; SILVA, 2016, p. 197).

O triunfo de uma carência material é a obtenção do bem demandado, na sua totalidade ou não. As utopias, diferentemente das carências, não partem de uma situação dada buscando suprir suas lacunas e necessidades. Elas são uma reinvenção da realidade, têm um ideal a atingir, vão além do possível de ser feito no momento - buscam o impossível (SOUZA, 1996). Elas geram ideologias, movimentos e novos valores (GOHN, 1997, p. 257).

Precisamente de 1962 até fevereiro de 1964, o jornal O Estudantil foi o único a circular no Território Federal de Roraima. Sendo o porta voz não somente da pauta reivindicatória estudantil, mas da população em geral. Seus agentes, ora recebiam apoio do governo para sua impressão tipográfica, ora eles recorriam a impressão ao mimeógrafo. Faziam a cobrança da pauta estudantil sem gerar nenhum conflito político na sociedade ou ao governo. Permaneceram nessa linha até a chegada da ordem do governo militar para o fim de sua circulação.

A estética não pode ser vista de uma forma egoísta. Se você se sente incomodado ao visualizar algo, ou você começa a incomodar algo, você está vivendo a estética. Para Eagleton (1990, p.327), a estética até então classificada como o belo, “continuará como belo, mas ela passará a ser inserida em tudo na vida, seja nos sentimentos ou até mesmo no campo da atividade humana”. Em alguns momentos, os integrantes que fizeram circular por quase quatro anos “*O Estudantil*”, passaram por esse ciclo.

A imprensa estudantil protagonizada principalmente no período de 1960 a 1964 pelo jornal “O Estudantil” trouxe diversos elementos para o debate. Seja através dos momentos de compreensão e de tensão provocados na sociedade, seja na identificação dos autores, das atividades, da linha editorial, de quem fazia a notícia e quem recebia a notícia. A imprensa alternativa, em especial a estudantil, consegue trazer à tona a memória do movimento estudantil em grande parte não conhecida pela sociedade.

Esse estudo apontou para a decolonialidade do próprio movimento estudantil, quando no segundo ciclo de atuação em sua primeira etapa consegue se estruturar não mais sob as asas do movimento nacionalista, integralista, da igreja e de políticos locais, mas sua organização vem através do apoio de militantes do Partido Comunista do Brasil (PCdoB) que atuavam na Associação dos professores de Roraima (APAIMA) e posteriormente no Sindicato dos Trabalhadores em Educação de Roraima (SINTER), dando assim uma guinada mais a esquerda e de pautas mais nacionais ligadas aos movimentos sociais.

Ao analisar a relação entre os jornais impressos da URES com os seus filiados, a pesquisa usou a representação social do objeto para levantar os devidos apontamentos. Sobre a relevância de periódicos como fonte histórica, Renée Zicman destacou que a imprensa:

É rica em dados e elementos, e para alguns períodos é a única fonte de reconstituição histórica, permitindo um melhor conhecimento das sociedades ao nível de suas condições de vida, manifestações culturais e políticas etc. (ZICMAN, 1985, p. 90 apud OLIVEIRA, 2011, p. 128).

A pesquisa da representatividade apontou como os jornais impressos da URES contribuíram de forma estratégica para a formação política de sua base e a relação dessas mensagens com a sociedade local. Como explica Moscovici (1988, p. 379) “nesses casos mostram-se as relações entre as estratégias da ideologia e os significados de palavras, onde uma ideologia tenta transforma-se numa representação social, numa parte da cultura”.

As representações sociais como conjunto de conhecimentos, opiniões e imagens, nos permitiu evocar um dado acontecimento, pessoa ou objeto. As identificações dessas representações estudadas, demonstrou uma interação social pelo que são comuns a um determinado grupo de indivíduo, nesse caso o movimento estudantil roraimense.

E, por fim, a pesquisa consegue identificar e construir a memória coletiva nos dois ciclos de atuação do movimento estudantil roraimense. O período dos jornais da URES coletados e estudados de 1955 a 2001, traz diversos símbolos. Os próprios jornais da URES em algumas edições foram mimeografados utilizando estêncil a álcool e tinta. Segundo Sodré (1977, p. 1) a “ligação dial tica é facilmente perceptível pela constata o da influência que a difusão impressa exerce sobre o comportamento das massas e dos indivíduos”.

A pesquisa nos jornais da URES provoca esse debate dial tico das lideranças estudantis com a sociedade local, dentro do ciclo estudantil e fases de circula o dos impressos. O movimento estudantil brasileiro em diversos momentos do cenário político nacional, foi o protagonista das lutas sociais. A a o dos estudantes ocorreu em diversos acontecimentos da história, exemplo: a expulsão dos “franceses” do Rio de Janeiro em 1710, ainda no período colonial; ou recentemente nas jornadas de junho de 2013 que levaram milhares de pessoas às ruas, “pareciam um enigma. Nem a alta do dólar ou o aumento da infla o podiam ser o motivo decisivo das revoltas” (SECCO, 2013, p. 71).

O que move essa juventude? Fazemos uma análise dentro dessa linha temporal, da a o dos secundaristas no período do império, passando pela república,

e por um período muito longo da ditadura empresarial-militar, até chegar nas diretas já, impeachment de Fernando Collor de Mello, eleição de um governo progressista e, por fim, na eleição de um presidente negacionista e que não acredita na ciência.

Esse mesmo movimento estudantil tinha na orientação de suas entidades uma pauta de lutas em defesa da escola pública e de uma educação de qualidade. Em todos esses momentos, o movimento estudantil esteve presente. Até mesmo nas jornadas de 2013, iniciadas sob a bandeira de luta por um transporte público digno e barato. “Os bondes virados, os trens apedrejados, os ônibus incendiados, os catracões, os muros pixados com as vozes das ruas, as barrigadas erguidas contra os sucessivos aumentos das passagens” (MARICATO et al., 2013, p. 13).

Mas o recorte, tem o movimento estudantil roraimense, como pano de fundo ao pesquisar através dos seus jornais impressos, A Gazeta Estudantil (1955), O Estudantil (1960 - 1964) e O Movimento (1997-2001) a memória e a identidade coletiva dos estudantes do Território Federal do Rio Branco, passando pelo Território Federal de Roraima, até chegar no Estado de Roraima.

A URES como articuladora dos jornais assume nesses dois ciclos de atuação do movimento estudantil roraimense, em alguns momentos, o papel de protagonista dos movimentos sociais da localidade. Esse mesmo espaço enquanto território geográfico, que no primeiro ciclo submetido em total isolamento através das vias fluviais, em virtude das constantes secas na região. É nesse cenário das décadas de 50 e 60, de “pré apocalíptico” e de periferia que vivia os estudantes roraimenses, distantes das pautas políticas e de lutas nacionais. O que ocasionou, por conseguinte, a defesa de uma plataforma local ou regional, junto com a população na luta contra o aumento do preço da carne e contra a falta de gêneros alimentícios provocados pelo isolamento geográfico da cidade.

A nível nacional, as reivindicações eram políticas e contrárias aos governantes que em sua maioria tinha o movimento estudantil como adversário nas disputas diárias. Mas não é o caso do movimento estudantil roraimense. Não nesse ciclo que antecede o golpe civil-militar ocorrido em 1964.

A pesquisa aponta que o movimento estudantil roraimense consegue dar uma guinada nesse seu segundo ciclo de atuação. Isso ocorre décadas depois, quando da reconstrução da URES em 1988 e o surgimento de novas lideranças ligadas as correntes estudantis de partidos de esquerdas, como o Partido Comunista do Brasil (PCdoB), Partido dos Trabalhadores (PT), Partido Socialista dos



Trabalhadores Unificados (PSTU) e até mesmo do Movimento Revolucionário 08 de outubro, MR-8. O registro da atuação dessas forças políticas só foi possível graças aos relatos publicados nos jornais da URES. Pela pesquisa é possível afirmar as diversas etapas para a consolidação dos impressos. Primeiro com a formação de uma rede comunitária de ação alternativa que em alguns momentos também servia de embalagem para noticiar fatos da elite e de grupos políticos no poder. Em seguida essa mesma organização estudantil, décadas depois, usa o seu periódico para fazer oposição sistemática aos governantes o que acaba projetando um cenário para circulação de uma linguagem de comunicação popular.

As lideranças estudantis nos dois ciclos do movimento estudantil atuaram em correntes polarizadas politicamente entre a esquerda e a direita, mas é possível identificar através dos jornais em suas três fases momentos de conciliação com a classe política local. Fica claro que o primeiro racha no movimento estudantil secundarista ocorrido na década de cinquenta já acentuava para uma polarização entre forças conservadoras e progressistas.

Essa divisão proporcionou uma corrida entre as forças para a organização do movimento estudantil em todo o país. A pesquisa consegue provar que coube as forças conservadoras e integralistas a missão de fundar no então território do Rio Branco, hoje estado de Roraima, a URES e manter a sua hegemonia até o acontecimento do golpe civil-militar de 1964. Assim como coube as forças progressistas e de esquerda a sua reconstrução no final da década de oitenta. A fundação da URES representou um marco divisor no então território federal de Roraima, seja como protagonismo nas ações juvenis de mobilizações, seja na formação de futuras lideranças que viriam a ocupar cargos públicos no cenário político roraimense.

Toda a pesquisa objetivou, através dos jornais da URES, contribuir para a construção da memória e identidade do movimento estudantil roraimense. Nesse caminho foram 28 jornais inéditos da URES recuperados, dezenas de livros, artigos, dissertações e impressos lidos além das entrevistas com as lideranças estudantis realizadas.

Será colocado à disposição da Biblioteca Nacional e da sociedade o arquivo digitalizado das três fases de circulação dos jornais da URES. Quanto as entrevistas realizadas com algumas lideranças estudantis das décadas de 1950 e 1960, essas farão parte da produção de um vídeo documentário sobre a comunicação, memória

e identidade do movimento estudantil roraimense ficando à disposição de toda a sociedade. A pesquisa através dos jornais da URES possibilitou o registro do início de caminhada de uma organização estudantil que percorreu nos três períodos da formação política de uma sociedade, como Território Federal do Rio Branco, Território Federal de Roraima e Estado de Roraima. Esse registro do antagonismo, da comunicação, identidade e memória do movimento estudantil roraimense irá possibilitar novas imersões .

## REFERÊNCIAS

- AGUIAR, Maria do Carmo Pinto Arana de. Imprensa: Fonte de estudo para construção e reconstrução da história. In: HARRES, Marluza Marques; SCOTT, Ana Silvia Volpi (orgs). **O Brasil no Sul: cruzando fronteiras entre o regional e o nacional / X Encontro Estadual de História**, de 26 a 30 de julho de 2010 / - Porto Alegre: ANPUH-RS, 2010. p. 1-11-22;
- AMORIM, Célia Regina Trindade Chagas & SILVA, Lanna Paula Ramos. Ditadura Militar (1964-1985): O movimento estudantil e a comunicação alternativa na Amazônia paraense, 2016. **Revista Observatório**, Campinas, ISSN n.º S2447-4266, v. 2, n. 5, p. 177-199, 25 dez. 2016.
- BAHIA, Juarez. **Jornal, História e Técnica, história da imprensa brasileira**. Editora Ática: São Paulo, 1990. 448 p.
- BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, Brasília, n. 11, p. 89-117, maio-ago. 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-33522013000200004>. Acesso em: 25 nov. 2021.
- BARDIN, L. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2011. 141 p.
- BILAC, Olavo; NETTO, Coelho. **Contos Pátrios**. 27. ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1931, 137 p.
- BLUMER, Herbert. 1939. "Collective Behaviour". In: PARK. R. (ed.) **An Outline of the Principles of Sociology**. Nova York, Barnes E Noble. --, 1951. "Social Movements", In: Lee, Alfred. **Principles of Sociology**. Nova York, Barnes E Noble.
- BOGO, Ademar. **Identidade e luta de classes**. São Paulo: Expressão Popular. 2010. 260 p.
- CANDAU, Joel. **Memória e identidade**; tradução Maria Letícia Ferreira. 1. ed. São Paulo: Contexto, 2012. 219 p.
- CINTRA, André; MARQUES, Raísa. **UBES - Uma rebeldia consequente: A história do movimento estudantil secundarista do Brasil**. Projeto Memória do Movimento Estudantil, São Paulo: UBES; UNE, 2009. 165 p.
- DUARTE, Durango. **Coletâneas de entrevistas - Movimento estudantil no Amazonas**. Manaus: Instituto Durango Duarte, 2016. 132 p.
- EAGLETON, Terry. **A ideologia da estética**. Tradução autorizada da primeira edição inglesa publicada em 1990 por Basil Blackwell Ltda., de Oxford, Inglaterra. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor Ltda., 1990. 327 p.
- FANON, Fran. **The Wretched of the Earth**. Tradução de C. Farrington. Nova York: Grove Weidenfeld.1991. 315 p.

FREITAS, Luiz Aimberê Soares. **Entrevista**. Concedida a Paulo Thadeu Franco das Neves. Boa Vista/RR, 2022.

FREITAS, Luiz Aimberê Soares. **Geografia e História de Roraima**. Boa Vista: Instituto Aimberê Freitas, 2021. 159 p.

FREITAS, Luiz Aimberê Soares. **História Política e Administrativa de Roraima. 1943-1985**. Manaus: Ed. Hulberto Calderaro, 1993. 127 p.

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 16. edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra (1976) 1983. 392 p.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. São Paulo: Edições Loyola, 1997. 416 p.

GONSALEZ, Alexandra. **Jornalismo Comunitário**. São Paulo; Contexto, 2022.

GURGEL, Antonio de Pádua. **A rebelião dos Estudantes** (Brasília,1968). Brasília/DF: Editora UNB, 2002. 160 p.

MBEMBE, Achille. **Necropolítica, biopoder, soberania, estado de exceção, política da morte**. Trad. Renata Santini - São Paulo: N-1 edições, 2018.

MARCONI, Marina de Andrade. **Técnicas de Pesquisa: Planejamento e execução de pesquisas, elaboração, análise e interpretação de dados**. 7. ed. São Paulo: Atlas, 2009. 328 p.

MARTINS, Elisangela. Memórias de disputas e disputas pela memória na praça central de Boa Vista. In: Simpósio Nacional de História – ANPUH, 26, São Paulo, 17 a 22 de julho de 2011. **Anais...** São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), Cidade Universitária, 2011.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Boitempo, 2007.

MENEZES, Murilo Bezerra. **Entrevista**. Concedida a Paulo Thadeu Franco das Neves. Boa Vista/RR, 2022.

MILHOMES, Lucas; GOHN, Maria da Glória. Movimentos Sociais e Amazônia: Da ditadura civil-militar aos grandes projetos da atualidade. **Cadernos CERU**, série 2, v. 29, n. 2, p. 253, 259, dez. 2018.

MONTENEGRO, Rosilene Dias. **Juscelino Kubitschek: mitos e mitologias políticas do Brasil Moderno**. 2001. Tese (Doutorado em História) – Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, São Paulo, 2001.

MUNARO, Luiz Francisco; CORREIA, Cyneida Menezes. Os Jornais Impressos de Roraima e as Transformações na Atividade Política Estadual (1914 - 1989). **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, v. 3, n. 3, p. 36-55, set-dez. 2019.

MARICATO, Ermínia et al. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil** - 1 ed. - São Paulo: Boitempo; Carta Maior, 2013.

NEVES, Paulo Thadeu Franco das; **Os impressos da União Roraimense de Estudantes Secundaristas (URES) - Levantamento Histórico**. Monografia apresentada ao Departamento de Comunicação Social da Universidade Federal de Roraim, como parte dos requisitos necessários para obtenção do título de bacharelado em Comunicação Social, habilitação em jornalismo. 18 de dezembro de 2004.

NEVES, Paulo Thadeu Franco das. **Coração de Estudante: Memórias de um militante**. Boa Vista: Editora Boa Vista, 2012.

NEVES, Paulo Thadeu Franco das; MILHOMENS, Lucas. Movimento estudantil na Amazônia: contradições de 'O Estudantil' em Roraima. In: Intercom – Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 45, 2022, João Pessoa. **Anais...** João Pessoa: Universidade Federal da Paraíba, 2022. p. 1-13.

NEVES, Paulo Thadeu franco das. A união Riobranquense dos estudantes secundaristas (URES) o interacionismo simbólico e a virada decolonial. **Aturá Revista Pan-Amazônica de Comunicação**, Palmas, p. 78-97, 2020.

NORONHA FILHO, Antonio; MEIRA, Pedro. **A verdade do movimento estudantil**. Jornal do Brasil. Rio de Janeiro, 06 no. 1966, p. 04, Caderno especial.

NÓVOA, António. **Formação de professores e trabalho pedagógico**. Lisboa: Educa, 2002.

PEIXOTO, Rodrigo; FIGUEIREDO, Kércia. **Decolonialidade e sociologia na América Latina** / Edna Castro, Renan Freitas Pinto, organizadores. – Belém: NAEA: UFPA, 2018. 394 p.

PINTO, Renan Freitas. **A viagem das ideias**. Estudos Avançados. Manaus: Editora Valer, 2005.

POENER, Artur José. **O Poder Jovem** - História da participação política dos estudantes brasileiros. Rio de Janeiro: Editora Civilização Brasileira, 1979.

REGHIM, Mariane Silva. **Movimentos Sociais e o pensamento decolonial: da abordagem hegemônica à geografia do conhecimento**. 2014. Monografia (Graduação em Ciências Sociais) – Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, 2014.

RODRIGUES, Edgar. **Pequena história da Imprensa Social no Brasil**. Editora Insular. Santa Catarina, 1997. 160 p.

SECCO, Lincoln. **Cidades rebeldes: passe livre e as manifestações que tomaram as ruas do Brasil**/Ermínia Maricato - 1 ed. - São Paulo: Boitempo: Carta Maior, 2013.

SOARES, Francisco Galvão. **Entrevista**. Concedida a Paulo Thadeu Franco das Neves. Boa Vista/RR, 2022.

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. **História**. São Paulo: UNE, 2022. Disponível em: <https://www.une.org.br/memoria/historia/>. Acesso em: 30 nov. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS – UBES. Manifestações contra o golpe se espalham pelo país, 8 de dezembro de 2017. **Portal ubes.org**, [S. l.]: UBES, 2017. Disponível em: <https://ubes.org.br/2017/ubes-participa-de-conferencia-da-frente-brasil-popular/>. Acesso em: 25 nov. 2021.

UNIÃO BRASILEIRA DOS ESTUDANTES SECUNDARISTAS – UBES. Manifestações contra o golpe se espalham pelo país, 25 de abril de 2016. **Portal ubes.org**, [S. l.]: UBES, 2016. Disponível em: <https://ubes.org.br/2016/manifestacoes-contr-o-golpe-se-espalham-pelo-pais/>. Acesso em: 26 nov. 2021.

A ANULAÇÃO **UOL**. [S. l.], 2022. Disponível em: <https://mobile.twitter.com/UOLNoticias/status/1586174956538585089>. Acesso em: 20 nov. 2021.

VIEIRA, Jaci Guilherme Vieira. **Missionários fazendeiros e índios: a disputa pela terra**. Boa Vista: Ed. UFRR, 2007.

ZANLORENZI, C. M. P. História da educação, fontes e a imprensa. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 40, p. 60-71, dez. 2010.

ZICMAN, Renée B. História Através da Imprensa – Algumas Considerações Metodológicas. **Revista História e Historiografia**. São Paulo, n. 4, p. 89-102, jun. 1985.